

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

Gregório Zambon Diniz

**Cidade dos Homens**  
**etnografia de um salão masculino na periferia de São Paulo**

São Carlos  
2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

Gregório Zambon Diniz

**Cidade dos Homens:  
etnografia de um salão masculino na periferia de São Paulo**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos  
Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Cibele Saliba Rizek

São Carlos  
2016



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Sociologia

**Folha de Aprovação**

Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Dissertação de Mestrado do candidato Gregório Zambon Diniz, realizada em 16/12/2016:

---

Prof.ª Dra. Cibela Saliba Rezak  
UFSCar

---

Prof. Dr. Daniel Veloso Hirata  
UFF

---

Prof. Dr. Gabriel de Santos Feltran  
UFSCar

## **Agradecimentos**

Agradeço toda a rapaziada do salão e os amigos que fiz por São Paulo. Agradeço a Cibele, ao Gabriel, ao NaMargem, à Capes e à Fapesp. Agradeço a família e amigos. Agradeço a Deus e aos Orixás.

- *O que houve com o antigo banco? Era lindo.*  
- *Vivia sendo roubado.*  
- *É um preço pequeno a ser pago pela beleza.*

(Diálogo entre Butch Cassidy (Paul Newman) e um guarda de banco, no filme *Butch Cassidy and Sundance Kid*, 1969)

## **Resumo**

Sob o signo da heterogeneidade das periferias, tratadas enquanto territórios de uma cidade e todas as suas complexidades, esta dissertação busca, em um primeiro momento, descrever a própria feitura do trabalho e suas metodologias, marcadamente a minha entrada em campo mediante uma metodologia etnográfica, iniciando uma pesquisa em um salão masculino localizado na periferia leste de São Paulo. É a partir deste salão, bem como de meus deslocamentos pela cidade, fortemente marcados pela utilização dos trens e metrô, que se dão os meus pontos centrais de observação. Neste sentido, discorro sobre as normalidades e cotidiano do salão, tomando os quatro cabeleireiros como indivíduos centrais da pesquisa. Desse modo, além de remontar suas trajetórias de vida, tentei apreender os conhecimentos a partir das histórias que ouvia, remontando e analisando, assim, os motivos e motivações pelos quais os indivíduos circulam na cidade, a relatividade do dinheiro, valores e valorações, bem como elucidar *uma* cidade dos homens.

Palavras-chave: São Paulo, Etnografia, Periferia, Valores, Circulação, Trajetórias

## **Abstract**

Under the sign of the heterogeneity of the peripheries, treated as territories of a city and all its complexities this dissertation seeks, at first, to describe the work itself and its methodologies marked by my entry into the field through an ethnographic methodology, starting a research in a men's parlor located on the eastern outskirts of São Paulo. It is from this parlor, as well as my travels around the city, strongly marked by the use of trains and subways, that my central points of observation occur. In this sense, I discuss the normalities and daily life at the parlor, taking the four hairdressers as central individuals of the research. Thus, in addition to tracing their life trajectories, I tried to apprehend the knowledge from the stories I heard, tracing and analyzing, thus, the reasons and motivations for which individuals circulate in the city, the relativity of money, values and valuations, as well how to clarify a city of men.

Keywords: São Paulo, Ethnography, Periphery, Values, Circulation, Trajectories

## Sumário

Agradecimentos .....	4
Resumo .....	6
Abstract.....	8
Preâmbulo.....	12
I. Introdução .....	13
I.1 Vinheta: Guaianases à primeira vista.....	16
I.2 A cidade como signo não compartilhado.....	17
I.3 A periferia como cultura emergente .....	18
I.4 Entrada em Campo Pelo Cotidiano .....	20
I.5.1 Vinheta: Em Guaianases pela segunda vez .....	21
I.5.2 Vinheta: O salão do Candinho como ponto de observação .....	23
I.6 Problematizando o Campo.....	26
I.7 Base Epistemológica: a sociologia de Norbert Elias .....	29
1 Sobre Trajetórias e Lugares.....	34
1.1 Trajetórias.....	34
1.1.1 Candinho .....	34
1.1.2 Caio .....	36
1.1.3 Juca .....	40
1.1.4 Gabriel .....	45
1.2 Descrição do Lugar .....	46
1.3 O Dia-a-dia no Salão .....	50
1.4 Salão Vs Barbearia .....	55
2 Fluxo, Circulação e Mobilidade.....	57
2.1 Vinheta: O Ventríloquo e o Cego .....	57
2.2 O Transporte.....	58
2.3 Quem é e Para Onde Vai o Trem?.....	61
2.3.1 Vinheta: Lá Longe!.....	61
2.3.2 Sobre a Viagem .....	62
2.4 Motivos e Destinos: a circulação .....	65
2.4.1 Vinheta 3: Comprando Roupas.....	67
2.4.2 Síntese 1 .....	68
2.4.3 Vinheta: Contando a Balada.....	69
2.4.4 Síntese 2 .....	69

2.4.5	Vinheta: Quem é quem? .....	71
3	Dinheiro, Valor e Ontologia .....	73
3.1	Quanto vale um aluguel? .....	73
3.2	Quanto vale um carro? .....	75
3.3	Quanto vale um Tênis? .....	79
3.4	Quanto vale um Boné .....	80
3.5	Os Tipos do Salão .....	81
3.6	A Periferia não Vê Miséria? .....	82
3.7	O Que é Periferia? .....	84
3.8	Aonde entra a religião? .....	85
3.9	A Religião como força motora da ideia de trabalhador .....	86
4	Construindo a Cidade dos Homens.....	89
4.1	Trabalhador X Bandido .....	89
4.2	A Normalidade do Crime.....	90
4.2.1	Trocando Tiro .....	90
4.3	Sendo Assaltado.....	94
4.3.1	O Assalto a Mão Armada .....	97
4.3.2	A Reação .....	99
4.4	O Fluxo no Helipa .....	102
4.5	Uma Ideia de Cidade dos Homens: gênero, masculinidade e visão de mundo .....	104
	Considerações Finais .....	106
	Bibliografia.....	113

## **Preâmbulo** (ou breve revelação romântica não sociológica)

“São Paulo é o câncer do país. São Paulo é uma desgraça”  
Juca, sobre São Paulo

Sempre tive uma ligação com São Paulo. Isso tem a ver com certo deslumbre que sempre tive, desde criança, com a cidade. Este deslumbramento perdurou durante anos a fio, visto que não falo, aqui, mais como um fedelho. Foram anos e anos atentando São Paulo como modelo de cidade grande, de verticalização, de desenvolvimento.

Tudo isso começou a desmoronar quando eu comecei a entender um pouco mais sobre as cidades, sobre o desenvolvimento, sobre a verticalização, sobre o transporte. Claro que, como um rapaz radicado no interior do Rio de Janeiro, estado que tem quase como antônimo a palavra organização, ainda parecia certo que a capital paulista fosse um lugar amplamente referencial.

No entanto, o conhecimento nos torna pessoas um pouco mais críticas. E o conhecimento teórico sobre a vida, atrelado ao conhecimento prático da cidade, me mostrou que São Paulo é uma cidade inquietante, para dizer o mínimo. Se deixei de lado o entusiasmo de colocar São Paulo em um pedestal e fazer dela meu estandarte, me vi na missão de dissertar sobre ela nas suas mais distantes entranhas.

Porque São Paulo, como sempre digo, assim como digo das grandes cidades brasileiras, é uma cidade com muita cidade dentro. E se a São Paulo da Copa do Mundo de futebol é conhecida pelo seu cosmopolitismo, pelos seus prédios altos e/ou antigos, pela sua manobra urbanizadora que é símbolo grandioso dos processos ordenadamente classistas, da acumulação de gente em um lugar que seria, se fosse um estado, o segundo maior da federação, eu sempre procurei conhece-la por aquilo que não me tocava na vida prática, mas no coração. E foi nas periferias da cidade que fiz o trabalho de campo, mas também fiz amizades verdadeiras, conheci um monte de coisa e virei padrinho do filho recém-nascido de uma amizade que promete durar muito tempo. E nesta empreitada, desvendei que as margens de São Paulo, suas periferias, são a regra, não a exceção. Se a cidade é muita cidade dentro, ela o é de várias formas: urbanística, prática, representativa, política. E assim sendo, nunca podemos nos furtar de relevar estas situações: as generalizações só podem ser casuísticas, pois a cidade não comporta, na minha interpretação, generalizações a priori.

E assim, neste meio de campo deveras intrigante, onde me via paulista-caipira, radicado

na serra fluminense, estupefato pelo centro magnífico da maior cidade do hemisfério sul, mas também encantado com a horizontalidade quase infinita de suas margens, foi que fiz minha pesquisa de mestrado, que deu pano para a dissertação que aqui apresento.

Dei-me conta, nos processos de feitura deste texto que, conforme meu campo foi se desenvolvendo, também se desenvolveu, paulatinamente, meu processo de pensamento para a escrita. Neste sentido, mesmo que de maneira apenas indutiva, me flagrei, diversas vezes, escrevendo de maneira mais ou menos cronológica em relação às próprias idas a campo. Concluo, contudo, que este processo acabou se metamorfoseando em uma espécie de pilar que, juntamente com as leituras dos cadernos de campo, me faziam relevar as cenas etnográficas e extrair, muitas vezes, conteúdos específicos para análise.

Ainda me flagro pensando em como um devaneio de criança, pautado na vivência de um garoto que gostava de andar de ônibus e conhecer todos os rincões de sua cidadela, acabou se tornando uma motivação grandiosa para tentar compreender as relações, práticas e trajetórias de moradores da periferia de São Paulo. De fato, se a algum tempo me perguntassem sobre isso, jamais conseguiria dar nota de como esta pesquisa prosseguiria.

Prosseguindo, vou pular os passos que sucederam a minha mudança para São Paulo. É necessário ponderação neste momento. Fui criado em uma cidade que hoje tem menos de 20 mil habitantes, na serra fluminense. Fiz o colegial em Itaipava, distrito muito famoso, pertencente à cidade de Petrópolis. Foi aí que tive meu primeiro contato com uma cidade maior. No entanto, vale ressaltar que as cidades do Rio de Janeiro, principalmente as serranas, tem uma lógica muito peculiar, principalmente devido às suas poligonais extremamente compridas, que acompanham os vales, fazendo destas cidades polos pouco adensados.

E em uma ida à Brasília quase aventureira, fiz minha graduação na capital federal, local de moradia de mais de 2,5 milhões de pessoas. Posso dizer que lá tentei viver a cidade nas suas mais diversas formas, mas tendo consciência que este objetivo foi largamente frustrado. Brasília é uma cidade polinucleada, extremamente discrepante em seus territórios. No entanto, foi daí que meu pensamento teórico surgiu, dando início ao que chamo há algum tempo de cidade dentro da cidade. Em Brasília que nasceu o germe desta ideia, que pontua minha trajetória intelectual e que deu cabo ao meu projeto de mestrado, que aqui aparece findado em forma de texto.

Foi, no entanto, em São Carlos, que comecei a desenvolver esta pesquisa. Mas São Carlos não se evidenciou como cidade a ser estudada, mas como polo intelectual que gostaria de compartilhar. Neste sentido, afirmo que não foi por acaso que migrei tantos quilômetros na perspectiva de estudar as cidades. A sociologia urbana em São Paulo - e também no Rio - ¶¶

despontam, há algum tempo, como marcos importantes na bibliografia, sendo São Carlos importante reduto dos estudos etnográficos urbanos.

Assim sendo, pra continuação deste trabalho, peço licença para uma linguagem amplamente descontraída, com muitas cenas etnográficas e uma perspectiva de cidade largamente pautada nos meus interlocutores, mas, sem dúvida, também marcada neste fascínio quase infantil que tive – ou ainda tenho – por São Paulo. Esta cidade, por ser o que representava para mim - desenvolvimento, modernidade, verticalização, infraestrutura - me pareceu o ponto certo para o desenvolvimento de uma pesquisa que, de início, tinha apenas um questionamento central: para longe do senso comum, o que é periferia para moradores de periferia.

## I. INTRODUÇÃO

Em Abril de 2015 me mudei para São Paulo para fazer a pesquisa de mestrado na periferia leste da cidade. Foi aí que me mudei de fato, pois ainda morava em São Carlos. Digo periferia leste porque São Paulo tem periferia pra todo lado da cidade. Digo por todo lado, mas não por toda parte. Não, São Paulo não é como o Rio de Janeiro ou Recife, como Salvador ou Maceió. Na maior cidade do Brasil, a ideia de periferia nunca pareceu tão correta: o contorno, o de fora, o do lado de lá, a extremidade. Em São Paulo a pobreza tende a respeitar os contornos da cidade. Mas a cidade é grande, vasta. E sendo assim, ela acaba exacerbando, no dia a dia, o que se quer abafar. São Paulo é mais periferia do que qualquer outra coisa. Por que a lógica da capital paulista é a da horizontalidade, por mais que, assistindo de fora, tenhamos a noção justamente oposta. A regra, se é que posso usar esse termo, é o sobrado, a família perto, as relações de vizinhança, o transporte público no dia a dia. A São Paulo que vemos na televisão é a São Paulo de quem? Quem, no final das contas, usufrui de seus museus, suas noites, seus bares e restaurantes e seus cinemas? Dos seus quase 12 milhões de habitantes, quem aproveita essa cidade? (Extraído das primeiras impressões dos cadernos de campo)

Há algum tempo as ciências sociais vem problematizando as cidades fugindo dos dualismos, do bom e ruim, do certo e do errado. A ideia da cidade polarizada, do centro e da periferia antagônicos, vem perdendo espaço nos estudos urbanos, sendo as dinâmicas dos territórios (BURGOS, 2005) estudadas e analisadas quantitativa e qualitativamente. No entanto, ainda é marcante, no senso comum, uma dualidade centro-periferia, principalmente no que diz respeito à violência. Em São Paulo, por exemplo, a ideia de periferia ainda é marcadamente estereotipada sob a luz do tráfico de drogas e da pobreza. O pensamento inicial deste trabalho surge justamente na problematização da periferia enquanto lugar. A ideia de que “a cidade é muita cidade dentro”<sup>1</sup> - ou a ideia associada do plural de cidade ser os seus territórios internos<sup>2</sup> - é norteadora e central para o estudo que se sucedeu.

Neste sentido, a perspectiva do trabalho foi de, inicialmente, buscar compreender como moradores de periferia se entendem enquanto moradores de periferia. O que seria, para um morador do extremo leste da capital paulista, morar ali? Quais as relações destes sujeitos com toda a diversidade da cidade? Este ponto inicial me interpelou de maneiras diversas quando pensava em como seria o procedimento metodológico para conseguir encaminhar a pesquisa.

Entender as periferias e, de um modo geral, as cidades, é entender seus processos<sup>3</sup>, desde como se formaram até as agências e estruturas de sua dimensão social. A meu ver, entender os modos de pensar, relativizar, circular, e entender suas próprias condições é algo demasiado

---

<sup>1</sup> Em referência ao meu trabalho de conclusão de curso “A Cidade é Muita Cidade Dentro: Brasília, Ceilândia e a territorialização do Distrito Federal (2013).

<sup>2</sup> Thais Rosa citando Fortuna e Leite (2014)

<sup>3</sup> A perspectiva de processo aqui é encarada a partir da ideia eliasiana (1994; 2000). Obviamente, Elias estava pensando, para análise, em processos de longuíssima duração. De toda forma, a ideia de que a história é um instrumento do sociólogo para entender a sociedade dos indivíduos, pois é um processo, me parece valiosa.

importante dentro dos estudos que se pretendem sociológicos. Neste sentido, dialogando com a ideia de Veena Das (2011), compreender os modos como os indivíduos transitam pelas estruturas condicionantes e produzem suas vidas é uma tarefa cara a esta pesquisa.

Neste sentido, como explicarei no decorrer do texto, fiz uma pesquisa etnográfica em Guaianases, um distrito localizado na periferia leste da cidade de São Paulo. Durante mais de três meses (o tempo contido para a redação deste texto) *fiz* “observação participante” em um salão masculino no centro de Guaianases. Foi ali que ouvi e contei histórias, aprendendo muita coisa do que dizem “ser de periferia”.

No primeiro projeto de pesquisa havia um ponto central para o trabalho: os modos de percepção entre moradores de periferia a partir do local de moradia. A hipótese era que os estigmas sofridos pela “periferia” se mantinham internamente, formando uma lógica “centro-periferia” interna. A alegação da pertinência desta hipótese vinha desde os meus trabalhos, ainda sobre a periferia de Brasília, assim como em alguns outros textos, tanto do ponto de vista quantitativo e heterogêneo das periferias (Torres, 2003), como de trabalhos etnográficos, tal qual os de D'Andrea (2008; 2013)

Desde o começo, a ideia era fazer uma pesquisa etnográfica que evidenciasse essas diferenças de percepção internas às periferias e favelas, numa análise comparativa que privilegiasse também a ideia de lugar, tomando como base de estudo uma “periferia consolidada” e uma “franja urbana”. Estes processos de conceituação das periferias, na tentativa de explicar e entender sua urbanização, vem sendo estudados por autores como Torres (2004; 2005) e, mais recentemente, Saraiva (2008).

Como um fio condutor deste trabalho, a construção da masculinidade permeia todo o texto, pois, em última instância, estou falando da “cidade dos homens”. Por ser uma etnografia feita, fundamentalmente, em uma barbearia, o universo que contempla as histórias é essencialmente masculino. Neste sentido, os entendimentos que apreendi do morar na periferia são a partir de um mundo de homens, jovens e velhos, brancos e negros, mas quase nunca de mulheres. Os códigos, fluxos, representações e práticas que pude acessar são quase que na sua totalidade masculinos.

Neste trabalho, sendo a cidade meu plano de referência (TELLES, 2006), é com ela que pretendo dialogar nas generalizações. Dessa forma, os contextos que reproduzo no texto serão inseridos em uma dimensão mais ampla, abstraindo as relações menores e elevando-as a um patamar de entendimento que as enquadre dentro de uma ordem maior, macrossocial, dialogando com a bibliografia.

Assim sendo, o que este trabalho busca é pensar religião, circulação, fluxos, rotina

gênero, trabalho e violência, que aparecem nas trajetórias dos indivíduos e nas observação participante em si, ainda que o aprofundamento de todas estas questões seja muito difícil. A perspectiva deste trabalho é, portanto, situacional e relacional. Ele partiu de uma sociologia do cotidiano, das relações sociais que se estabelecem no dia a dia e de tudo que se pode apreender nas ações. Neste sentido, como dito, perpassa uma microssociologia, assimilada na ideia de que os contextos são importantes e os agenciamentos diários nos revelam muitos saberes. Como avalia Rizek (2013, p. 15), “dessa perspectiva, é possível pensar a pesquisa etnográfica como um caminho fértil para compreender a produção – o fazer, relações, práticas, horizontes e modos de recepção – das dimensões urbanas e de seus sentidos”.

Outro ponto importante em relação à etnografia é a sua relação intrínseca com o tempo (RIZEK, 2013). Neste trabalho, como será mostrado, o tempo é um importante marcador, e também perpassa toda a pesquisa, em dois sentidos. Por um lado, o trabalho de campo etnográfico tem de ser pensando como um trabalho no tempo. Indo nesta direção, Das (1999) diz que o

tempo não é algo meramente representado, mas um agente que “trabalha” nas relações, permitindo que sejam reinterpretadas, reescritas, modificadas, no embate entre vários autores pela autoria das histórias nas quais coletividades são criadas ou recriadas (1999, p. 37)

Por outro lado, o tempo do dia a dia, das rotinas, dos marcadores para cada ação, serão também desvelados.

Geertz (1989) avalia o fazer etnográfico a partir da ideia de descrição densa. Isso quer dizer que devemos levar em conta todos os fatos e ações, dos maiores, mas à vista, até os menos evidentes, buscando interpretá-los e articulá-los. A etnografia pressupõe a interpretação como recurso. Neste sentido, é preciso sempre dimensionar o máximo de informações possíveis, no campo, com as anotações, para depois “compreender, interpretar e traduzir”. Para Rizek (2013, p. 23), “o diário de campo funciona como um anúncio de um texto futuro, ao qual só se chega, quando se chega, por esse retorno ao trabalho *de* campo. O etnógrafo está sempre trabalhando com a memória.

Wacquant (2002) nos dá um bom panorama sobre o fazer etnográfico, trazendo à baila questionamentos sobre o papel o pesquisador-observador no campo de pesquisa. Neste sentido, mostra, como muitos autores, a necessidade de ir a campo e “viver” o campo,

[...] parece que, para se ter alguma chance de escapar ao objeto pré-construído da mitologia coletiva, uma sociologia do boxe deve evitar o recurso fácil ao *exotismo pré-fabricado* da vertente pública e publicada da instituição[...]. Ela [a sociologia] deve apreender o boxe pelo seu lado menos conhecido e espetacular: a cinzenta e lancinante rotina dos treinamentos na academia, da longa e ingrata preparação, inseparavelmente física e moral, que preludia as breves aparições sob as luzes da

rampa, os ritos ínfimos e íntimos da vida do *gym*, que produzem e reproduzem a crença que alimenta essa economia corporal, material e simbólica muito particular que é o mundo do pugilismo. Para evitar, portanto, o excesso da sociologia espontânea, que a evocação das lutas não deixa de suscitar, é preciso não subir ao ringue pensando na figura extraordinária do campeão, mas socar os aparelhos, ao lado de boxistas anônimos, no contexto habitual do *gym* (WACQUANT, 2002, p. 22)

## **L1 – Vinheta: Guaianases à primeira vista**

Uma vez, ainda em Brasília, conheci JJ por alguns amigos em comum. Em algum momento das conversas, ele disse que era de Guaianases, suscitando uma prosa interminável, pois sempre me indentifiquei com São Paulo e seu tamanho<sup>44</sup>. Ali ficou a promessa de que, quando eu fosse desenvolver o mestrado, ele me auxiliaria nos primeiros momentos. Começamos a conversar com mais frequência quando me mudei para São Carlos. Marcamos, então, uma ida à Guaianases.

Esperei JJ na estação da Luz. Era domingo. Tínhamos marcado por volta da 10 horas da manhã. Estava incrivelmente ansioso para esta visita. Havia chegado muito cedo de viagem e a espera parecia nunca ter fim. JJ ainda atrasou um bocado, chegando quase às 11 da manhã. Estávamos nos falando via mensagens de texto no celular. Eu havia chegado na luz por volta das 8 e 30. Sentei em um dos bancos da plataforma de embarque e já havia contabilizado os intervalos entre os trens naquele domingo quente. Eu tinha uma mochila um tanto pesada, pois havia chegado de Petrópolis e ia, ainda naquele domingo, para São Carlos. Quando ele chegou, um aperto de mão e um abraço. Tomamos o trem rumo à estação Guaianases. A linha de trem que vai até lá, também conhecida como Expresso Leste, é possivelmente a mais moderna das linhas da CPTM. Conforme o trem vai se adiantando rumo à Zona Leste, os prédios vão diminuindo de tamanho até que, passando a Vila Matilde, não se vai mais verticalização. Fui dividindo a atenção entre o que JJ me falava e a paisagem que eu via da janela do trem. Chegando em Guaianases, tomamos a lotação até a casa de sua avó, que nos esperava. Boa parte da família de JJ estava presente. Domingo é um dia tradicional de reunir os familiares e almoçar junto, me dizia. Depois de comermos, saímos para uma caminhada pelo

---

<sup>44</sup> São Paulo é a maior cidade do Brasil e uma das maiores do mundo. A cidade, hoje, tem cerca de 12 milhões de habitantes, o que a tornaria, caso fosse uma unidade da federação, o quinto mais populoso, perdendo apenas para o próprio estado de São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Bahia. Essa comparação é importante de início para termos noção do tamanho da cidade em perspectiva: a cidade de São Paulo tem mais habitantes que a Bélgica. A cidade é um importante polo latino de negócios, o que representa mais da metade de seus mais de 15 milhões de visitantes anuais. Ademais, ainda para conseguir nortear o leitor sobre o tamanho de São Paulo, a cidade tem mais de 20 mil bares, mais de 3 mil padarias – que produzem cerca de 10,4 milhões de pães ao dia – além de cerca de 4 mil e 500 pizzarias. São dados muito expressivos, que revelam não apenas o tamanho da cidade, mas também um pouco de sua cultura.

bairro. JJ foi me mostrar o lugar onde morou toda a sua vida.

Andamos por boa parte do bairro, subindo e descendo morros e pequenas estradas. A sensação da grandeza de São Paulo ganha novos contornos quando se substitui a imagem da verticalização do centro pela horizontalidade quase interminável de sua periferia. Do alto de um morro era possível ver grande parte da periferia leste de São Paulo, até, no horizonte, os altos prédios edificadas.

Enquanto andávamos, JJ ia me mostrando os lugares e os caracterizando. Passamos por inúmeras biqueiras, os “bar zica”, as escolas onde estudou, a “tríplice fronteira” entre os municípios de São Paulo, Poá e Ferraz de Vasconcelos, a casa de alguns de seus parentes, as praças, os campos de várzea, etc. Nesses caminhos, encontramos conhecidos de JJ e nos deparamos com outras cenas não esperadas, que suscitaram algumas reflexões.

Continuando a andar pelo bairro, fomos passando por vielas e ruas estreitas. Nas ruas, muitas motos com moleques sem capacete guiando. Encontramos dois homens mais velhos, aparentando mais de 50 anos de idade. Um deles mexeu com JJ, que rapidamente os reconheceu e firmou o diálogo. Os dois homens moram em Guaianases há muitos anos, e são amigos do pai de JJ desde os tempos de criança.

Depois da breve conversa, já perto de casa, voltamos. Algumas outras pessoas que eu ainda não tinha conhecido haviam chegado. Alguns outros primos, sobrinhos, tios. Boa parte da família estava na casa naquele momento. Era dia de futebol na televisão. A família de corintianos esperava começar o clássico contra o Palmeiras.

## **I.2 A cidade como signo não compartilhado**

De antemão, tomo como necessário explanar um argumento que é recorrente e imprescindível neste trabalho: a cidade não é um signo compartilhado pelos moradores de São Paulo. Possivelmente, pelo menos nas grandes cidades, esta pode ser uma afirmação generalizável, mas tomarei cuidado com estas afirmações universalizantes. No entanto, cabe destacar que, sendo ou não um signo compartilhado, a cidade é lugar importante de observação da desigualdade.

Essa perspectiva está amplamente atrelada, também, ao mote inicial desta pesquisa de mestrado, que tinha como pano de fundo a ideia de construir as diferenças de representação das ideias de periferia e favela para moradores do extremo leste da capital paulista. A própria pesquisa empírica mostrou as visões totalmente díspares sobre a cidade de indivíduos muito próximos, moradores de vilas nas redondezas.

O que posso afirmar é que os indivíduos tem uma ligação grande com o bairro em

questão, fortemente enraizada com suas “vilas”, amplamente tratadas como “o meu lugar”, mas tem profundo desconhecimento da maior parte da cidade, de seus espaços, públicos ou não, da vida em outras regiões, mais ricas ou mais pobres.

Isso tem menos a ver com o dinheiro e mais a ver com a circulação e o fluxo pela cidade. Tem maior ligação com a espacialização e territorialização do que com riqueza ou pobreza. A defesa desta prerrogativa reside na imagem de cidade que não se complementa pra nenhum lado. A periferia não é uma coisa só, assim como as classes médias e ricas também não (mesmo que seja mais fácil, pelo menos para mim, ver uma coesão maior nestas camadas). As perspectivas de cidade dentro da cidade são diversas, e seus processos históricos importantes.

Tomando como um plano mais geral, via de regra, moradores de áreas mais centrais de São Paulo tendem a não se deslocarem para as regiões mais periféricas da cidade. Por outro lado, o fluxo da periferia para o centro é vasto, mas em sua forma mais institucionalizada, ou seja, pelo trabalho. Desse modo, dentro de uma visão binária de cidade, de centro e periferia, um não compartilha a cidade do outro, a não ser pelo trabalho.

Isto vai no sentido dos estudos mais recentes sobre a cidade. Telles ressalta que

a cidade é muito mais heterogênea do que se supunha, que seus espaços são atravessados por enormes diferenciações internas, que pobreza e riqueza se distribuem de formas descontínuas, que os novos empreendimentos imobiliários e equipamentos de consumo alteram as escalas de proximidade e distância entre pobres e ricos, que os investimentos públicos realizados nos últimos anos desenham um espaço que já não corresponde ao continuum centro-periferia enfatizado pelos estudos urbanos dos anos 80 e que, enfim, somando tudo, se as desigualdades e diferenças existem e aumentaram nos últimos anos, elas se cristalizam em um espaço fragmentado que não cabe nas dualidades supostas nos estudos anteriores (Telles, 2006, p.60-61)

Como já argumentei, quanto mais conhecemos a periferia de São Paulo, mais constatamos que este termo da cada vez menos conta de toda a sua complexidade. Portanto, não é porque se tem uma parte da cidade que unifica as diferenças, tratando tudo como periferia, que essa periferia compartilha os mesmos símbolos, signos e práticas. Sendo assim, defendo que a cidade não é um signo compartilhado entre seus moradores, pois é ela mesmo um significada por símbolos diversos e territorializados.

### **I.3 A periferia como cultura emergente**

Um ponto importante de ser ponderado é sobre as articulações feitas em relação às periferias por grupos sociais, sejam diretórios, coletivos culturais, associações, etc. Não é porque nas periferias existem grupos com domínio de certas práticas atribuídas às camadas mais

ricas da população, principalmente no que tange a arte em suas mais diversas facetas, que esta é uma generalização plausível.

Em parte, penso que o compartilhamento das produções de coletivos culturais estão muito restritas a estes grupos mesmo, além de uma população “de fora”. Apesar de emergir da periferia, não é, necessariamente, assistida, conhecida e, no limite, compartilhada pelos moradores. Isso também diz respeito a grupos e coletivos políticos. É notável que estes eventos atingem, pelo menos de maneira indireta, a todos os moradores. Os ganhos de um coletivo negro pode gerar políticas que atingem a todos, por exemplo. No entanto, pelo menos a priori, não atingem “o grosso” da população.

Neste sentido, é logicamente importante emergir de dentro das periferias de São Paulo estes movimentos, mas eles não podem ser tratados como uma prática que totaliza os territórios, que une as pessoas ou, no limite, que representa a visão da maioria. Tem de ser tratados com relevância, com destaque, mas como um estudo em si, como alguns trabalhos vem fazendo.

D’Andrea, em sua tese de doutorado (2013), fala do movimento cultural de Guaianases, importante conjunto de coletivos de São Paulo. Apesar disso, mesmo tendo passado longo tempo pela região, jamais ouvi falar deste movimento. Nota-se também, pelas suas descrições, o caráter altamente politizado destes grupos, que ao mesmo tempo que recorrem organizadamente ao poder público em relação à região, não necessariamente reflete as noções daquelas localidades.

A partir deste ponto, o texto passará a discorrer sobre experiências culturais que ocorrem na periferia de São Paulo e que buscam superar o fenômeno de tentativa de governamentalização da população pobre por meio da ação cultural e para além da ação cultural e foram escolhidas para serem passíveis de análise por esta tese justamente por este caráter. Ou seja, são experiências que, tensionadas sobre o alcance político da obra artística, resolveram se organizar politicamente para além da obra artística, por mais crítico que seja o caráter no qual esta se apresenta para o mundo. Também são experiências que foram influenciadas pela tese do é nós por nós, mas não a defendem enquanto postulado político. Também são experiências que não buscam fazer assistencialismo por meio da atividade cultural. De todo modo, estas experiências estão constantemente posicionadas entre a ruptura e o aprisionamento, às vezes pelo mercado, às vezes pela política hegemônica de conciliação das classes, outras vezes pelo Estado e muitas outras pelo Establishment. (DÁNDREA, 2013, P. 197)

A ressalva que Tiaraju faz esta relacionada com as práticas culturais como modo de gestão da pobreza, explicitada por Rizek (2011 suponho). No entanto, fica claro o caráter amplamente politizado dos indivíduos e dos movimentos de um modo geral. É neste sentido que gostaria apenas de pontuar o fato da existência destes grupos não poderem referenciar toda uma população, assim como não acontece nos territórios mais centrais e ricos.

Desse modo, da mesma forma que mostro nesta dissertação que são os sujeitos da minha

pesquisa e tento não generalizar minhas interpretações, ao se nortear a periferia através de coletivos culturais e/ou políticos, acaba-se por ter um quadro analítico específico.

#### **I.4 Entrada em Campo Pelo Cotidiano**

Não posso dizer que tinha em mente as formas como a pesquisa aconteceria. De fato, não sabia, de início, nem ao menos qual seria o campo de observação central da etnografia que buscava desenvolver. Quando pensei em levar adiante o projeto, ainda me enrolava em como conseguir apreender as representações de vida de indivíduos que eu mesmo ainda não havia entendido quais seriam. Não foram muitas as reviravoltas, mas apenas um momento, uma chave que foi girada, e fez deste trabalho mais do que eu imaginei que ele seria.

O momento central da pesquisa foi, portanto, a entrada em campo pela barbearia, pelo salão do “tio Candinho”. É de uma vez só que encontro “meu lugar”, mas também defino meus sujeitos. De abril, mês em que fui a primeira vez no salão, até novembro, mês onde fui pela última vez como “pesquisador” que aprendi um pouco mais sobre como é ser jovem, trabalhador, negro e de periferia. Entendi um pouco mais como é casar-se cedo, ser pai jovem, como é ser migrante na década de 1970. De fato, nos meses que passei sentado naquele salão, andando pelo centro de Guaianases, tomando café no mercadão ou nas padarias das redondezas, indo para academia de boxe, pude apreender muito sobre o cotidiano de Guaianases, da cidade como um todo e dos sujeitos que convivi de maneira mais próxima.

Mas essa aproximação se dá através de um ambiente estritamente masculino. A presença de mulheres é quase nenhuma no dia a dia do salão. De fato, isso foi uma coisa notada diariamente e descrita exaustivamente nos meus diários de campo. As mulheres aparecem no salão muito mais nas falas dos garotos do que “de corpo e alma” presente. E mesmo nas falas, aparecem quando são o motivo das falas, quase nunca em alguma história cotidiana. Mais à frente falarei desse “apagamento”, inclusive nas trajetórias de vida.

Oliveira (2011), em algum momento do seu texto autoetnográfico, retoma sua trajetória de vida, mostrando como, hoje, depois de se formar antropólogo, ao tentar recapitular as suas trajetórias, se pergunta onde estavam as mulheres nas suas histórias, onde estavam as pessoas negras, etc. Neste sentido, posso dizer que “as mulheres que Oliveira não via” também não são vistas por muitos destes sujeitos. Isto tem a ver com o que chamo de cidade dos homens, uma relação entre práticas e lugares que parecem ter um recorte de gênero muito claro.

No entanto, comprovar a falta de presença de mulheres no cotidiano da barbearia não é uma tarefa tão complicada. O olhar do etnógrafo, do cientista social, constata com alguma

facilidade um recorte tão exacerbado como este. O motivo do questionamento deve ser, portanto, tentar elevar esta constatação a um plano referencial mais amplo, que possibilite incursões mais eficazes pelas discussões bibliográficas. Essa parece ser uma discussão do plano da ordem, das estruturas vigentes em determinado contexto. Esta discussão também será movimentada adiante. Aqui cabe, de início, compreender a facilidade de inserção no campo de pesquisa, onde, me parece, a questão do gênero soa fundamental.

### **I.5.1 Vinheta: Em Guaianases pela segunda vez**

Por mais que JJ tivesse me ajudado muito nessa primeira inserção no campo, nosso contato passou a ser mais ocasional. São diversos fatores que influíram aí, mas o fato é que eu não podia mais depender das inserções esporádicas, que ao mesmo tempo que me revelavam muito sobre Guaianases, eram restritas. Decidi voltar à Guaianases sozinho, em um dia de semana, para ver a movimentação do centro, as pessoas, etc., mas também observar o trem e suas dinâmicas.

Depois do trajeto feito nos trens da CPTM e de todas as novidades que vi pelo caminho, desci na Estação Guaianases. Um tumulto se iniciou, pois as plataformas não suprem o tanto de gente pra descer e pra subir no trem concomitantemente. Eu já estava achando tudo muito diferente em relação à primeira vez que tinha ido lá. Uma rampa comprida descia em dois lances até a saída. Eu nem me lembrava de ter passado por lá.

Ao sair da estação, caminho pela rua principal, paralela à linha férrea. É uma rua com muito comércio, que me lembrou, pelo seu estilo e o posicionamento das lojas, o centro das cidades do nordeste que conheço. Aliás, não é difícil ouvir um sotaque que puxa para os sotaques do nordeste do país. Rodei as principais ruas comerciais, indo dos dois lados da linha férrea. As primeiras “segundas” impressões de Guaianases eram totalmente diversas. Quando fui a primeira vez, por ser domingo, não tinha podido ver toda aquela movimentação de gente.

Nos caminhos (e descaminhos), vi alguns bares em uma das ruas. Voltei e entrei em um deles, naquele que me pareceu menor e, portanto, com menos gente. Logo na entrada uma mesa de sinuca. Poucas mesas no ambiente interno e nenhuma na calçada irregular. No fundo, um balcão. O dono estava sentado em um banco de concreto, logo na entrada. Entrei, puxei conversa e pedi uma cerveja. Era por volta das 13 horas e a TV passava o Globo Esporte. O homem era corpulento e branco. Me trouxe a cerveja, que como já alertava o Grupo Fundo de

Quintal sobre as cervejas de botequim, “nem gelada, nem quente”<sup>57</sup>. Pude observar alguns brinquedos de criança, que me fizeram crer que o homem tinha algum filho recém-nascido.

Fiquei sentado lá por cerca de uma hora. O cartaz do Corinthians campeão mundial de 2012 me fez puxar conversa de futebol. Na televisão, as notícias eram exclusivas das prisões do alto escalão da FIFA e da CBF. O rapaz não deu muita conversa, falava pouco. Conversamos brevemente sobre futebol. Ele pendia o assunto para os “pilantras que dominam o Brasil”.

Chega um rapaz e para conversar com o dono, ali mesmo, na porta do botequim. Pelo que pude escutar, era um office-boy, que contava que vinha de não sei onde e tinha que ir até Santo Amaro na sexta-feira fazer algum serviço. Ficaram um tempo conversando, até que o dono do bar levantou, como quem dá a “deixa” pro rapaz ir embora. O outro foi um cliente, mais velho e muito educado, que entrou no bar, conversou rapidamente, tomou um rabo de galo e saiu.

Já beirava as duas horas da tarde, pedi um pastel de queijo (o de carne tinha acabado), comi, terminei a cerveja, que a essa altura já estava bastante quente, e fui embora. O rapaz ia fechar o bar, mesmo que rapidamente, para ir ao banco.

Eu já tinha ido até Guaianases com a ideia de cortar o cabelo e, quando rodei o centro, por volta das 11 horas, já havia localizado duas barbearias, uma bem perto da outra, do outro lado da linha do trem. Olhando para as duas, uma me chamou a atenção por ser mais clara, ficando mais iluminada à luz do dia. Entrei na barbearia, dois homens sentados: um rapaz branco e jovem, com uma barba cheia e comprida, cabelo raspado dos lados e um grande topete espetado pra frente, provavelmente preso com gel; o outro, um homem já mais velho, negro, que aparentava ser o dono dali. O mais novo me recebeu. Perguntei o preço: 15 reais. Achei o preço justo e me sentei para começar o corte.

Sentado ali, começamos a conversar. O rapaz que cortava meu cabelo era o Gabriel<sup>6</sup> e, sentado à beira do salão, Candinho. Perguntei quanto custava uma tesoura de cortar cabelo e aí se desenrolou toda a conversa. Quando perguntei há quanto tempo existia aquela barbearia, Gabriel me respondeu que há muito tempo. Candinho abriu a barbearia há 35 anos atrás. Contou que veio migrante do Paraná, sem saber ler e “escrevia o nome mais ou menos”. Quando perguntei de que cidade viera, percebemos que era próximo de onde meu pai, até os quase 30 anos, morou. Então ficamos falando um bocado do norte do Paraná.

Tudo isso desencadeou perguntas sobre a minha vida. Expliquei que pesquisava sobre

---

<sup>5</sup> Trecho da música *Nem lá, nem cá*, de 98.

<sup>6</sup> Os nomes citados são fictícios.

Guaianases, que estudava sociologia. Me perguntou de onde eu vinha, se morava em São Paulo e onde eu estava morando. Falei que morava na Zona Sul, na Vila Mariana, e aproveitei a deixa para perguntar se sabiam de algum lugar simples pra morar, algo como um cômodo ou um espaço em casa de família. Gabriel disse que isso era mais fácil perto de universidade e, sem saber bem o que estava falando, disse que tinha cara de república. Perguntou se conhecia gente onde eu morava e eu respondi que o pessoal não era tão aberto, não falavam muito e tal. Rapidamente Gabriel deu uma risada e disse que, “na periferia, o cara que não faz amigo tem algum problema”. Comecei a pensar que aquele seria o lugar que minha pesquisa se desenvolveria. Em pouco mais de 20 minutos, já conversávamos como se eu frequentasse o salão há muito tempo.

A falta de água parecia, também, ter sido um problema. Perguntei se vinha faltando água e a resposta foi afirmativa por parte de Candinho. Disse que no salão vinha faltando água por falta de pressão. “Em casa tem duas caixas d’água. Comprei mais uma”. Depois que já estava fazendo a pesquisa lá, presenciaria uma ou duas vezes a falta de água pela redução de pressão da SABESP.

A conversa seguia. Perguntei ao Candinho como era Guaianases antigamente, uma vez que ele estava lá havia tanto tempo. “Aqui não tinha o Mercado Municipal. Tudo aqui era uma favela. As estradas eram ruins. O trem já existia e já carregava passageiro”. Ele falou do viaduto, de como ninguém acreditava que algum dia Guaianases teria viaduto. Os carros e os pedestres paravam em uma cancela para o trem passar, como ainda hoje existe em alguns pontos das linhas da CPTM.

Acabou o corte, paguei e continuei conversando mais um pouco com eles, sentado nos bancos de espera da barbearia. Perguntei pro Candinho se poderia voltar no outro dia pra gente continuar conversando. Candinho e Gabriel falaram pra eu voltar mesmo e então eu parti rumo à estação novamente. Saí de Guaianases por volta das três e meia da tarde, no contra fluxo rumo à Estação da Luz.

### **1.5.2 Vinheta: O salão do Candinho como ponto de observação**

Cheguei em Guaianases por volta de duas e quinze da tarde. Saí da estação pela parte do Lajeado e fui andando pela rua das lotações, que esperam sua vez de sair. Por ali, dois moleques soltavam pipa. Desacelerei o passo para observar um deles. Olhando para os morros, se vê muita pipa no céu. Fui caminhando e observando. Um dos moleques, ao ver que eu lhe dispensava atenção, desbicou a pipa com uma precisão que, juro, nunca tive nos meus tempos

de moleque. A pipa veio descendo com força até quase tocar os fios do poste e os telhados das casas. Nesse momento, o moleque voltou a pipa o mais alto que conseguiu. Olhei pra trás e dei uma risada. Os olhos do moleque já esperavam a minha aprovação. Ele também deu uma risada e continuei a caminhada.

Cheguei na barbearia do Candinho era duas e meia da tarde. A despeito das previsões de chuva que havia visto mais cedo na TV, o tempo estava firme. Tive uma primeira surpresa ao chegar e ver que havia um outro rapaz cortando cabelo no salão. Da última vez eram apenas o Gabriel e o próprio Candinho. Fiquei um pouco nervoso com a situação. Mesmo assim entrei e cumprimentei a todos. Candinho me apresentou o Caio, que cortava um cabelo e o Juca, sentado, cara fechada, também cabeleireiro ali. Não tinha visto o Gabriel, mas ele me vira através do espelho. Estava no fundo do ambiente, atrás do tapume de madeira, almoçando uma marmita comprada na rua.

Sentei por ali e, passados alguns minutos, resolvi puxar assunto de futebol, que sempre achei ser universal. Não surtiu qualquer efeito. Descobri que Candinho, em outros tempos, era santista, mas que hoje em dia não acompanhava mais. Todo mundo meio em silêncio. O Caio conversava com seu cliente e o Juca, sentado ao meu lado, não dava nenhuma brecha para um comentário.

Eu queria puxar assunto logo, numa pressa desajuizada para as coisas darem certo logo, então fui até o Gabriel, que já tinha conhecido da última vez. Cheguei até ele, que cortava sacolas plásticas com uma tesoura. Perguntei se ia fazer rabiola pra pipa. Na verdade ele estava cortando as sacolas para fazer de enchimento para uma caixa que despacharia com um aparelho celular dentro. A coincidência foi muito grande. Ele falou que mandaria a encomenda pro Rio de Janeiro. Perguntei pra onde exatamente e ele me respondeu que era pra região serrana, mas não lembrava o nome da cidade. Insisti que visse o endereço, já explicando que, mesmo sendo paulista, havia sido radicado por aquelas cercanias. Ele ia mandar a encomenda para Teresópolis. Expliquei pra ele que a distância entre Teresópolis para cidade onde fui criado era menor do que a distância de Guaianases pra Luz.

O assunto, então, vira. “O Rio é perigoso, né?”, me pergunta em tom retórico. Faço que vou dizer alguma coisa, falando mais com a fisionomia de quem quer dizer “não é bem assim”. Ele já emenda um “lá eles devem pensar a mesma coisa daqui, né?”. Mais uma vez tento não falar nada e deixar com que termine o raciocínio sem eu ter que participar com a fala. Mesmo assim, já pensei que Gabriel tinha uma boa percepção de realidades. Candinho ouve a conversa e antecipa que lá é perigoso, mas que no nordeste também é. E termina com um “todo lugar é perigoso”. Era o segundo dia que ia pra lá e já tinha muita coisa acontecendo.

Eu e o Juca começamos uma conversa. Foi uma coisa mais espontânea. Já tinha observado a sua excelente oratória. Puxei assunto com ele falando que deveria escrever, porque falava muito bem. Ele me disse que escrevia. Fazia letra de rap em louvor a Jesus. Nesses assuntos que começam e a gente não sabe bem como, Juca, quando me dei conta, estava me contando da vez que foi na Zona Norte pra gravar em um estúdio numa quebrada.

Descreveu o lugar, uma favela, com suas escadarias, num lugar muito pobre mesmo. Ele contava isso como algo totalmente alheio da sua realidade, como se nunca tivesse ido a um lugar semelhante àquele antes. Falou das pessoas, que não tentavam passar a perna igual em Guaianases. Falou disso usando o exemplo do preço que o homem do estúdio cobrou em cada lugar. Descrevia aquele lugar na Zona Norte como um lugar de gente muito boa, apesar das dificuldades extremas pelas quais passavam.

Nas conversas com Juca, falei que tinha ido lá no dia anterior e não o tinha visto. Ele ficou curioso, porque estava sempre lá. Eu disse que, quando fui, estavam só o Candinho e o Gabriel e que, inclusive, eu havia cortado meu cabelo. Ele pensou um pouco, insistindo que sempre estava lá. Em determinado momento lembrou que realmente não estava. “Ah, eu fui com o Caio à São Paulo ver uma camiseta na quarta”. Sair de Guaianases e ir ver algumas camisetas na galeira do rock, no centro, é ir para São Paulo, para a cidade. A construção da ideia de cidade parece não envolver Guaianases. A representação da cidade é o centro, é a avenida Paulista, não a periferia.

O dia foi passando. De repente me peguei sentado ao lado do Candinho, que não tinha nenhum cliente para ser atendido. Como tinha falado da primeira vez que fui no salão, que queria saber de Guaianases, sempre quando ficávamos perto, ele puxava algum assunto de Guaianases, não necessariamente diferente daquilo que já havia me contado. Começou a falar de como era Guaianases e de como o lugar mudou ao longo dos anos. Perguntei se tinha algum momento que deu pra sentir alguma mudança maior. Ele falou que vinha mudando faz tempo, mas elogiou os períodos de governo da Marta Suplicy, que trouxe a radialzinha, e do Lula. Falou que foi no governo deles que as coisas mudaram bastante por ali<sup>7</sup>.

A minha presença lá gerou, naturalmente, uma curiosidade. Sempre queriam saber da minha vida, de como fui parar lá, de quanto pago no aluguel. No segundo dia de pesquisa já me sentia muito à vontade no salão.

Fui embora por volta das seis da tarde. O trem quase que absolutamente vazio. A

---

<sup>7</sup> As referências positivas em relação ao PT, das pessoas que conversei em Guaianases, quase sempre vem de indivíduos mais velhos, que presenciaram estas mudanças “ao vivo”. Sem dúvida, o governo do PT entre 2000 e 2004 trouxe melhorias inegáveis à região, que são confrontadas, vez ou outra, com o cenário atual

estação, no entanto, estava inundada de gente. Os ônibus que saem do terminal estão sempre muito cheios, muitos ônibus mesmo. Muita gente na estação esperando o trem com terminal em Mogi, na Estação Estudantes, mas muita gente também saindo da estação. De dentro do trem andando e vazio, tive a certeza que a pesquisa ia se desenvolver ali. Já havia combinado que começaria a ir com mais frequência, e todos falaram que não haveria problemas. Comecei a fazer as anotações no caderno de campo, mas a curiosidade de olhar a cidade ainda era grande.

## **I.6 Problematizando o Campo**

Posso dizer que os dois trabalhos que fiz indo a campo nas periferias de grandes cidades, a saber, Brasília e São Paulo, foram experiências bastante positivas. Nos dois momentos tive relativo sucesso naquilo que buscava. Digo isso porque o fato de ter tido alguma facilidade nas inserções etnográficas que tive, me fazem vislumbrar um universo de possibilidades maior do que pesquisadores que tiveram experiências nem tão fortuitas. Mas, além disso, podem moldar, de alguma forma e involuntariamente, alguns modos de pensar e de entender a pesquisa etnográfica. Por outro lado, me reporta a uma situação de refletir mais profundamente sobre o meu papel de pesquisador e etnógrafo e, também, questionar o porque destas inserções terem sido tão proveitosas.

Deixando, agora, o caso de Brasília esquecido, tomando a periferia leste de São Paulo como ponto primordial de mensuração dos fatos, é importante ressaltar, primeiramente, a influência do gênero (lembrar que gênero é uma construção tanto para os informantes quanto para o sujeito de pesquisa) nas relações e práticas sociais no meu campo de estudo. De fato, seria realmente difícil para uma mulher conseguir fazer uma etnografia em uma barbearia. É fato que a recíproca é verdadeira, mas acredito que não se dê de maneira tão determinante.

Logicamente, não é só a questão do gênero que determina o fracasso ou a efetividade da pesquisa. Em um primeiro momento, inúmeros códigos, condutas e práticas que a mim aparentavam serem universais se mostraram apenas cristalizações destas ações. Aos poucos fui entendendo que aquela realidade que eu participava era compartilhada apenas entre homens, onde muitas coisas não faziam qualquer sentido para as mulheres. Portanto, neste mundo que acabei conhecendo mais a fundo, não posso me permitir omitir este fato, o encarando como parte importante do processo de interpretação e tradução das minhas descrições (GEERTZ, 1989). Essa fundamentação é cara a este trabalho.

Uma das cenas da vinheta anterior mostra um garoto empinando um pipa<sup>8</sup> na calçada.

---

<sup>8</sup> Pipa, na capital, é chamada no masculino.

Esta passagem elucida de forma contundente as interpretações de mundo e o que faz ou não sentido para os indivíduos. Empinar pipa é uma prática essencialmente masculina, apesar de também se verem algumas meninas participando da brincadeira. O jogo da pipa tem seus códigos internos, que tem como ápice o “cortar” o pipa do outro. Com mais alguma perícia, pode-se “aparar” a pipa cortada, e trazê-la para um local seguro. Para poder cortar a pipa de outrem, é necessário, primeiro, ter uma linha com cerol ou uma linha chilena<sup>9</sup> e, segundo, saber desbicar a pipa com perfeição, pois é este movimento que propicia o “corte”. Dentro dessa atividade, para um garoto muito jovem, me mostrar que sabe desbicar a pipa com perfeição é também mostrar como, no mundo masculino, ele se sobressai. São essas pequenas naturalizações do dia a dia que pretendo desvelar ao longo do texto.

Retomando a entrada em campo, fica uma dúvida importante, que talvez eu mesmo não tenha a resposta: como explicar uma pesquisa onde a “saída” do campo foi muito mais complicada que a “entrada”? Como explicar o fato das relações terem se desenvolvido de maneira tão natural que, quando avisei que teria que parar de visitar o salão, ter criado o momento de maior decepção para todos? É possível o pesquisador conseguir ser tão apto que consiga compreender essas construções que acontecem consigo mesmo?

A dificuldade de muitos entenderem a facilidade da minha inserção neste campo é tão verdadeira quanto a minha dificuldade de conseguir explica-la. Aí estão incluídos inúmeros debates, mas o saber transitar na cidade me parece ser o importante. É fato que as formas de se proceder são inúmeras e variam em cada canto de São Paulo, mas parece que uma característica fundamental, necessária em todas as pessoas, é a humildade. “Tem que agir com humildade”. Daniel Hirata (2006), ao discorrer sobre o futebol de várzea e o “proceder” na cidade, já afirmava a importância da humildade nas relações sociais. Ter humildade é saber que, como diria Mano Brown, “ninguém é melhor que ninguém, veja bem<sup>10</sup>”.

Além da influência do gênero, da humildade e das disposições pessoais, outro ponto importante é o contexto. O salão é um espaço que possibilita a conversa sem compromisso e as relações efêmeras. Conversa-se com muitas pessoas durante o dia. Muitas delas são clientes de longa data, muitas se conhecem de fora, mas inúmeras vem e demoram ou nunca mais voltam. O cabeleireiro está disposto, pela própria profissão, a conversar com quem senta em sua cadeira. Esta característica parece simplória, mas é definitivamente importante

Por fim, acredito que o “novo”, o ouvir coisas que não se ouve sempre, saber de coisas

---

<sup>9</sup> É uma cola com caco de vidro moído, também chamado de cortante. A chilena é uma linha que já vem com cortante de fábrica.

<sup>10</sup> Trecho da música Capítulo 4, Versículo 3, dos Racionais MCs

que acontecem em outros lugares, também contribuiu de maneira determinante para uma inserção de sucesso no campo. Dessa forma, ser homem, agir com humildade e conhecer minimamente os códigos, falar sobre coisas que os indivíduos julgavam ser interessantes dentro de um ambiente que te propicia a conversa, são os fatores que poderia elencar de maneira objetiva a subjetividade de uma entrada em campo.

A entrada em campo suportou uma aproximação bastante verdadeira com os indivíduos que fizeram parte da pesquisa. Neste sentido, durante todo o processo da pesquisa, me senti muito à vontade no salão. E o caminho até essa familiaridade é o cotidiano, o tempo, assim como em grande parte das relações estabelecidas no dia a dia de nossas vidas. Com o passar do tempo a proximidade aumenta, assim como a liberdade para fazer certas perguntas que até então não tinha coragem de fazer. E são as figurações (ELIAS, 1994) uma importante parte da pesquisa etnográfica. E sendo figuração, é uma via de mão dupla. Ao mesmo tempo em que eu descubro um pouco dos indivíduos, estes também vão descobrindo um pouco de mim. E estar à vontade em campo passa necessariamente por estar à vontade nas figurações cotidianas.

### **I.6.1 Pesquisa, Medo e Perigo**

Uma inserção em campo, principalmente a partir de uma metodologia etnográfica, que pressupõe um contato mais próximo e mais dilatado no tempo, muitas vezes é tratada como um serviço árduo para o pesquisador, sendo necessários diálogos preestabelecidos com indivíduos oriundos e inseridos dentro de uma realidade que se pretende estudar. Esta afirmação é verdadeira, imagino, em muitos aspectos e dialoga com situações e enfoques dos mais variados, todavia não é uma regra.

Quando fiz meu trabalho de conclusão de curso, no início de 2012, me deparei com a necessidade de fazer a pesquisa na periferia sul de Brasília sem, no entanto, conhecer pessoas que morassem naquela localidade. A primeira coisa que fiz foi conseguir contatos de indivíduos que morassem nas mais diversas áreas da Ceilândia, o lugar em questão. Esse primeiro momento se construiu pouco fértil. Consegui uma conversa formal com apenas uma pessoa, que não me rendeu a inserção desejada.

Minha inserção naquele campo, no Sol Nascente, foi direta e sem intermediários. Tomei um ônibus, desci na beirada daquelas ruazinhas estreitas e sem pavimentação e comecei ali minha pesquisa, algo não muito diferente de como foi feita esta dissertação de mestrado. É neste sentido que gostaria de fazer alguns apontamentos sobre inserção em campo, principalmente no contexto etnográfico e periférico.

Primeiramente, é certo que não são todas as situações que nos permitem uma inserção direta e não mediada. Digo isso em vários sentidos, seja para quem vai fazer pesquisa em periferia, seja em fábricas, lojas, torcidas organizadas, etc. Existem diversos fatores limitadores das situações, como hierarquias, resoluções e burocracias que impedem uma aproximação mais informal.

No que diz respeito às periferias, da mesma maneira, os territórios das cidades não são transitáveis dos mesmos modos. Uma série de fatores, como tamanho, história, crime, coesão, etc, fazem com que a experiência na cidade seja demasiadamente distinta entre suas diversas áreas. Não obstante, esses fatores se aplicam, também, às áreas mais ricas da cidade.

No entanto, me parece que não se leva em conta um fator determinante na hora de medir a influência de uma inserção não mediada, a saber, o medo. O pesquisador social está inserido dentro de um contexto social que, penso eu, não lhe permite se desvencilhar de todas as disposições construídas socialmente. Portanto, ao partir para uma pesquisa na periferia, o cientista social está trabalhando na tentativa de contornar o medo que existe com base em uma construção social e que insiste em perturbá-lo, mesmo sendo a desconstrução desse medo um de seus atributos.

Por outro lado, o medo e a inserção no campo são parceiros. Mas este medo tem a ver com a prática, pois está ancorado no princípio da descoberta. Nas primeiras vezes que fui a campo, tanto em Brasília como em São Paulo, o sentimento de medo que me assombrava estava ligado muito mais ao desconhecido do que aos constructos sociais de violência. O medo que senti foi o coração batendo acelerado depois da chegada, a noite mal dormida, etc. Foram todos “sintomas” semelhantes a novas facetas. Dito de outra forma, meu nervosismo em ir até a favela na primeira vez me causavam, biologicamente, os mesmos sentimentos e sintomas de quando frequentei a primeira aula na universidade, de quando trabalhei a primeira vez de garçom ou a primeira vez que encontrei os pais de minha namorada.

Ainda neste sentido, o que defendo é que este medo, esta insegurança, é parte importante da carreira de um pesquisador, pelo menos o que usa a etnografia como metodologia. Estes sentimentos, portanto não voluntários, são parte integrante da pesquisa e vão se aplacando à medida que nos tornamos mais íntimos da localidade estudada.

## **I.7 Base Epistemológica: a sociologia de Norbert Elias**

É importante ressaltar o direcionamento teórico-epistemológico que o embasa e figura em suas entrelinhas. É um plano mais ou menos coeso de ideias que ajudam a mergulhar com

mais profundidade naquilo que é empírico. Sendo assim, de um modo geral, essas bases elucidam uma visão de sociedade específica, entoando um caráter auxiliar do trabalho de campo, altamente empírico.

Assim sendo, e não obstante, o pano de fundo desta dissertação está ancorado numa ideia eliasiana de sociedade, amplamente difundida, com o auxílio de Pierre Bourdieu, já nos anos de 1960. Alguns conceitos importantes serão remontados aqui, para dar à escrita uma medida maior de compreensão e densidade. No entanto, uma obra tão vasta e instigante quanto a de Elias não será remontada aqui. Existem teses a respeito de sua obra, bem como autores que estudam as ideias eliasianas e as utilizam como base epistemológica<sup>115</sup>

Podemos dizer que a sociologia dos processos de Norbert Elias trata-se de um esforço em buscar, pela via da longa duração, condições sócio-históricas de formações estruturais. Essa tentativa metodológica está atrás do desenvolvimento a longo prazo de certas instituições que se cristalizam e de atitudes humanas padronizadas. Ela pode ser encarada como processual, dando especial atenção para os movimentos ao longo do tempo, utilizando a história como um instrumento imprescindível para o fazer sociológico. Busca no passado descortinar a experiência humana como forma de entender a experiência de si. Elias trabalha com a noção e cadeias de interdependência, emaranhados de inter-relações entre os indivíduos, sendo elas mesmo componente importante dos processos de mudança das estruturas sociais. A sociedade, em Elias é justamente esse emaranhado, sendo ela pensada a partir e inseparavelmente do indivíduo.

Ela só existe porque existe um grande número de pessoas, só continua a funcionar porque muitas pessoas, isoladamente, querem e fazem certas coisas, e no entanto sua estrutura e suas grandes transformações históricas independem, claramente, das intenções de qualquer pessoa em particular. (ELIAS, 1994, p. 13)

Fica claro que Elias não se preocupa estritamente com a agência individual, mas também com os processos que culminam em mudanças estruturais. A partir de um microcosmo, em relações de menor magnitude, as relações tomam amplitude maior, impossíveis, para Elias, de serem analisadas de maneira independente em seu interior. Ou seja, é na interdependência e nas figurações que as estruturas se organizam no processo histórico. As relações sociais deixam de ser apenas relações entre dois indivíduos, pois envolvem sempre a teia de interdependências que constituem a “sociedade dos indivíduos”.

Esta ideia é imprescindível. Para Elias, todas as pessoas estão ligadas, umas as outras,

---

<sup>11</sup> A tese de Ribeiro (2010) e trabalhos como os de Farias (2009, 2012) e Mallart (2014) são bons exemplos. 30

através de redes de interdependência, seja por laços de afeto, de trabalho, de propriedade, etc. A isso Elias chama de figuração, que é a base de toda a sua sociologia, e importante na perspectiva deste trabalho. Essa rede de interdependência é impossível de ser modificada por um indivíduo para além das garras invisíveis dessa própria estrutura, que é mutável e demasiadamente específica em cada associação de indivíduos, que desempenham funções diferentes.

Numa palavra, cada pessoa que passa por outra, como estranhos aparentemente desvinculados nas ruas, está ligada a outras por laços invisíveis, seja estes laços de trabalho e propriedade, sejam de instintos e afetos. Os tipos mais díspares de funções tornam-na dependente de outrem e outros dependentes dela. Ela vive, e viveu desde pequena, numa rede de dependências que não lhe é possível modificar ou romper pelo simples giro de um anel mágico, mas somente aonde a própria estrutura dessas dependências o permita. Vive num tecido de relações móveis que, a essa altura, já se precipitaram nela como seu caráter pessoal. E aí reside o verdadeiro problema: em cada associação de seres humanos esse contexto funcional tem uma estrutura muito específica. (ELIAS, 1994, página 22)

Se em cada contexto há uma especificidade, Elias nos ajuda a entender, analiticamente, os diferentes modos de agir das pessoas a depender de fatores como pertencimento e localidade. Isso tem a ver, também, com as ideias de autocontrole e interdependência funcional, que serão apresentadas mais a frente.

Mas como definir o processo civilizador? Qual é a sua base? De maneira sumária, pode-se dizer que o processo civilizador está circunscrito essencialmente a outros dois conceitos: a psicogênese e a sociogênese. A primeira tem a ver com o indivíduo em si, suas mudanças comportamentais e das estruturas de personalidade individuais. A segunda é a teoria do desenvolvimento social. Quando Elias fala de sociedade dos indivíduos, ele está falando, no limite, do entrelaçamento entre a psicogênese e a sociogênese.

A teoria dos processos de civilização proposta por Elias, baseia-se na defesa de que, toda e qualquer transformação ocorrida na estrutura da personalidade do ser individual (psicogênese), produz uma série de transformações na estrutura social em que o indivíduo está inserido. Da mesma maneira, as diversas transformações que ocorrem constantemente nas estruturas das sociedades (sociogênese), especialmente nas relações sociais, produzem alterações nas estruturas de personalidades dos seres individuais que a compõem. (BRANDÃO, 2000, pp.10-11)

Isso quer dizer que, para Elias, indivíduo não está acima da sociedade, mas numa relação específica que é a única forma de fazer com que ambos existam. No entanto, as estruturas são mutáveis, tanto as individuais quanto as sociais. Elas estão em um processo interminável de mudança. Cabe ressaltar que os processos de integração social diminuem o poder individual de tomar decisões que mudem a estrutura social.

Para Elias, a mente, a consciência e o ego são formas particulares de autorregulação das

peessoas em relação às outras, tendo em vista que essas são funções que buscariam, por assim dizer, um interlocutor. E essa adaptabilidade, esse poder de autorregular-se é a pré- condição para a estrutura da relação entre as pessoas.

o processo civilizador é possibilitado pelo fato de a auto-regulação da pessoa em relação a outros seres e coisas, sua "psique", não ser restringida por reflexos e automatismos inatos na mesma medida, por exemplo, da digestão. O que possibilita o processo civilizador é a singular adaptabilidade e transformabilidade dessas funções auto-reguladoras. Ele é acionado e mantido em movimento por mudanças específicas no convívio humano, por uma transformação das relações humanas que atua num sentido muito definido, por um movimento autônomo da rede de indivíduos humanos interdependentes. (ELIAS, 1994, p.61)

Da interdependência entre as pessoas surge uma ordem *suis generis*, isto é, do entrelaçamento das vontades, ações, pulsões e planos que as dinâmicas sociais estabelecem uma ordem na mudança histórica. As mudanças estruturais, portanto, independem e subjetivismos específicos.

As ditas regularidades que seriam imanentes às configurações sociais e estabeleceriam ligações funcionais entre si só fazem sentido se contextualizadas com as especificidades das mudanças e demonstrações empíricas. Essa dependência mutua entre as pessoas gera uma rede de relacionamentos onde as tramas sociais sintonizam-se através das condutas e adquirem funções específicas interdependentes.

A relação entre autocontrole e interdependência funcional é refinada e perturbações num só ponto das cadeias de dependência poderiam ameaçar todo tecido social. As autolimitações interpessoais podem ser pensadas em termo de “economia da conduta e das paixões”. Haveria uma permanente fonte de tensão interior decorrente desse processo. Pensar no autocontrole acentuado pelo processo civilizador envolve ter em vista os efeitos de longo prazo do comportamento. É necessário perceber que a percepção da interdependência funcional por parte dos indivíduos, a consciência de se estar em rede, o fato de terem funções diferentes, aumenta a ênfase do autocontrole tendo em vista, predominantemente, é possível pensar, uma necessidade de segurança e estabilidade por parte dos seres humanos.

Dentro da perspectiva eliasiana, podemos dizer que cada “eu” está inserido dentro de um “nós”. A proposta de Elias é que cada indivíduo possui uma autoimagem ou autoconsciência de si. Estas variam dentre imagens-eu e imagens-nós, que de acordo com os processos históricos, pendem para um lado ou para o outro. É isso que chama de balança nós- eu, a individualização ou o pertencimento ao grupo em um determinado momento histórico. Se no passado, a identidade-nós predominava, com uma sociedade mais homogênea, com o advento dos Estados-nação, por exemplo, Elias afirma ter havido uma guinada para a identidade-eu, para

uma individualização. Dito de outra forma, “*justamente o que caracteriza o lugar do indivíduo em sua sociedade é que a natureza e a extensão da margem de decisão que lhe é acessível dependem da estrutura e da construção histórica da sociedade em que ele vive e age*” (ELIAS, 1994, página 49).

A sociologia de Elias se complexifica ainda mais com a ideia de habitus. Este pode ser descrito como a incorporação das ações e percepções com base nas inter-relações da vida cotidiana, isto é, nas figurações. Essa incorporação não se daria mediante uma livre escolha, daí o papel fundamental da estrutura na determinação da agência. Os processos de incorporação se dão de maneiras demasiado inconscientes ao longo da vida, de tal modo que o *habitus* tange os comportamentos de grupo, mas também os individualizados, agindo como uma espécie de identidade social. A individualidade de uma pessoa é, antes de tudo, o que suas funções psíquicas carregam de mais específico em relação ao outros.

Este habitus, a composição social dos indivíduos, como que constitui o solo de que brotam as características pessoais mediante as quais um indivíduo difere dos outros membros de sua sociedade. Dessa maneira, alguma coisa brota da linguagem comum que o indivíduo compartilha com outros e que é, certamente, um componente do habitus social - um estilo mais ou menos individual, algo que poderia ser chamado de grafia individual inconfundível que brota da escrita social [...]. A ideia de que um indivíduo porte em si o habitus de um grupo e de que seja esse habitus o que ele individualiza em maior ou menor grau pode ser definida com um pouco mais de precisão. Em sociedades menos diferenciadas, como os grupos de caçadores-coletores da Idade da Pedra, talvez o habitus social tivesse uma camada única. Nas sociedades mais complexas, tem muitas. Algumas podem, por exemplo, ter as peculiaridades de um inglês de Liverpool ou de um europeu alemão da Floresta Negra. É do número de planos interligados de sua sociedade que depende o número de camadas entrelaçadas no habitus social de um pessoa. Entre elas, uma certa camada costuma ter especial proeminência. Trata-se da camada característica da filiação a determinado grupo social de sobrevivência, como por exemplo uma tribo ou uma nação. Nos membros das sociedades no estágio desenvolvutivo dos Estados modernos, isto é designado pela expressão `caráter nacional'. (ELIAS, 1994, p. 151)

Portanto, são nas figurações que o habitus se desenvolve. O habitus é introjetado no indivíduo a partir das figurações que participa. O habitus é possuidor de inúmeras camadas, a depender do grau de complexificação de uma sociedade, isto é, da evolução do processo civilizador.

## **1 – Sobre Trajetórias e Lugares**

Neste Capítulo, trago as trajetórias de vida dos indivíduos, bem como uma descrição do bairro e do salão em si. É neste momento, portanto, que pinto o cenário e descrevo os sujeitos da pesquisa. Esse capítulo é importante na medida em que é a base essencial de referência para todo o texto.

### **1.1 Trajetórias**

O intuito de desvendar as trajetórias dos indivíduos foi o de entrelaçar, nos termos de Cabanes (2011), a vida pública, que a mim se salientou na perspectiva do trabalho no salão, com as personalidades da vida privada e em família. Neste sentido, a partir de entrevistas, tentei compreender a trajetória de vida dos meninos em dois campos: o primeiro, em relação à família e o período de infância e adolescência; o segundo, quais foram as etapas que culminaram no ofício de cabeleireiro no salão do Candinho.

Vale ressaltar que, apesar do relativo longo tempo que passei no salão, só consegui fazer entrevistas com Caio e Juca. Muitos fatores envolvem a não conclusão das entrevistas com todos os sujeitos desta pesquisa. As longas jornadas de trabalho, os excessivos desencontros nestas situações e o fato de Candinho e Gabriel terem afazeres a mais por serem pais de família, aliado a certas impossibilidades de minha parte, são as principais razões para isto.

Apesar de tudo, devido a algumas conversas que tive com Candinho, uma trajetória rápida ainda pode ser elucidada. Atrelado a isso, Candinho aparece em vários momentos das trajetórias de seus sobrinhos, descritas com mais detalhes. Do Gabriel, em si, foi o cabeleireiro que tive menos oportunidades de dialogar sobre assuntos específicos. Foram diversas vezes em que imprevistos nos impediram de consolidar as entrevistas.

As entrevistas serviram, para além de entender as trajetórias de vida, dar luz às questões que ainda estavam embaraçadas, servindo de suporte para todo o trabalho. Aqui trarei apenas as trajetórias de vida dos sujeitos, que surgiram como análise mais sistemática no decorrer dos outros capítulos.

#### **1.1.1 Candinho**

Candinho é o dono do salão. Imagino que todo mundo conheça o salão por “Salão do Candinho”, pois ele não tem um nome na porta. A história de Candinho reverbera o momento do Brasil na década de 1970. Migrante, negro e de família pobre, saiu do interior do Paraná, da

roça de uma cidade não muito grande, quase na divisa com o estado de Mato Grosso do Sul. Veio junto com seu irmão mais velho tentar a vida em São Paulo, a terra da oportunidade.

Sem estudo - “eu 'malemá' sabia escrever meu nome” - chega na cidade grande sem lugar pra morar, sem nenhum conhecido e sem saber qualquer ofício, a não ser o roçado de anteriormente. Consegue um emprego de frentista em um posto de gasolina e um banco pra dormir em uma igreja católica no Jabaquara. “Naquela época eu acho que não tinha nem o trem até lá ainda”. O seu irmão consegue um emprego provisório em uma barbearia, e assim começam a ganhar algum dinheiro.

Passados alguns dias, Candinho afirma que

o dono do posto ficou com dó de mim e me perguntou aonde eu tava morando. Aí eu falei que tava morando na igreja e então ele deixou eu morar em cima do posto, em um quartinho que tinha ali. Mas eu pedi pra deixar meu irmão morar comigo lá também, porque a gente dormia junto na igreja e o dono do posto deixou. E ainda levou umas cobertas velhas pra gente lá. Aí a gente ficou bonito. (Cadernos de campo, citação aproximada)

No mesmo momento que Candinho contava que tinha se ajeitado, a história da uma reviravolta. Insatisfeito com a vida que levava ali, resolveu, depois de dois meses em São Paulo, largar tudo novamente e voltar para a sua cidade natal. Deixou o irmão na capital paulista e voltou para o Paraná. Isso era o ano de 1976.

Em 1978, volta a São Paulo, direto para Guaianases, onde seu irmão já estava arranjado e empregado como cabeleireiro. Chegando novamente na cidade, aprende, com seu irmão, o ofício de cabeleireiro e começam a trabalhar juntos. O pulo exato entre o momento que Candinho chegou em São Paulo pela segunda vez e o momento em que se tornou proprietário do salão eu não sei exatamente, mas julgo não ter demorado. Candinho já afirmou algumas vezes que, só naquele ponto ali, ele já tem o ponto há mais de 35 anos.

Justamente por estar ali há tanto tempo, Candinho viu Guaianases mudar muito. Gosta de contar como os trens eram antigamente, por onde passavam, como demorava pra chegar no centro. “Aqui, olhando daqui pra lá, ó, era tudo favela. Favela e barranco. Mudou muito isso aqui. Esse rio aí não era encanado...”. Guaianases, analisando as palavras de Candinho e, até mesmo, etnografias feitas há não tanto tempo atrás (TELLES, CABANES, 2006), vemos que o distrito passou por processo de consolidação, com muitas melhoras.

Como é comum nas periferias de São Paulo, Candinho foi trazendo a família inteira para São Paulo. Hoje seus filhos moram no interior de São Paulo. Candinho tá sempre falando de ir pro interior ver os filhos. Gosta muito de contar, também, das viagens que faz com seu carro nas estradas, quando vai visitar alguma parte de sua família que mora no inteiro da Bahia.

Como possuí irmãos, com o tempo, Candinho passou a ter sobrinhos também. A nova composição do seu salão que, pelo que me conta, já mudou bastante, é formada por dois de seus sobrinhos e um outro rapaz, também próximo da família. É aqui que entra, então, os novos personagens desta pesquisa, a saber: Caio e Juca, seus sobrinhos, e Gabriel.

### 1.1.2 Caio

O pai nasceu no paraná, em Santa Isabel do Parnaíba, e foi pra São Paulo com cerca de 11 anos. Morou no Jabaquara, que estava em processo de urbanização e aumento de preço, sendo forçado a se mudar para a periferia. Foi para Guaianases com certa de 14 anos, de onde não mais saiu. Seus pais se conheceram em um baile. A mãe de Caio nasceu em São Paulo, mas seus pais são oriundos da Bahia. O pai de Caio  irmão do Candinho, que veio para São Paulo primeiro. Os dois moraram juntos até o pai de Caio se casar. Seu pai  cabeleireiro, assim como Candinho. Sua mãe já foi GCM, mas agora trabalha como costureira<sup>12</sup>.

Caio nasceu em Guaianases, no Hospital Geral, e viveu por la quase toda a vida. Quando ele tinha 7 anos de idade, seus pais se separaram, e  este o único momento em que Caio sai de São Paulo. Depois da separação, a mãe de Caio se mudou para Sorocaba, onde moraram por cerca de um ano. As lembranças de Caio sobre Sorocaba são as melhores: educação de qualidade e o que ele chamou de “um outro nível de vida, totalmente diferente daqui”. Para Caio, la o dinheiro rendia mais e a educação era melhor.

“Logo após o fato do meu pai ter se separado da minha mãe – ele se separou da minha mãe em decorrência da minha madrasta, que era na época amante do meu pai – [...] e minha mãe gostava do meu pai, né? Embora os dois brigassem muito... A briga dos dois era recorrente, eles brigavam direto, não dava certo os dois, mas minha mãe amava o meu pai. Aí ela decidiu ir embora, né?”

Suas principais lembranças da infância giram em torno de faltar às aulas para empinar pipa e as discussões de seu pai com sua mãe. No meio dessa trajetória, acabou contraindo meningite e hepatite, depois de tomar água que tava escorrendo pelo asfalto. Ele marca essa história pra mostrar que foi este o momento de maior cuidado dos familiares com ele. Ao que tudo indica, a relação de seus pais e a posterior separação, foram marcantes na vida de Caio.

Como muito comum na periferia, quem tomava conta de Caio quando criança era sua irmã mais velha. “Minha irmã me restringia. [...]. Minha mãe ficava em casa, mas quem

---

<sup>12</sup> Importante ressaltar que sua mãe so deixou de ser Guarda Civil metropolitana por imposição de seu pai que, depois de casados, não quis que ela mantivesse a profissão.

cuidava mais da gente era minha irmã, como era mais velha, ajudava mais a minha mãe. Mas ficava a cabo da minha irmã cuidar de mim. Oh, tudo que for do Caio pra resolver é você.”

Caio não teve muitos amigos na infância, nem da “rua”, nem da escola. Segundo ele, por ser mais tímido, sofreu muito “bullying” na sua época de colégio. Essa passagem é confirmada na fala de Juca, que já apontava que seu primo, quando criança, era mais sozinho.

Independentemente de ser ou não evangélico, Caio cresceu frequentando a igreja. Sua mãe sempre o levou, desde muito cedo, à Congregação Cristã. Essa formação evangélica se complementa em uma fé inabalável de Caio, que afirma ter sentido a presença de Deus em muitas ocasiões difíceis. Apesar dessa criação, seu pai não frequentava a igreja, mas Caio frisa que ele sempre acreditou em Deus também.

“Eu cresci no corredor da CCB e a minha fé no senhor Jesus Cristo ela prevalece até hoje. Inabalável. Eu amo ele. Porque muitos momentos ele teve presente na minha vida, eu senti a presença dele, é evidente na minha vida. Então, pra mim, é um fato inegável a existência de Deus como criador da humanidade e criador de todas as coisas.”

Caio diz que sentava na laje em Sorocaba e ficava vendo a cidade e pensando que aquilo era o mundo. Mas o interessante é que não tinha essa mesma percepção em São Paulo. Segundo ele, não saía muito de Guaianases e, como ali não tinha prédio, ele não tinha o sentimento de cidade que Sorocaba lhe proporcionava. Sua infância foi marcada pelo pouco contato com o centro de São Paulo e um desconhecimento em relação a cidade. Como seu contato era restrito, imaginava um mundo diferente.

“Guaianases antigamente não tinha essa distribuição de vias. Antigamente tinha muita estradas, que é sem pavimentação. Não tinha vias como hoje. E também sinalização quanto a internet, telefonia, essas coisas, melhorou muito com o passar do tempo. Guaianases antigamente era mais chácara, casas com lotes e árvores pra todo lado. Não era muito urbano como é hoje. Hoje você vê Guaianases você vê bastante prédio, essas coisas.”

Quando voltou de Sorocaba, com cerca de 11 anos, foram morar no mesmo lugar de antes, na casa que seu pai havia construído e que, com o divórcio, ficou com sua mãe. Como tradicionalmente acontece na periferia de São Paulo, grande parte da família morava na mesma rua. Com a separação, no entanto, seu pai foi morar em um lugar mais distante dos seus irmãos.

Já no ginásio, e mais uma vez, Caio sente dificuldade para falar da escola. O período que o marcou já foi na oitava série, onde começou a “paquerar” as garotas ou, como ele diz, “passar da fase de criança para adulto”. Também é o momento onde arruma seu primeiro emprego, de servente de pedreiro, em uma obra no ABC paulista. No entanto, quando passa

para o ensino médio, é o momento em que julga ter sido determinante.

foi aí que eu aprendi as coisas que era necessário saber aqui na periferia, é? Que é você ter a malandragem da vida pra ninguém te fazer de trouxa. Aqui na periferia você tem que saber essas coisas. Eu era muito inocente. Foi uma época que eu não era uma pessoa muito amigável, não conversava com quase ninguém, não gostava de ser tirado por ninguém. Porque o crime pairava aqui, logo eu tinha que ser igual o crime também, senão ia acabar morrendo ou alguém ia acabar me tirando e alguma forma e eu não era o tipo de pessoa que gostava de ser tirado. E aí comecei a pegar as malandragens, colar nas festas, achar que era malandrão e tudo mais. Quando chegou mais ou menos no terceiro colegial me lembrei de Deus de novo. Vi que eu tava errado em muitas coisas na minha vida, que a vida não era assim e que Guaianases não era o centro do universo. Que existia Paris, Londres e outros vários lugares que ainda quero conhecer. E cresci espiritualmente, cresci como um homem.” [...]“Esse fato do crime pairar é assim, quando eu era mais novo, nessa fase da oitava série, quem fumava maconha era mais descolado, quem não fumava maconha era mais idiota. Esse que era o pensamento. Nunca fumei maconha, nunca fui o tipo de pessoa de ir pra esses lados. Mas eu era bastante tirado pelos moleques e eu nunca gostei disso, né, meu? Ninguém gosta, né? Então eu percebi que eu tinha que ser mais malandrão. Eu era muito bonzinho. Minha fala é como minha fala é hoje, mas na época não era correto. Não que eu utilizasse a mesma linguagem, que hoje eu aprendi na universidade, mas a minha fala era mais certa, entendeu? Eu não falava do jeito que eu falava antes. [...]. Tem uma galera mais velha que prega que tem que ser malandrão pra ser descolado. Logo, as garotas gostam disso, então quem não é malandrão, uma conversa boa e cara feia é tirado pelos outros moleques. É assim que funcionava. Você era o trouxa da escola. Daí eu comecei a querer ser igual a eles, né? Pensei, meu, não posso ficar pra trás se não vou ser só mais um panaca na vida. E eu não gostava de ser tirado por ninguém, porque eu já tinha sido muito tirado, comecei a cortar o cabelo na gilete do lado, comecei a vender lança em festa, lança-perfume. Nunca roubei ninguém, mas comecei a fazer um monte de merda. Merda que eu falo é você brigar com os outro por aí, por besteira. Querer discutir com todo mundo. Cabeça dura, caralho. Quando você é novo, crescendo ainda na periferia, você discute por besteira com os outros moleques, o cara tá olhando pra você você fala, que que você tá olhando pra minha cara? Perdeu alguma coisa, pa, daí já começa uma discussão gigantesca por um motivo fútil, né? E aí tinha as festas, né. Começou os fluxos de rua. Foi o começo dos fluxos de rua. E aí eu comecei a colar nos fluxos de rua. Os caras chegavam com os carros lá, né? Botavam o som e começavam a fazer a festa. Aí a gente colava lá, tinha bebida, era na rua. A polícia no começo não embaçava, né? Tocava um funk, tinha umas menina, a gente gostava de colar.

Cortar o cabelo na gilete, segundo Caio, representava o cara que era malandro. Hoje em dia todo mundo corta, é uma coisa normal. Na verdade, Caio entende que não era necessariamente coisa de malandro, mas no imaginário das pessoas de sua idade na época, era.

Então, é no ensino médio que Caio descobre o que chama de “malandragem” e muda um pouco seu perfil. Como disse, é marcante em seu discurso certo ressentimento com a época de escola, o que parece ter influenciado sobremaneira a sua mudança de estilo. Logicamente, essa é uma perspectiva construída pelo próprio indivíduo sobre sua vida, mas objetivamente, há uma mudança de comportamento, que pode ser explicada de muitas formas. Assim, sua vida foi marcada por uma infância mais solitária e ligada a família, mas uma adolescência construída, marcadamente, “na rua”.

Caio não tinha problemas com a mãe, com quem morava, de sair e ir para os fluxos de rua. Segundo ele, sua mãe sempre soube que ele era “ligeiro, trabalhador e que corria atrás do dele”. Mas foi também no fluxos que Caio começou a passar lança-perfume. Comprava de um homem uma garrafa de um litro e distribuía em frascos menores. Em outras palavras, compra no atacado e vendia no varejo para os outros meninos nos fluxos. Sua propaganda era no boca a boca, onde a informação é propagada naturalmente.

Mas o ponto de inflexão no discurso de Caio foi uma briga. Segundo ele, foi no dia em que ele revidou uma provação que sofria sempre do mesmo menino, em um momento em que estava conversando com uma menina, que as coisas começaram a mudar. “Mano o cara falou que ia arrancar minha cabeça. Eu tinha 14 anos e ele falou que ia arrancar minha cabeça. Aí eu falei, demorou então”. Na saída do dia de aula, ele foi cercado.

Quando eu tava saindo pra fora os cara fizeram um círculo na saída da escola e não tinha tia nenhuma la pra ver. A tia tava fechando o portão de baixo. E esse círculo era pra pegar eu, mano. Aí na hora que eu saí, a gangue dele tava lá e falou ‘e aí neguinho, vai apanhar’ e não sei o que, vai morrer. Aí eu olhei pra ele e falei tudo bem, mano. Você quer brigar a gente briga, mas vai ser eu e você. Ai ele falou ‘demorou, neguinho, vai ser eu e você’, e eu falei demorou então.[...]. Aí eu levantei (depois de ter apanhado) e fui pra casa. Foi o ápice de humilhação que eu já passei na minha vida, né? Aí eu decidi treinar. Eu faltei na escola umas três semanas.

Parece ser aí uma virada, não somente para uma atitude mais hostil em relação Aos outros meninos, mas também uma passagem importante para explicar sua disposição em frequentar a academia, característica marcante em Caio nos dias de hoje. A sua mudança corporal é um fenômeno visível, marcado em uma disciplina alimentar e de treinos quase diários na academia.

O ensino médio foi um divisor de águas. Se é nesse novo colégio que Caio “aprende as malandragens”, começa a perder a timidez e os medos, a frequentar os fluxos e passar lança-perfume, é também o momento em que assume responsabilidades e trabalho. Primeiro, como ajudante geral no Brás, emprego que durou pouco. Depois, como cabeleireiro no salão do seu tio, já no segundo colegial. É Candinho que, na perspectiva de ajudar seu sobrinho, o convida para trabalhar, uma vez que ele já tinha feito, em outra feita, o curso de cabeleireiro. “Eu vi que trabalhar pros outros assim era pesado demais. Lá no Brás eu não podia ir no banheiro que já tinha alguém la em cima de mim. Aí eu falei não, não quero isso pra mim não. Comecei a trabalhar no salão, deus me ajudou e de boa.”

É nesse momento, também, que Caio desvenda o centro de São Paulo. Já mais velho e trabalhando no Brás, foi a oportunidade para circular por espaços da cidade que, até então, eram alheios à sua realidade. “Como eu comecei a trabalhar no Brás eu comecei a andar no centro.

Eu sempre andei bastante a pé lá no centro. Tanto que hoje eu conheço São Paulo de boa. Na palma da minha mão. Centro de São Paulo ali eu sei qualquer lugar e a pé, de boa, tranquilo. Eu andava muito lá, né?”

Quando Caio chegou ao salão, não tinha equipamentos, tampouco sabia realmente cortar cabelo, mesmo tendo feito o curso. É na prática que aprende os segredos dos cortes. Conforme o tempo foi passando, foi comprando seus equipamentos, conseguiu sua própria cadeira e foi angariando clientes e melhorando seu trato com eles.

O salão, antigamente, era todo de madeira. Era bem barbearia. Eu achava mais da hora o salão antigamente, porque era todo de madeira e tal. E trabalhava o Candinho ve mais a galera dele [...]. Aí eu peguei a cadeira do Luís, trabalhava com as coisas do Luis. Aí quando eu comecei a ter um clientezinho, minha mão tirou uma máquina pra mim no cartão. Aí eu fui evoluindo, né? [...] Hoje em dia a gente tem bastante cliente, o salão mudou bastante.

“Vagabundo é o cara que rouba os outros, não trabalha, atrasa o lado de todo mundo. Esse é o vagabundo.” Assim, a trajetória de Caio chega ao salão do Candinho, onde trabalha até os dias de hoje, mas também no seu curso de nível superior, em uma universidade da Barra Funda. Caio está terminando engenharia civil, mas também arrumou um emprego dentro da prefeitura de São Paulo, por vias de um vereador da região. Todos os seus gastos são arcados com seu salário, e no seu projeto de vida está a vontade de ser político.

Seu eu me empenhar, da pra tirar uns 1500 conto em um mês fraco. Uns 2000 num mês bom. Da pra ganhar bem nesse salão. Pago faculdade, ajuda em casa, pago passagem. Pago tudo minhas coisas, mano. Não tenho ajuda de ninguém. Meu pai já me ajudou em algum apertozinho assim, 100 reais aqui. Na verdade meu me ajudou uma vez. Desde pequeno foi assim. Eu pago tudo os bagulho.

No entanto, em meados do ano de 2016, Caio, Gabriel e Juca se juntaram em sociedade e deixar o salão do Candinho para abrirem seu próprio negócio. Dessa forma, a expectativa é que, mantida a clientela, tenham um ganho maior por não ter mais a necessidade de pagar comissão.

### **1.1.3 Juca**

Quando conheci o Juca, ele tinha 21 anos. Hoje ele já tem 22. Rapaz negro, estatura mediana, as vezes usa cabelo raspado na zero, as vezes não. Filho de pai e mãe baianos que se conheceram em São Paulo. A mãe engravidou aos 17 anos e teve que sair de casa. Moraram em Ferraz até Juca completar 3 anos de idade, quando se mudaram para Guaianases, mas sempre de aluguel. Quando Juca tinha 7 anos de idade, seus pais se divorciaram. “Meu pai seguiu”<sup>40</sup>

rumo dele e minha mãe criou eu e minha irmã, que assim que eles se divorciaram, minha irmã veio a nascer”

Apesar de saber que os pais forma nascidos na Bahia, Juca não tem conhecimento da cidade ou mesmo da região específica em que nasceram. Sabe apenas que o pai nasceu na beira do Rio São Francisco. Ademais, apesar das coincidências de estado, o parentesco de Juca com Candinho não é de sangue, por assim dizer. Na verdade, o pai de Juca é irmão da esposa do Candinho.

O pai de Juca chegou a São Paulo com apenas 13 anos de idade, “fugido, devido a brigas familiares, se não me engano. E minha mãe veio procurando uma vida melhor e acabou não encontrando, né?” A diferença marcante entre a vinda do seu pai e de sua mãe para São Paulo reside no fato de que sua mãe tinha família estabelecida na região metropolitana, ao passo que seu pai veio sozinho.

“Meu pai se lascou, né, mano? Teve que pagar aluguel, várias fita. Meu pai deve ter vindo pra cá na década de 80, por aí. Agora minha mãe eu já não sei, mano. Não sei muito sobre minha mãe, que a gente não é de conversar muito. A gente é distante, né, um do outro. Que ela mais trabalhava. Quem cuidava de mim mais era minha avó e minha avó não falava essas coisas, tá ligado? Tanto é que minha avó também nem tinha assim muita intimidade com a minha mãe, né? Vida meio sofrida, vamos dizer assim.”

Juca nasceu em 1994, morou em Ferraz, depois foi para Guaianases, morar na casa do Candinho. Foi criado mais de perto pela sua tia, testemunha de Jeová. Juca faz questão de lembrar deste detalhe e mostrar que cresceu no que chamou de “meio de fé”. Quando os pais se separaram, se mudaram para outro bairro de Guaianases, o Jardim São Paulo. Este parece ser um ponto decisivo na vida de Juca.

“Aí eu parei de frequentar a religião e continuei, cara, continuei vivendo a vida. Conheci mais o mundo, comecei a sair mais pra rua, brincar com a molecada na rua, causar, aprontar, essas coisas. (O que é causar e aprontar?) Causar e aprontar, mano. Invadir terreno dos outro, pegar fruta, pegar as coisa dos outro.”

Juca não manteve boa relação com o pai. Por ver sua mãe sempre sofrendo, ele criou certa raiva em relação a figura paterna, com quem teve pouco contato ao longo da infância e adolescência. A mãe, segundo Juca, por trabalhar demais, ele não via quando ia dormir, tampouco quando acordava. Atrelado ao fim do casamento, a ter que cuidar dos filhos e do trabalho exaustivo, a mãe de Juca ainda descobriu ter câncer, o que foi difícil para ela e para ele também. As dificuldades e até mesmo o câncer da mãe Juca atribui ao descompromisso do pai, que mesmo morando perto, não deu qualquer ajuda.

Assim, devido as dificuldades da mãe para conseguir conciliar o trabalho e o cuidado dos filhos, Juca, depois da separação dos pais, passou a frequentar mais a casa da avó em Suzano, sendo sua infância marcada por idas e vindas entre as duas cidades. Chegou a fixar residência em Suzano, se mudando, enfim, para Mogi das Cruzes.

“Acabei indo morar em Mogi, Mogi das cruces, porque na época eu estava com algumas más influências na mente e no coração e acabei furtando algo lá e minha mãe achou melhor eu sair fora da cidade e fui morar em Mogi. (Com quem?). Então, na época ela tava namorando com um bombeiro, um cara muito gente fina, e ele tinha uma casa la de aluguel e ele me convidou pra passar uns meses lá.”

Mais para frente, esta história se desvendou do seguinte modo: Juca entrou na casa de um conhecido e roubou um celular, que era uma “fita” mais ou menos encomendada. Depois de passar o celular, logo veio à tona o roubo, com outra pessoa sendo acusada na informalidade. Juca, então, admitiu o roubo, mas as pessoas da região não ficaram contentes. “Mano, os cara também roubavam comigo em outras fita, mas ninguém sabia”. Assim, Juca e sua mãe acharam melhor que ele saísse da cidade.

Este é outro salto na vida de Juca. Neste momento ele já tinha 13 anos, tinha mudado diversas vezes de bairro e cidade e, agora, segundo ele, estava numa fase difícil que envolvia o uso de drogas. Depois de alguns meses em Mogi, se reconciliou com “quem tinha errado” e voltou para Suzano. Pouco tempo depois, seus tios o convidaram para morar em Franco da Rocha, na Zona Norte. Morou la por 6 meses, em uma chácara, local que ele avalia como muito diferente do que tinha vivido até então.

“Daí eu voltei pra Mogi (já com 15 pra 16 nos), onde minha mãe tava morando com o namorado dela. Mas eu ainda era usuário, né? Eu era usuário de Canabis. E nisso eu voltei a morar com a minha mãe, mas como o namorado dela era bombeiro polícia, ele não me aceitava de jeito nenhum, pelo fato de eu ser usuário, porque eu era usuário asumido, né? Tinha falado pra minha família inteira que eu usava e tal. Então ele acabou me expulsando de casa e foi onde que eu acabei morando sozinho.”

Juca encara essa época como uma época difícil. Ainda muito jovem, foi morar sozinho em Suzano, em um cômodo. Trabalhava de jardineiro e ganhava um salário mínimo da época. Segundo Juca, assim “não dava pra sobreviver legal, ainda mais sendo viciado nos bagulho”. A ideia do uso de maconha e a relação com a ideia de usuário e dependente é marcante em todas as suas falas. Depois, junto com amigos que também precisavam, alugaram juntos uma casa e acabaram fazendo um espécie de república, que duraria mais de dois anos.

O seu pai é mecânico e hoje tem uma oficina dele, na cidade de Arujá, na Grande São Paulo. Sua mãe era secretária, manicure e pedicure. Hoje, segundo Juca, sua mãe fez os cursos

necessários e se tornou manicure profissional.

“No final de semana ela ia na casa das madames em ferraz e eu ia com ela, acompanhava ela nessa jornada aí, enquanto minha irmã não tinha nascido. Depois que minha irmã nasceu, eu comecei a ficar com a minha irmã e nisso eu tive um atraso de escola. Eu ia pra escola e só aprontava, arruma muita briga. E como eu não conhecia ninguém, porque eu mudava muito de cidade, eu era mais sozinho, né? Aí minha irmã ficava mais comigo. E eu também dava essa desculpa pra ficar mais em casa.”

Fazendo uma análise do passado, Juca se considera como produto e causa de grande parte dos problemas da mãe. Ao mesmo tempo que, por conta das dificuldades, foi criado muito solto, também entende não ter gerido bem as companhias e acabou fazendo coisas que se arrepende. No entanto, tem a consciência, hoje, que as coisas aconteceram pra fortificar as relações e a vida em geral. “Ainda bem que eu tinha cabeça”, resume, sabendo que o futuro poderia ter sido bem diferente.

Quando eu comecei a me envolver com droga e roubo, muitas pessoas se afastaram de mim, os meus amigos, inclusive os pais da molecada queriam que eles ficassem longe de mim, tanto é que isso foi um dos motivos de eu ter ido pra Mogi, morar com o bombeiro lá. Pessoal não queria mais minha presença em lugar nenhum e eu me senti muito sozinho, mano. Então eu mudei de vida. Fui pra Mogi, mudei a conduta, mudei o jeito de pensar. Fui amadurecendo, porque conheci pessoas novas, pessoas de boa índole e de má índole, mas sempre ligeiro, porque aprendia quando era pequeno. Mas é isso. Graças a deus nunca fui pra FEBEM, nunca fui preso, sempre fui um menino que ia na mente dos outros as vezes, mas nunca ficava por último nas ideias. Sempre saía me esquivando bem.

Na infância de Juca, as coisas não são lineares. Não existe um momento em que tudo desanda ou tudo engrena de vez. O processo de abandono da escola, por exemplo, é comprido. Começa nas faltas para cuidar da irmã e ficar na rua e vai até as três reprovações na sexta série e as várias expulsões posteriores, já com 17 anos. A escola caminha concomitante com as outras partes de sua vida, mas sempre em segundo plano. Ela não aparece de maneira espontânea em suas falas, no entanto, ao pergunta-lo, noto que, entre idas e vindas, Juca passou grande parte do tempo ao menos matriculado em algum colégio.

Então, neste contexto de pouca aplicação escolar, do pai ausente, da mãe impossibilitada de acompanhar de perto seus filhos pela alta carga de trabalho e de uma rua atrativa, Juca começou a “encostar” nas biqueiras com os amigos, para bater papo e trocar ideia. Assim, com 13 anos, com uma sexta série já reprovada, começa a se envolver com a cocaína.

Eu comecei a me envolver com as paradas erradas com 13 anos de idade, mano. E nisso minha mãe saía pra tramar ainda, eu nem via ela acordar nem dormir, e eu, porra, eu ficava na rua. Minha avó não conseguiu me controlar mais, eu ficava na rua aprontando. Ficava até tarde com a molecada na rua em Suzano, aí quando dava umas 9, 10 horas da noite, os moleques pequenininhos entravam, eu ficava na biqueira com os caras mais velhos, mano. Trocando ideia, pa, querendo saber o que era e o que não era. E aí eu comecei a usar cocaína, né, mano? Com 13 anos de idade. Loucão. <sup>Via</sup> 43

várias coisas, mas nunca fui induzido por eles a roubar, fazer algo que eles faziam na época, porque, até então, eu não tinha idade pra isso, nem disposição, nem cabeça, né? Foi aí que eu comecei a usar droga. Usei 8 meses, né? Só que eu vi que não era pra mim porque eu passava muito mal, e outra, não gostava da reação que gerava no corpo. [...]. Eu era tipo o mascote da banca dos cara. Os cara pagava, punha ali e eu cheirava, mas só pra ficar ali naquele meio, a noite com os cara, ouvindo um RAP e tal, tomando o vinho e esse bagulho. Mas depois eu abandonei esse lado e comecei a tramar de jardinagem.”

Juca atribui à Guaianases uma parcela importante de culpa por ter se metido com a malandragem. Segundo ele, Guaianases era um local com muito mais “crime” do que Suzano. Assim sendo, ele, por ser de lá, tinha um conhecimento do mundo maior do que os meninos de sua idade e, também despertava o interesse do pessoal mais velho. Para ele, o fato de morar “na periferia de Guaianases”, ou seja, de morar na quebrada, fazia dele um menino com um conhecimento maior sobre “as coisas erradas”.

Todo dia Juca ficava na biqueira com os outros homens, mas nunca fez qualquer tipo de serviço para eles. Só ficava por ali, mas não trabalhava. O fato de ser uma vizinhança de conhecidos, onde todo mundo sabia da vida de todo mundo, quem era ou não traficante, quem trabalhava ou não nas biqueiras, contribuiu, segundo Juca, para três coisas complementares: primeiro, para criar uma ideia de segurança na família, que não via problema de Juca dormir fora, por exemplo; segundo, para que ele não trabalhasse na biqueira; terceiro, para sua família descobrir que ele estava bebendo e cheirando cocaína.

Dentre os diversos empregos que teve, o mais curioso e, para mim, absolutamente desconhecido, foi o de “apontador”, emprego esse que, segundo ele, também serviu como o impulso necessário para fugir das drogas e más influências. Esse emprego foi conseguido pelo namorado bombeiro/polícia da mãe, já depois de sua expulsão de casa.

Apontador é aquele trampo que você fica sentado e os caminhão de terra vem pra despejar a terra em um grande território, fundo e de grande diâmetro e comprimento, e cada caminhão deixa de 100 a 200 reais na mão do apontador, ou um tiquete que vale o valor e eu trampei disso.

Nesse emprego, Juca ganhava 1000 reais por semana. No entanto, o fato é que, na verdade, os caminhões despejavam lixo na região, não terra, sendo o seu padrasto envolvido diretamente no esquema. E, certo dia, a casa caiu. A polícia tomou o lugar e prendeu inúmeras pessoas. Esse choque de realidade, segundo Juca, o fez abrir os olhos. Com o dinheiro que ganhou no pouco tempo que trabalhou como apontador, Juca deu entrada no curso de cabeleireiro. Foi quando começou com a profissão, aos 17 anos.

Em relação ao trabalho de cabeleireiro, profissão que exerce nos dias de hoje. Juca

revela que, apesar de uma relação difícil com seu tio, foi ele quem lhe ensinou tudo. Apesar de ter morado na casa dos fundos do Candinho, casa esta que ainda existe, não tiveram um relacionamento muito próximo. Candinho trabalhava muito no salão, mas também bebia muito. “Tio Candinho, quando bebia, sumia. Ficava 3 dias, uma semana sem aparecer”. Mas, apesar disso, é no momento em que Juca reúne o dinheiro que ganhou como apontador e da início no curso de cabeleireiro, que Candinho o chama para trabalhar no seu salão, onde Caio já trabalhava. O ano de 2012 é o primeiro de Juca no salão em Guaianases.

Antes de entrar no salão, Juca trabalhou em outra barbearia, mas foi mandado embora. “No curso eu não aprendi porra nenhuma. Quem me ensinou a cortar foi o tio Candinho e o Caio”. Juca ficou com o Candinho até 2013, quando resolveu ir para Suzano e abrir seu próprio salão. No entanto, em 2015 voltou a trabalhar com o Candinho. Ficou lá até a metade de 2016, quando abriu, na companhia de Gabriel e Caio, um outro salão.

#### **1.1.4 Gabriel**

Como disse anteriormente, com Gabriel tive menos contato. Isso tem a ver com o fato de ele ter horários mais específicos no salão por conta de compromisso externos, que vão desde afazeres domésticos, até pegar a filha na creche. Ao que parece – ele já me contou essa história, mas eu nunca entendi muito bem – ele é casado com a irmã da ex-mulher do Caio, daí a proximidade dos dois e da onde surgiu a oferta de emprego. Portanto Gabriel é casado e tem uma filha de 4 anos.

Gabriel tem 26 anos e é branco. Depois de Candinho, é o mais velho no salão. Foi nascido e criado em Guaianases, onde também estudou e completou o ensino médio. Pelo que me conta, ele começou a namorar sua atual esposa, Dora, há muito tempo, quando tinha 19 anos e ela 15. Se casaram e depois ela engravidou. Ele fala com bastante orgulho da casa que mora, bem perto da estação do trem. “Apesar de ser aluguel, a casa é grande e o preço tá muito bom. Olha só: pertinho de tudo, não preciso andar pra nada”

Ao contrário de Caio e Juca, ele não aprendeu a profissão com Candinho. Ele fez um curso profissionalizante de cabeleireiro. Ostenta uma barba bem comprida e um cabelo raspado dos lados e com um grande topete em cima. Ele diz que sua esposa não deixa mais ele mudar, porque ele, enquanto cabeleireiro, tem que ter estilo.

Nessa história, há pouco tempo, sua esposa abriu um salão na sua própria casa, na parte de cima. Não é bem na lage da casa, mas numa parte mais em cima. Muitas vezes Gabriel chega mais tarde ou sai entre um cliente e outro pra ir ajudar no novo salão de Dora. Como é o único

deles com filha pequena, também tem que, eventualmente pega-la no colégio ou leva-la a algum lugar.

## 1.2 Descrição do Lugar

Guaianases é um distrito de São Paulo, localizado no extremo leste da capital, já na região fronteira da poligonal do município. O distrito tem mais de 200 mil habitantes, divididos em dois subdistritos: Guaianases e Lajeado. Vale dizer que, para a dissertação, será feita uma contextualização histórica de Guaianases, buscando trazer à baila a história do lugar até os dias de hoje.

Da Estação da Luz, no centro de São Paulo, sai o trem da linha 11-Coral com sentido à Guaianases. Essa é a primeira de duas etapas da linha, conhecida como Expresso Leste, que liga a capital às cidades de Poá, Ferraz de Vasconcelos, Suzano e Mogi das Cruzes. A estação de Guaianases é uma estação de baldeação, onde se pega a continuação da linha 11. Muito mais rápidos que a maioria das outras linhas de trem, o Expresso Leste faz um caminho com poucas paradas, com duração média de viagem de 30 minutos. Da Luz até Guaianases, o trem para nas Estações do Brás, Tatuapé e Corinthians-Itaquera, margeando a linha vermelha do Metrô de São Paulo. Depois alguns trechos subterrâneos e mais duas estações, Dom Bosco e José Bonifácio, até chegar no destino final.

Pode-se dizer que, via de regra, os trens do Expresso Leste são novos, modernos e espaçosos. Os mais novos não possuem divisão entre os vagões e, pelo menos internamente, não perdem em nada para os trens mais modernos do metrô. A maioria possui ar-condicionado e “headway”<sup>13</sup> relativamente pequeno, mas ainda assim não atenua o sufoco que é tomar os trens da linha 11 nos horários de pico. É impressionante o número de gente que desembarca em Guaianases às 19 horas, por exemplo. Tanto gente que sai e vai a pé para casa, como gente que ainda continua a viagem pela linha 11, ou pega as antigas peruas, os agora micro-ônibus.

Em se falando da continuação da linha 11, ela sai de Guaianases e vai até a estação Estudantes, em Mogi das Cruzes. São mais 9 estações, cobrindo mais 4 cidades, em um total populacional que chega perto de um milhão de pessoas. No caminho, algumas estações provisórias de madeira são utilizadas enquanto as estações mais modernas são construídas. Essa linha ainda tem integração com a “linha de cima” da Zona Leste, a linha 12-Safira, que sai do Brás e vai até Calmon Viana, já em Poá, onde se integra com a linha 11.

Os trens da “extensão” são muito antigos e não aparentam terem passado por algum

---

<sup>13</sup> Internacionalmente conhecido como o intervalo médio entre trens.

processo de modernização. A despeito da idade e do barulho, são trens bastante velozes, mas sem o conforto – se é que se pode usar essa palavra quando o assunto é transporte público – dos trens mais novos da CPTM. Vale ressaltar que estes trens saem quase que invariavelmente lotados, muito devido ao fato de sua frequência ser menor do que a dos trens que chegam da Luz.

A estação de Guaianases<sup>14</sup> é bastante grande e tem um fluxo de pessoas extremamente alto, mas não parece ter sido planejada de maneira adequada. Não existem elevadores ou escadas rolantes. Agrava ainda mais o sentimento de tumulto o fato de que, tanto as plataformas de embarque e desembarque, quanto os seus acessos, são os mesmos. Se embarca por onde se desembarca. Em trens que desembarcam mais de mil pessoas e outras tantas esperam para embarcar, é inevitável a superlotação.

A Estação fica em nível, o que divide o bairro, mas sua entrada é subterrânea. No horário de pico da manhã, o tempo para embarcar é longo, exigindo paciência de quem se arrisca a tomar os trens. Ao norte e ao sul da Estação, e colados a ela, existem dois terminais de ônibus, das peruas, que saem para os bairros do Lajeado (norte), e de Guaianases (Sul). Estes terminais ficam tomados de pessoas nos horários de pico. A maioria dos moradores, depois de chegar de trem, ainda tem de tomar as lotações para chegar em casa.

Depois que o trem sai da última parte subterrânea, quando vindo da Luz, aí já estamos no distrito. Do próprio trem já se pode ver a imensidão daquele lugar. Do lado esquerdo, o CEU Jambreiro e a “Radialzinha”, obras do Governo Marta Suplicy na época de sua administração pelo Partido dos Trabalhadores. Pra cima, morro e casinhas sem fim. Do lado direito, um supermercado Extra bem grande, e muitas casas também morro acima. O lado sul de Guaianases, já me falaram, é mais caro que o Lajeado. Vê-se mesmo que as casas tem suas diferenças.

A estação já fica no “centro”, local de muito comércio. Tem comércio pros dois lados da linha. Do lado sul, os meninos também já me falaram que o aluguel é bem mais caro. É o lado onde fica a maior parte das lojas de sapato, que são bem grandes. É pra onde ficam, também, lojas como Casas Bahia e Ponto Frio.

A principal rua de comércio de Guaianases<sup>15</sup> é paralela à linha do trem. Ali fica a igreja católica e todos os bancos que consigo me lembrar. Ali também se encontram um posto de gasolina, além de padarias, lojas que vendem churrasquinho, sapatarias que vendem sorvete,

---

<sup>14</sup> Para entender a estação, ver anexo 1.

<sup>15</sup> A partir de agora, quando me referir a Guaianases, estarei falando do subdistrito de nome homônimo.

etc. Atrás dela, também há um rua com bastante movimento de lojas.

Seguindo reto, chega-se à estação velha, lugar onde era a antiga estação de trem e agora deu lugar à uma passarela bastante grande, que é ocupada por um órgão de oferta de empregos. Ali também fica o viaduto de Guaianases. Candinho sempre fala desse viaduto: “quando falaram que iam construir esse viaduto aí, a gente não acreditou. Quando que a gente imaginou que Guaianases ia ter um viaduto?”. Esse viaduto liga a Estrada do Lajeado Velho à Guaianases, passando por cima dos trilhos do trem.

A parte do centro que fica no Lajeado é diferente. Primeiro que ela não margeia a linha do trem, ficando um pouco mais escondida. Ela margeia, isso sim, o rio que, canalizado e fedorento, corre por ali. Caio jura que ali o aluguel é mais barato por causa do rio. Ele tem a sua razão em pensar isso.

Saindo pela estação do trem, o jeito mais fácil de chegar ao comércio é pegando uma rua quase diagonal ao terminal de ônibus. É nessa rua que as lotações fazem fila, esperando sua vez de entrar no terminal. Tem dias que rua está tomada daqueles pequenos ônibus. Passando por ali já se vê, à margem do rio, muitas casas construídas quase que dentro dele. Também dali ve-se muitas casinhas em ruas quase inexistentes, de chão. Contudo, essa não é a regra por ali.

Continuando a caminhada, chegamos numa ponte. Ali, para esquerda, já era o comércio do Lajeado. A rua principal era virando à direita. Todo o comércio para os outros lados eram de açougues, mercadinhos, restaurantes, pequenas lojas de variedades, coisas para casa e bares. Virando à direita, na rua principal, que continua margeando o rio, é aonde está a maior parte das lojas, além de uma escola municipal. É por ali, também, que passam todas as linhas de ônibus.

Seguindo a pé essa rua principal<sup>16</sup>, chega-se à antiga estação de trem. No entanto, deste lado fica o Mercado Municipal de Guaianases, onde se vende desde produtos de limpeza, até cervejas importadas e iguarias. Nas redondezas, autoescolas, padarias menores, uma farmácia e alguns bares que vendem churrasquinho.

Subindo, dali, pela Estrada do Lajeado Velho, como quem vai para o Jardim Romano e a “parte de cima” da Zona Leste, além do trânsito pesado e muitas vezes incompreensível, existem postos de gasolina, hipermercados, academias, muitos bares, outros tantos bancos e muitas igrejas evangélicas enormes. Uma delas é possível ver da Estação de trem, destoando, no alto do morro, das outras edificações.

O centro de Guaianases, assim como o centro da maior parte das cidades, muda muito

---

<sup>16</sup> Para veículos, vai no sentido oposto de minha descrição.

ao anoitecer. É certo que existem lugares que ainda mantêm um forte fluxo de veículos depois das dez da noite. Já vi, por exemplo, a estrada do lajeado velho totalmente parada às dez e meia da noite. Chama atenção o grande número de ônibus cheios ainda nesse horário.

Só que a maior parte do centro de Guaianases fica às moscas depois das oito horas. Caio me contava, certa feita, que antes o centro fechava à nove, mas agora fecha às 7. Fora da estrada do lajeado não fica praticamente nada aberto depois das 9. As ruas ficam bastante desertas e a iluminação não é tão clara. Nesse horário, apenas os bares e as academias de artes marciais e ginástica ainda estão abertos.

Toda essa parte comercial da parte do Lajeado, além de parecer possuir um comércio mais local, de coisas mais específicas, é também onde ficam quase todos os salões de beleza e barbearias em geral que tive oportunidade de ver. E são muitas. Foi em um desses “salões masculinos” que fiz a minha pesquisa.

O salão<sup>17</sup> do Candinho fica em uma dessas ruas do Lajeado. Fica ao lado de uma sapataria, quase de esquina com uma rua transversal. Por ali, no começo da rua, uma escadaria serve de loja de doces e toda a sorte de guloseimas. Pro lado de fora da “loja”, caixas de som tocando música o dia todo, até a hora de fechar. Sempre tem umas crianças de bicicleta ali, comprando balas.

Ainda por ali, um consultório dentário, onde sempre um senhor entrega santinhos com promoções do local. No começo, pegava, por dia, uns 5 panfletos daquele. Um dia, acho que me reconhecendo, ele parou de me entregar. Quase em cima do consultório, numa escada em caracol quase no meio da rua, uma espécie de prostíbulo diurno. Só funciona em horário comercial. A luz em neon escrito “bem vindo” deixa de piscar quando a noite cai.

Nos arredores, uma vasta loja que vende artigos de religiões de matriz africana, como exus forjados em ferro, atabaques, etc. Mais adiante, de esquina, uma loja de venda de passagens de ônibus. A maior parte das empresas que vendem suas passagens ali são aquelas que tradicionalmente mantêm a maior parte das linhas pro nordeste. Ao lado, uma casa noturna que abre diariamente e toca uma música bem alta já antes das 22 horas.

Ainda nessa rua, além do salão do Candinho, outro salão divide os clientes. É um salão-escola. Os cortes dos alunos custa 5 reais e, mais de uma vez, vi também mulheres cortando o cabelo lá. Antigamente, no salão do Candinho, também trabalhava uma mulher, que fazia os

---

<sup>17</sup>O termo salão é aqui utilizado por ser esse o nome como usualmente é tratado o estabelecimento. A ideia de barbearia, que em algum momento foi tida como o lugar onde o homem corta o cabelo, quase não aparece nos discursos de quem trabalha e frequenta o salão do Candinho. Posteriormente, no texto, a própria ideia de salão será discutida. Em suma, mesmo que eventualmente o local seja chamado de barbearia, o termo preconizado pelos meninos é salão, sendo eles cabeleireiros.

cortes femininos. Infelizmente, essa senhora ficou doente e faleceu. Desde então, o salão é só de cortes masculinos.

O salão é claro, com boa iluminação. Uma loja de presentes ao lado mudou sua iluminação para uma mais potente, que realmente se destaca na rua. Os meninos, vendo aquilo, sugeriram ao Candinho uma melhora na iluminação do salão também. As luzes em cima dos espelhos estão com mal contato há anos. De todo modo, o salão ainda é bem iluminado em relação às outras lojas.

Um vidro separa o salão da rua, mas apenas de uma das duas portas de metal rolantes. Para entrar, não há necessidade de se abrir qualquer porta. Nas paredes laterais da esquerda, 4 espelhos para os 4 cabeleireiros. Como disse, as luzes em cima dos espelhos não funcionam. Por incrível que pareça, isso é um problema maior em dias escuros do que a noite, propriamente. Em baixo de cada um dos espelhos, uma mesinha com uma pequena gaveta pregada na parede amarela. Ali ficam todos os apetrechos que a profissão exige.

Tudo que é do salão é igual pra todo mundo. O que varia são as tesouras de cada um, os pentes, as navalhas. Até as máquinas são as mesmas. O gel também é comprado em conjunto, assim como as lâminas e o creme para barbear. Na quina superior, a esquerda de quem entra, fica uma pequena TV pendurada, quase sempre desligada, que não pega muito bem. Depois da última cadeira lateral, uma porta “sanfona” é a entrada para o pequeno banheiro do lugar.

Na outra parede, do lado direito de quem entra no recinto, um jogo de cadeiras coladas umas às outras, depois uma mesa com revistas “Quem” e “Caras”, que a tia de um dos meninos, que também tem um salão, dá para eles. Depois outras quatro cadeiras coladas umas às outras. É ali que os clientes esperam sua vez de cortar.

No final das cadeiras, e quase de frente do banheiro, um lavatório e, depois, uma espécie de tapume pintado de branco serve de divisória entre o salão e a parte onde a “folga” durante o dia é tirada. Ali de dentro fica mais uma daquelas cadeiras enfileiradas, colada na parede de madeira. Na parede, já o fundo do salão, algumas prateleiras guardam desde vestimentas até acessórios outros, alheios ao ambiente. Ali também fica uma pequena caixa de som, onde muitas vezes uma música é colocada em boa altura, pra todo mundo escutar. É ali também que o pessoal senta pra mexer no celular quando estão sem clientes, sentam pra almoçar, etc.

### **1.3 O Dia-a-dia no Salão**

Depois de um bom tempo frequentando o salão do seu Candinho, posso dizer que os

dias passam de maneira bem semelhante, como imagino ser os dias da maior parte dos trabalhadores. No entanto, ao mesmo tempo que as coisas são parecidas, o são na forma como acontecem, não no seu conteúdo. O processo de lhe dar com pessoas insere, no contexto, aprendizados variados, que vão desde saber “o que tá pegando”, histórias de outros lugares, conversas sobre animes, etc. Trabalha-se, essencialmente, conversando todo o tempo, o que deixa o clima do salão deveras descontraído.

Começando pelas resoluções internas, a primeira é o valor do corte: 15 reais. Esse preço é fixo. Não importa o corte que se quer fazer na cabeça: se for apenas cortar, é 15 reais. Como falarei mais detalhadamente adiante, muitas pessoas vão ao salão com bastante frequência apenas para “fazer o pezinho”<sup>18</sup>. Para esses casos é cobrado o valor de 5 reais. O valor da barba é 10 reais; sobrancelha, 5.

De todo o dinheiro arrecadado, Candinho, o dono, tem uma parte que, no corte, é a de um terço do valor, isto é, 5 reais. De um modo geral, a ideia de um terço é aplicada para todo o tipo de corte. Desse modo, esse pagamento que todos dão ao Candinho pelos cortes que fazem é uma espécie de aluguel do espaço por cada um deles, uma vez que não pagam as contas de água, luz e do ponto, além de já terem uma boa infraestrutura de trabalho.

Esse é um ponto que gera “brigas” todos os dias. São inúmeras as discussões entre um dos meninos e o seu Candinho quanto ao pagamento ou não do corte para ele. As vezes são por valores de um ou dois reais. Eventualmente essas brigas ficam maiores, mas não necessariamente pelo dinheiro, mas por envolver outras provocações nem sempre bem aceitas. Candinho é um senhor atento, mas dizem que muito “esquecido”. Ele fala que tem que olhar de perto as coisas pra tocar bem o salão.

Uma vez entrou uma mulher aqui pedindo um real pra comprar comida, daí o tio Candinho falou: 'minha filha, se eu tivesse um real eu tava na praia uma hora dessa'. (eu e Caio começamos a dar risada). Ve se pode um negócio desse. Tio Candinho é muito mão de vaca. Não pode ser assim não.

Das cadeiras que cada um tem direito, elas são marcadas. Isso quer dizer que cada um só corta o cabelo de um cliente na sua própria cadeira. Da mais próxima da rua até a mais próxima do banheiro ficam, respectivamente, Caio, Candinho, Gabriel e Juca. Não sei quais foram os critérios que utilizaram para essa definição, mas ela é respeitada.

O salão é um ambiente estritamente masculino. Das poucas mulheres que vi lá até hoje, uma foi a esposa do Gabriel e sua filha, que aparecem lá com alguma frequência, mas sempre muito rápido. Lembro também de uma outra moça, que foi levar o filho pra cortar o cabelo.

---

<sup>18</sup> Significa fazer apenas o contorno do cabelo, acertando as beiradas com uma tesoura e/ou uma navalha.

Fora esta, todas as outras vezes que foram crianças cortar o cabelo, era sempre um homem acompanhando. Isso, a meu ver, é um forte indicativo de salão enquanto um ambiente masculino, pois rompe, em alguma medida, com a relação de cuidado que caberia à mãe. Dito de outra forma, em quais outras circunstâncias da vida de uma criança de 5 anos, como comer, ir ao médico, ir à escola, etc, seria conduzida pelo pai?

De todas as crianças que vão cortar o cabelo, e aqui me refiro àquelas que precisam de cadeira especial, por serem ainda muito pequenas, o corte ou é do jeito que o pai manda, ou é “estilo Neymar”. A quantidade de molequinhos que vi pedir para cortar o cabelo como o do jogador de futebol foi considerável.

Em relação aos cortes, o uso da máquina é obrigatório. Não é que todo mundo corte o cabelo esteticamente igual, mas o uso da máquina é um traço marcante: não existe corte sem passar a máquina em alguma parte do cabelo. Observando que nunca vi ninguém entrar no salão e pedir um corte inteiro na tesoura, perguntei pro Caio se isso acontece. A resposta foi curta: “se alguém pedir isso eu mando embora”. Muitos cortes são apenas na máquina mas, mesmo estes, variam os pentes, de tal modo que o cabelo quase nunca fica uniforme.

Esse jeito de cortar o cabelo é bastante difundido. Ao sair nas ruas de Guaianases, dificilmente se vê alguém com um corte que fuja muito do corte mais baixo do lado e mais alto em cima. Obviamente, devido as proporções do lugar, se vê de tudo, mas de maneira muito mais limitada. Assim como o corte, o uso de bonés é bastante recorrente. Isso é perceptível, inclusive, no transporte. O contraste entre o número de pessoas usando boné no trem da linha 11 e, depois, no metrô, é muito grande. Já houve oportunidade, com o trem mais vazio, de eu conseguir contar mais gente com boné do que sem.

O número de cortes que cada um faz varia muito do dia. Os dias mais movimentados são os de começo de mês e os finais de semana e feriados. Já teve dias de nenhum dos quatro terem descanso por um longo período, de tão grande a fila de espera. Mas essa não é a regra do salão. Na maior parte dos dias do mês o movimento é mais fraco. Candinho com frequência reclama da falta de movimento. Atribui, principalmente, ao grande número de salões que existem pela região. De fato, faz sentido. Eu mesmo vi um salão abrir lá perto da estação do trem. Dois rapazes cortam o cabelo ao preço promocional de 10 reais.

Cada um tem sua clientela fiel. O Caio é, de longe, o que possui maior número de clientes. Talvez isso se deva, em grande medida, por ser, depois do Candinho, o mais antigo ali. Tem dias que, enquanto Caio tem 3 pessoas na fila de espera, os outros 3 estão sentados esperando chegar clientes. Candinho tem muitos clientes também, mas, por serem mais velhos, chegam em horários específicos. Ousaria dizer que 9 em cada 10 pessoas com mais de 40 anos

que vão cortar o cabelo, cortam com Candinho. Muitos deles, como já ouvi histórias, cortam com ele desde que eram criancinhas. Ao mesmo tempo, é improvável ver Candinho cortando o cabelo de algum jovem ou adolescente.

Enquanto o Juca batalha para estabelecer uma clientela mais fiel, os clientes do Gabriel são mais específicos. Geralmente são jovens que vão fazer cortes, digamos, mais “modernos”, ou algo para além do corte, como um alisamento ou pintura. Também por isso os cortes do Gabriel duram um pouco mais do que o dos outros.

A ideia de que ali é um salão e não uma barbearia encontra força na analogia com a ideia de um “salão de beleza feminino”. Foge da regra da barbearia antiga, de cortes rápidos, baratos e sem muito cuidado, e entra na lógica do que se chamaria “ vaidade”<sup>19</sup>. Neste sentido, muita gente vai até o salão para alisar o cabelo ou até fazer a sobrancelha. Alguns passam algumas horas para completar todos os procedimentos no cabelo.

A maior parte das conversas depende de quem está no salão. Isso é importante também para conseguir enxergar o meu papel ali dentro e como, mesmo sem querer, posso direcionar as conversas. Muitas vezes os diálogos ficam restritos ao cabeleireiro e o cliente, mas em outros tantos momentos, a conversa no salão é uma só. Daí depender também do perfil de quem está cortando, do assunto, etc.

O assunto que mais mexe com o pessoal são os que envolvem mulher. Quando chega alguma coisa no whatsapp, o celular já roda o salão inteiro. Também é comum o assunto enveredar para as mulheres do bairro quando, eventualmente, uma delas passa em frente à loja. Falar de mulher é uma parte do cotidiano do salão que quase nunca falta.

Nos dias de menor movimento, a gente fica conversando sentados ali dentro do salão. Sempre tem alguém mexendo no celular, acessando a internet, as redes sociais, ou vendo animes online. O salão não tem internet, mas eles pediram a senha pra filha do morador de cima do salão. Assim, as histórias virais de grupos de internet correm mais facilmente pelo salão.

O telefone é instrumento bastante presente na vida da maior parte das pessoas de hoje. Com os meninos do salão não é diferente. Aliás, generalizando, com os meninos de periferia não é diferente. Todos querem ter um celular legal, de preferência um iphone. Gabriel e Caio possuem um. Só que os modos para conseguir um telefone desses pode não passar pelos métodos tradicionais de compra. É comum ver o Gabriel, por exemplo, navegando nas

---

<sup>19</sup> Não estou dizendo, aqui, que a lógica da vaidade é exclusiva das mulheres. O que estou tentando mostrar, a partir da minha realidade, desde os tempos de criança, é que, agora, algumas amarras tem se afrouxado. Ninguém tem vergonha de chegar e pedir um alisamento ou uma tintura pro cabelo, coisas que, até pouco tempo atrás era (e para inúmeras pessoas ainda é) “coisa de mulher”.

“fronteiras do legal e do ilegal”, fazendo alguns “rolos” com alguns pertences para conseguir outros. Da mesma forma que, para conseguir um tênis de marca, não se vai, de primeira, nas lojas do shopping, mas nas lojas do Brás. Saber navegar nessas opções da cidade é uma característica muito forte dos meninos.

De manhã, geralmente é o Candinho quem abre o salão. Abre por volta das 8 horas, mas não é um horário que atraia muita gente. Os meninos costumam chegar por volta das 10 horas, um pouco mais cedo ou mais tarde. O movimento maior só se concentra na parte da manhã nos domingos e feriados. Quem mais corta cabelos nesse horário é o próprio Candinho. Sempre tem algum cliente que chega antes das nove horas.

No dia a dia comum, Candinho é o último a sair para almoçar. Também é o único que volta pra casa para a refeição. O horário de almoço padrão é por volta de meio dia e meia. Sempre quando estou lá, almoço com eles. Compramos a marmita na “Tia da marmita”, numa outra parte do centro de Guaianases, e depois voltamos para almoçar no salão. Ali, atrás do tapume de madeira, já tem alguns talheres limpos que usamos para comer. Não existe um horário de almoço fixo, portanto ele é mutável. Mas depois de comer, acaso chegue um cliente, eles avisam pra esperar que ainda estão em horário de almoço.

Conforme o dia passa, aumenta o número de clientes para todo mundo. A maior parte chega no final da tarde. Como eu disse, existem dias melhores que outros. Os dias de meio de semana, ou seja, terça, quarta e quintas-feiras, são os piores. Sexta-feira costuma ir mais gente, principalmente jovens que vão para alguma balada no centro da cidade ou para algum fluxo de rua.

Por volta das seis horas é a hora do café. O Gabriel sai menos pro café porque fica mais tempo fora do salão em outras horas. Geralmente Juca e Caio saem juntos e, quando eu também estou lá, vou com eles. Como a hora do café não é definida, muitas vezes o Caio, por ter mais clientes, não consegue sair. Com isso, a maior parte das vezes que fui tomar café foi com o Juca. Costumamos ir no Bobô, um sujeito interessante que trabalha em uma padaria das redondezas. Bobô usa o boné de aba reta enfiado até quase tampar os olhos. Dizem, não sei, que não existe ninguém que tenha visto ele sem o boné. Entrando na brincadeira, ele sempre fala que “tem que ser muito zica pra eu tirar o boné pra alguém”.

Na padaria, com o Bobô, comemos e ficamos quase sempre conversando mais um tempo antes de ir embora. Na volta, passamos em frente o estabelecimento de um dos caras que sempre vai cortar o cabelo no salão. Ficamos ali mais alguns minutos conversando e depois voltamos para o salão. Nesse horário, o movimento já é intenso nas ruas. Muitos veículos e muita gente andando nas calçadas no retorno pra casa.

Lá pras seis e meia, a tia do suco costuma passar vendendo suco natural, café e uma torta de frango. Ela chega, senta um pouco ali, conversa com alguém, conta algum caso e vai embora. Geralmente compramos alguma coisa dela. Das vezes que não compramos, ainda assim ela deixa um cafezinho pra quem quiser. Um pouco antes das sete da noite, Juca sai para ir ao colégio. O Gabriel também sai mais ou menos nesse horário. Candinho e Caio são os que ficam pra fechar o salão. A depender do movimento, sete e meia da noite o salão já está fechado. Se ainda tiver cliente, pode até passar um pouco das oito da noite. Quando fico até essa hora, me despeço deles e tomo o rumo da estação do trem, para voltar para casa.

Eu procurei variar os dias e horários que ia ao salão, de tal modo que pudesse preencher todas as lacunas temporais. Desse modo, durante muito tempo, ia até Guaianases dia sim, dia não, de manhã e de tarde, cobrindo todos os dias. O acompanhamento da realidade de trabalho dessas pessoas é, em grande medida, o acompanhamento de suas vidas inteiras. Eles passam mais tempo no salão do que em qualquer outro lugar. O trabalho consome a maior parte dos seus dias, sem nem levar em conta os deslocamentos para chegar até lá.

A minha maneira de proceder não pode ser tratada de modo objetivo, porque as relações não são objetivas. De modo geral, toda a etnografia se desenvolveu na barbearia e nas saídas para o café nas redondezas. Eu, sentado no banco conversando ou apenas escutando as conversas, também era parte daquilo tudo. Com o tempo, vários clientes já me reconheciam quando chegavam. Do mesmo modo, nas padarias e bares para o café, também já era reconhecido, assim como a recíproca era verdadeira.

Todo esse processo de descrição etnográfica é importante para o texto na medida em que o cenário aonde a pesquisa se passou já está pintado. Neste sentido, as narrativas etnográficas que darão sequência ao trabalho serão melhor compreendidas, uma vez que se sabe um pouco mais sobre o local, as pessoas e o cotidiano da pesquisa. É a partir do que eu assimilo e interpreto daquilo que via no salão que as cenas a seguir são construídas.

#### **1.4 Salão Vs Barbearia**

Desde pequeno, sempre que meu pai me levava para cortar o cabelo, o termo a ser utilizado era ‘barbearia’. Eu ia no barbeiro e cortava meu cabelo. Depois de crescido, além do cabelo, eventualmente fazia a barba, mas nada além disso. Até hoje o termo barbearia é amplamente difundido em todas as localidades. Na verdade, posso dizer que poucas vezes tinha ouvido o termo salão para se referir ao lugar em que homens cortam o cabelo.

No entanto, essa perspectiva se tornou mais regular quando comecei a frequentar o salão

do Candinho, em Guaianases. Por ser homem e ter vivido em uma cidade pequena, onde toda a cidade estudava no mesmo colégio, posso dizer que jamais presenciei homens fazendo a sobancelha, tampouco alisando e pintando os cabelos. A frequência com que isso acontece hoje me permite, acredito, entender essas ações não mais como coisas particulares, mas como uma nova característica, que vem se difundindo.

Não é meu intuito deixar muito tempo nesta discussão, mas algumas abordagens são necessárias, pois revelam, ao meu ver, uma mudança importante no “ser homem” ou nas masculinidade. Encontrei, por exemplo, o mesmo rapaz que foi preso trocando tiro com a polícia depois de assaltar um indivíduo, cortando o cabelo com “risquinho” e fazendo a sobancelha tempos depois. Certos tipos de vaidade não são mais vistos como atreladas a homossexuais ou à mulheres.

É necessário ressaltar que são “certos tipos de vaidade”, não todas. Ademais, me parece ser algo aceito, mas não posso dizer que por todos os homens e mulheres. É latente que as discrepâncias geracionais tendem a fazer com que os abismos entre códigos e condutas sejam ampliados de acordo com a idade dos indivíduos. Mas, de um modo geral, não se deixa de ser homem por alisar o cabelo, ou por arrepiá-lo, tampouco por fazer a sobancelha. Mas, como eu disse, não são todas as ações estéticas que são aceitas. Não se faz as unhas, não se depila, a sobancelha é feita com navalha, não com pinça.

No final das contas, talvez a terminologia que se refira ao lugar onde homens cortam o cabelo não tenha um relevância em si, mas é importante dimensionar como, nos dias de hoje, certas formas estéticas tem se tornado, também, masculinas.

## 2 Fluxo, Circulação e Mobilidade

Não apenas o município de São Paulo, mas como toda sua região metropolitana, tiveram crescimento vertiginoso durante o século XX. Para se ter uma ideia deste crescimento, a população da cidade de São Paulo saltou de 2,7 milhões de habitantes no início da década de 1960, para algo em torno de 8,5 milhões de habitantes no final dos anos de 1970. Hoje o município de São Paulo conta com cerca de 11,5 milhões de habitantes, que conjuntamente com sua região metropolitana, chegam a expressivos 20,5 milhões de habitantes. Pensando na imensidão que é esta localidade, com mais gente que inúmeros países mundo afora, são mais habitantes que os estados de Minas Gerais ou do Rio de Janeiro.

Para entender a ideia de fluxo, principalmente com o ponto de observação inicial na periferia da cidade, explicarei alguns pontos importantes, que serão desenvolvidos ao longo deste capítulo. Em primeiro lugar, a própria migração para a capital paulista é também um fluxo, que chamarei aqui de fluxo para a cidade<sup>20</sup>. Na música, Gilberto Gil, em 1968 cantava

Lá no sertão quem tem/Coragem pra suportar/Tem que viver pra ter/Coragem pra suportar/E somente plantar/Coragem pra suportar/E somente colher/Coragem pra suportar/E mesmo quem não tem/Coragem pra suportar/Tem que arranjar/também/Coragem pra suportar/Ou então/Vai embora/Vai pra longe/E deixa/tudo/Tudo que é nada/Nada pra viver/Nada pra dar/Coragem pra suportar (Coragem pra Suportar, Gilberto Gil, 1968)

Nos fluxos pela cidade, ou a circulação, delimito inicialmente três categorias para entendê-los, a saber: os motivos e motivações, os locais de circulação e o transporte. Dito de outra forma, como os indivíduos fazem para chegar em algum lugar aonde é necessário estar em algum momento? Aonde Candinho vai quando precisa comprar uma calça? E quando precisa comprar um carro? Entender a circulação das pessoas pela cidade é um passo determinante para entendermos sua própria territorialidade. Neste sentido, o transporte e, portanto, a mobilidade, são importantes. Sendo assim, farei algumas considerações sobre o transporte público, sobre trilhos e pneus, e seu papel na circulação das pessoas pela cidade.

### 2.1 Vinheta: O Ventríloquo e o Cego

Voltava de Guaianases. Era um sábado. Retornaria à Guaianases no domingo também. Os finais de semana são geralmente mais movimentados no salão. O relógio marcava quatro da tarde, estação Corinthians-Itaquera da CPTM. Eu ia em pé, colado junto à porta direita do trem. As portas a minha frente abriram para entrada e saída das pessoas. No meio destas pessoas entra um senhor com uma mala preta. Trajava uma camisa surrada, uma calça jeans dobrada até a

---

<sup>20</sup> A migração do nordeste para o sul, como trabalhos de Baeninger (2005), Fontes (2008) ou Cunha (2005). 57

canela e um sapato. A barba estava por fazer e os cabelos brancos já me davam uma noção de sua idade. Resmungava alguma coisa. O fitei. As portas fecharam e o trem seguiu viagem.

O senhor passou pela minha frente falando, em tom de resmungo: “vamos ver se consigo pelo menos um café”. Continuei observando. Ele andou até o meio do vagão e, subitamente, jogou a mala no chão. Todos olharam. Neste momento, começou a contar uma história. Contou que, há muito tempo, veio do nordeste pra São Paulo e trouxe consigo um amigo. Todos ainda olhavam com ar desconfiado. Enquanto falava, começou a abrir a mala. Ele tirou um boneco de ventríloquo dali e o apresentou para todos nós.

O trem demorava, via de regra, exatos 10 minutos da estação de Itaquera até a estação do Tatuapé, sua próxima parada. Tempo suficiente para um artista de rua conseguir trabalhar. Este parecia o trunfo daquele senhor. O boneco chamava a atenção de um grande número de crianças que ali estavam. Foram quase 10 minutos de uma apresentação inesperada, que mesclava a história de um migrante que sofreu em São Paulo com críticas aos momentos atuais.

Já perto do Tatuapé, ele terminou sua apresentação, arrancando sorrisos de todos dentro do vagão. Pelo que consegui contar, conseguiu dinheiro mais que suficiente para tomar um café. Antes do trem parar, ainda foi levando o boneco para perto das crianças que, surpreendidas, o tocavam e conversavam com ele. O trem parou, a porta abriu, o senhor guardou a mala e saiu pela estação.

Eu estava em um dos últimos vagões. Era um trem dos mais novos, com passagem interna livre entre eles. Comecei a escutar uma música alta vindo do último vagão. Ali, na estação Tatuapé, entrou um homem cego. Era dele que vinha a canção altíssima. Observei o seu caminhar. Ele vinha andando e cantando em cima da base musical que saía de uma caixa de som amarrada ao seu peito. De boina e com a bengala longa, passeava em direção ao outroextremo do trem cantando músicas de louvor a deus enquanto segurava e batia, com a mão esquerda, uma lata com moedas. Enquanto isso, inúmeros marreteiros, que também tinham entrado na mesma estação, se desvencilhavam dele para vender suas mercadorias. O homem fez este ritual até a estação da luz, indo e voltando dentro trem do tem por cerca de 15 minutos. Cheguei na luz e pensei que era apenas mais um dia no trem.

## 2.2 O Transporte

O metro de São Paulo transporta, nos seus 78 quilômetros de extensão, cerca de 4 milhões de passageiros por dia. Já a Companhia Paulista de Trens Metropolitanos – CPTM, nos seus 258 quilômetros de linhas, transporta algo em torno de 2,8 milhões de passageiros por dia.

São quase 7 milhões de passageiros (não unitários) transportados por dia no transporte sobre trilhos da grande São Paulo.

São cerca de 2,5 bilhões de pessoas anuais que viajam nos transportes sobre trilhos da grande São Paulo. Número expressivo, mas ainda longe de ser o ideal. Existe a ideia, muito propagada, de que São Paulo é a cidade do metrô. Este é um engano que deve ser mensurado e entendido: mesmo somados os números do transporte de passageiros entre o metrô e a CPTM, este ainda tem cerca de 500 milhões de passageiros transportados a menos do que os ônibus, isto sem contar, ainda, com os ônibus metropolitanos da EMTU<sup>21</sup>.

Portanto, um primeiro ponto que chamo atenção é que o meio de transporte mais utilizado na capital paulista são os ônibus municipais. Isto tem a ver com alguns fatores. É possível imaginar que em uma cidade tão grande, um transporte mais capilar seja mais bem sucedido. No entanto, áreas extremamente povoadas, com alta densidade, não são servidas pelos trens ou metrô.

Tomando Guaianases como ponto de partida, o distrito é, como já foi mostrado, um dos mais populosos do município, com uma densidade de 15 mil hab/km<sup>2</sup>. Em horários de pico, é muito difícil tomar os trens no sentido do fluxo, ou seja, Guaianases/centro de manhã e o inverso no final da tarde. Apesar de tudo, existe apenas uma estação de trem em todo o distrito, que fica absolutamente abarrotada de gente.

Candinho me contava que a promessa sempre foi a de levar o metrô até Guaianases, não o trem. No entanto, conformado, Candinho tem a certeza de que é melhor ter o trem ali do que não ter. Essa a visão da maior parte da população. Justamente por ser pouco, o metrô (e em algumas situações, também o trem) é um atrativo importante no que diz respeito à localização das moradias. Morar perto do metrô é ver a vida em São Paulo facilitada. Mas por que é assim?

A partir da estação Belém do metrô, já na zona leste de São Paulo, todas as outras estações – exceto Guilhermina-Esperança – tem uma estação de ônibus anexa. Isso não é um acaso. A capilaridade do metrô nas regiões mais centrais dá lugar a escassas estações nas periferias. A ideia é adensar as linhas nas regiões mais centrais, e portanto mais ricas, para poder dar vasão às populações que moram mais longe. Por inexistirem linhas que não passem nos centros, a pessoas são obrigadas descer na estação mais próxima de casa, mesmo que ainda seja distante. É aí que entra o transporte local, que sozinho transporta 1,3 bilhão de pessoas ano.

Como já alertava Villaça (1997), entre outros autores de tradição marxista, um dos

---

<sup>21</sup> Todos estes dados podem ser encontrados nos sites do metro, da CPTM e da prefeitura da cidade São Paulo 59

ganhos teóricos da nova geografia é mostrar como o espaço urbano opera também como um espaço de dominação. O metrô é um exemplo característico dessa dominação. Em São Paulo, as únicas pessoas que podem pegar apenas o metrô para providenciarem seus afazeres, são as classes média e alta. A maior parte das pessoas está, necessariamente, amarrada a um transporte que não lhe permite, ao menos, apenas um sistema de transporte. Estas afirmações tem como alicerce os números fornecidos pelo Metrô, pela CPTM e pela SPtrans, além de análise dos mapas do transporte público de São Paulo, bem como as próprias observações por mim feitas ao longo do ano de 2015.

Na prática, isso quer dizer que, além do tempo no transporte sobre trilhos, ainda é necessário chegar ao destino e tomar um ônibus que passe perto de casa. Na estação de Guaianases, nas plataformas de ônibus em anexo, algumas vezes fiquei observando, nos horários de pico, a movimentação das pessoas ao saírem dos trens. A maior parte delas não vai a pé para casa. Ainda tem um bom caminho nos micro-ônibus, que entram nas ruelas das vilas. Todos muito cheios. O trânsito pouco veloz atrapalha ainda mais a volta para casa e, caso esteja chovendo, é necessário que não alague a avenida principal.

Mas, ao mesmo tempo que o metrô segrega, ele une. Esse paradoxo é representativo, pois, apesar de tudo, o metrô se encontra em uma região de circulação de grande parte dos moradores da cidade, a saber, o centro. Se dificilmente encontraríamos uma pessoa que more na Vila Mariana dentro do trem na estação Guaianases, o inverso é a regra, isto é, um morador de Guaianases pode ser visto com frequência no metrô na Vila Mariana, principalmente em dias de semana, a trabalho.

Essa ideia é importante porque a relação movimento/fixidez, ou seja, a circulação e sua relação com o que é estável, transforma o próprio movimento, mas também o que é fixo. Dito de outra forma, ao meu ver, as conformações articuladas entre o movimento e a fixidez são próprias da construção da cidade em suas mais diversas facetas: um ciclo que transforma um pelo outro.

Voltando às constatações referentes aos micro-ônibus, estes ainda são difundidamente chamados de vans, de peruas ou de lotação. O processo de institucionalização destas peruas é muito bem analisado por Daniel Hirata (2010, 2012). As peruas eram um transporte ilegal, que cobriam vastas regiões com carência de ônibus nas periferias de São Paulo. Segundo Hirata (2012, p.22), a explosão do transporte clandestino em São Paulo acontece por inúmeros motivos, como falta de ônibus regulares nas localidades, as linhas dos perueiros serem mais capilares, e portanto mais cômodas, além de custarem a metade do preço dos veículos tradicionais e oferecerem itinerários alternativos de acordo com o trânsito.

De modo bastante resumido, podemos dizer que o processo de legalização das peruas ocorreu no governo Marta Suplicy (PT), com o advento do bilhete único na cidade. Como alerta Hirata, as ligações entre as cooperativas dos micro-ônibus, agora legalizadas, o que chama de “nova esquerda” e o PCC são importantes, tendo as licitações sido “estranhas” e políticas. Também por Guaianases já ouvi algumas vezes as pessoas afirmarem sobre a relação entre o PCC e as peruas<sup>22</sup>.

Até hoje as características das vans são diferentes dos ônibus de linhas maiores. Nos micro-ônibus, os motoristas não tem um uniforme padrão, ainda tem uma liberdade maior dos locais de parada e o ambiente ainda parece muito mais informal do que tomar uma condução nas regiões mais centrais de São Paulo.

O mais relevante a ser dito é que a relação entre o transporte sobre trilhos nas periferias e as antigas peruas se dá de maneira determinante. Essa situação se diferencia em valores quando se sai do município de São Paulo. Ao invés do bilhete único, o usuário usa o BOM, que é válido para todas as cidades da RMSP em seus ônibus municipais, com desconto de R\$1,68 no valor final da tarifa.

## **2.3 Quem é e Para Onde Vai o Trem?**

### **2.3.1 Vinheta: Lá Longe!**

Voltando de Guaianases, já no metrô bastante cheio. Linha 1-Azul sentido Jabaquara, tomada de gente. Na Sé, que ultimamente anda mais vazia do que há alguns anos atrás, entra um grupo de 4 meninas, brancas, animadas, com uns vinte e poucos anos cada uma delas. Duas estavam com mala, uma sem mala e uma sem mala e aparentando morar em São Paulo há muito tempo. Eu, recostado na porta do trem, não consigo parar de observar. Conversam muito alto. Estão todas muito animadas. Parece que uma delas nunca tinha pisado em terras paulistanas antes. Olho tudo com bastante atenção.

O tempo vai passando. Aposto que elas vão descer no paraíso, pensei comigo mesmo, remetendo a ideia de que iriam tomar a linha verde sentido Vila Madalena. A conversa delas não era necessariamente alta, mas o entusiasmo, atrelado ao fato de, no metrô, a maior parte das pessoas estarem com fones de ouvido ou mexendo no celular, fazia com que eu ouvisse toda a conversa. Começa a falar de viagens para fora do país. Uma delas parece ter morado na Alemanha durante algum período da vida. Uma outra fica mais afastada, quase não abre a boca.

---

<sup>22</sup> Para uma discussão mais aprofundada sobre a formação do transporte sobre pneus em São Paulo, ver a dissertação de Campos (2016). Especificamente sobre transporte clandestino, ver Hirata (2011)

A moradora de São Paulo começa a falar do tempo em Nova Iorque. O pessoal tem viajado bem, parece.

Vamos nos aproximando do metrô paraíso. Estaria minha previsão correta? A conversa vai seguindo, da viagem, do avião, do que vão fazer a noite, que o tempo de estadia tinha que ser menor. Uma das meninas, a mais animada ali, começa a olhar o mapa do transporte metropolitano sobre trilhos, que fica pregado nos trens da CPTM e nos trens do Metrô. Vai acompanhando com o dedo, entretida, enquanto a “moradora” continua a falar sem parar. As conversas foram, basicamente, entre as duas.

“Itaquera! Quero ir lá. É lá que fica o estádio do Corinthians, não é?” - fala a menina depois de encontrar no mapa a Estação. Uma outra fala que também queria ir conhecer.

“Pelo amor de Deus”, responde prontamente a moradora da cidade. “Itaquera é na puta que o pariu. Não vou lá de jeito nenhum. Tem um monte de coisa pra gente fazer”, conclui, fulminante, não deixando brecha para chiadeiras.

O trem segue seu rumo. Estação Paraíso. “Vamos, é aqui que a gente desce”. Desceram todas elas, rumo a avenida paulista, pois se dirigiram à plataforma sentido Vila Madalena. Peguei meu caderno e anotei “meninas no trem”. Cheguei em casa e escrevi essa breve história pra nunca esquecer que, primeiro, a puta que o pariu é a regra, não a exceção; segundo, pelo menos agora tem muita gente que sabe onde fica Itaquera, mas ainda não fazem ideia que, depois de lá, o trem ainda corre muitos quilômetros.

### **2.3.2 Sobre a Viagem**

Da Estação da Luz, no centro de São Paulo, sai o trem da linha 11-Coral com sentido à Guaianases. Essa é a primeira de duas etapas da linha, conhecida como Expresso Leste, que liga a capital às cidades de Poá, Ferraz de Vasconcelos, Suzano e Mogi das Cruzes. A estação de Guaianases é uma estação de baldeação, onde se pega a continuação da linha 11.

Muito mais rápidos que a maioria das outras linhas de trem, o Expresso Leste faz um caminho com poucas paradas, com duração média de viagem de 30 minutos. Da Luz até Guaianases, o trem para nas Estações do Brás, Tatuapé e Corinthians-Itaquera, margeando a linha vermelha do Metrô de São Paulo. Depois, alguns trechos subterrâneos e mais duas estações, Dom Bosco e José Bonifácio, até chegar ao destino final.

Pode-se dizer que, via de regra, os trens do Expresso Leste são novos, modernos e espaçosos. Os mais novos não possuem divisão entre os vagões e, pelo menos internamente, não perdem em nada para os trens mais modernos do metrô. A maioria possui ar-condicionado

e “headway” relativamente pequeno, mas ainda assim não atenua o sufoco que é tomar os trens da linha 11 nos horários de pico. É grande o número de gente que desembarca em Guaianases às 19 horas, por exemplo. Tanto gente que sai e vai a pé para casa, como gente que ainda continuará a viagem pela linha 11 ou pegar as antigas micro-ônibus.

Em se falando da continuação da linha 11, ela sai de Guaianases e vai até a estação Estudantes, em Mogi das Cruzes. São mais 9 estações, cobrindo mais 4 cidades, em um total populacional que chega perto de um milhão de pessoas. No caminho, algumas estações provisórias de madeira são utilizadas enquanto as estações mais modernas são construídas. Essa linha ainda tem integração com a “linha de cima” da Zona Leste, a linha 12-Safira, que sai do Brás e vai até Calmon Viana, já em Poá, local do cruzamento.

Os trens da “extensão” são muito antigos e não aparentam terem passado por algum processo de modernização. A despeito da idade e do barulho, são trens bastante velozes, mas sem o conforto – se é que se pode usar essa palavra quando o assunto é transporte público – dos trens mais novos da CPTM. Vale ressaltar que estes trens saem quase que invariavelmente lotados, muito devido ao fato de sua frequência ser menor do que a dos trens que chegam da Luz.

A estação de Guaianases, como já falado, é grande e tem um fluxo de pessoas alto, mas não parece ter sido planejada de maneira adequada. Não possui elevadores, tampouco escadas rolantes. Embarca-se por onde se desembarca, tumultuando tanto o embarque, quanto o desembarque, superlotando estes momentos.

Mas esses são contornos que não mostram a verdadeira face dos trens. São traços sem vida. O que dá sentido aos trens são as pessoas que andam neles todos os dias. A cara do trem, com certeza, não é branca. É uma população majoritariamente não-branca que se espreme nos corredores e passagens para conseguir circular pela cidade. O sotaque do trem não é paulistano, é uma mistura de sotaque que vem do norte, que vem do nordeste, imigrantes falando outros idiomas que eu muitas vezes não consigo identificar. O trem acorda muito cedo. 4 horas da manhã já está funcionando e enchendo. Não é o acaso que faz com que a CPTM abra às 4 horas e o metrô às 4 horas e 40.

Andar de trem não é mais fácil para quem já tem um conhecimento acumulado. É necessário experiência e paciência para conseguir completar a viagem nos horários de pico. As filas são quilométricas e não há infraestrutura. Demora-se para passar a catraca, demora-se para chegar à plataforma, demora-se para embarcar. O fato é que se perde mais tempo nessa etapa da viagem do que dentro do trem.

O passageiro diário mantém os cartões carregados, a fim de não enfrentar a fila de

compra dos bilhetes. Essa é a premissa básica para quem toma os trens no auge do fluxo. É necessário enfrentar a fila com tranquilidade. Mesmo com aquela quantidade de pessoas, não se vê tumulto. Suponho que todos saibam que são parceiros de rotina. Trens chegam e logo saem abarrotados de gente.

Nos horários em que os trens esvaziam um pouco, é a vez dos marreteiros<sup>23</sup> tomarem conta do recinto. São vendidos salgadinhos, biscoitos, balas, toda sorte de chocolates, celulares, fones de ouvido, carteiras, água, pendrives, bolachas, confeitos em geral, tudo por um preço muito abaixo do mercado.

No Expresso Leste, em geral, os marreteiros são sujeitos quem andam em duplas, usam roupas da moda e tênis de marca. Na estação da Luz, ficam sempre juntos, mais ou menos no mesmo lugar. Alguns marreteiros fogem do estereótipo, mas estes geralmente estão trabalhando sozinhos, por conta própria. Andando pela cidade, no entanto, nota-se que as características dos marreteiros e suas mercadorias variam de acordo com os trens. Dito de outra forma, a depender da região, os marreteiros se diferem no fenótipo e estereótipo.

Sem ainda as tecnologias de vigilância e a massa de seguranças atuais, os marreteiros proporcionavam uma verdadeira cantoria nos vagões dos trens: olha o DUP é dez, delicioso chocolate ao leite. DUP é dez! DUP é 10!. Outros destacava de sua sacola o mais novo lançamento, o descascador de legumes [...]. No caminho vendia-se de tudo e sempre com o texto na ponta da língua para atrair os clientes (SANTOS, 2014, p.24)

Santos é certo em seu enunciado, mas já alerta, em seu texto, para as mudanças que vem acontecendo nos trens. Se hoje ainda se encontra com muitos marreteiros, antigamente eram em número muito maior. Com as propostas de modernização dos trens, a CPTM passou a incorporar forte esquema de segurança para o combate ao comércio ambulante. Além de câmeras dentro dos trens, um forte aparato de seguranças terceirizados, muitas vezes armados, fazem ronda nas estações e, em menor grau, nos trens.

O forte esquema de fiscalização inibe de alguma maneira os marreteiros. Assisti-los nos trens é interessante pelo constante perigo que julgam estar sofrendo. Prestam atenção em tudo. As negociações e tratos, que se encontram nas zonas cinzentas entre o legal e o ilegal<sup>24</sup>, são características, de tal forma que o comércio existe, mas o *rapa* também pega.

Segunda-feira, amanhece frio em São Paulo. Havia combinado com um amigo que iria com ele até a estação Engenheiro Manoel Feio, em Poá, onde ele trabalha. Fomos de carro. Acordei por volta das 6 da manhã, mas saímos já passava das 7 horas. O itinerário: avenida do Estado, Radial, Salim, Marginal Tietê, Ayrton Sena, Itaquaquecetuba. São Paulo é tudo uma coisa só; é imenso. Taqua, como é chamada,

<sup>23</sup> No geral, vendedores ambulantes, principalmente os dos transportes públicos.

<sup>24</sup> Penso legal/ilegal como tipos ideais que ajustam uma análise sociológica sobre o comércio.

parece mais um pedaço da Zona Leste. O urbanismo da cidade parece inteiramente o de periferia. Chegando na estação, que nada lembra as modernas estações do metrô, passei pela catraca quando a porta do trem estava fechando. Saí correndo e consegui entrar, com certo estardalhaço, no trem. Todo o vagão, de gente não branca, me olhando com estranhamento. Não sei se foi apenas pela maneira como entrei, mas parecia ser também pela pessoa totalmente desenquadrada do perfil que estava ali, em pé, em um vagão onde todos estavam sentados. Os marreteiros começam o seu trabalho normalmente. Mal vestidos, com roupas já mais surradas do que aquelas que frequentemente vejo os marreteiros do trem da linha 11. Vendem principalmente balas. Percebo que tomei o trem pro sentido errado quando chego no Jardim Romano. Desço e troco de trem. (História do rapaz que ia pra LUZ). Paro em Calmon Viana, em Poá, onde integro com a linha Coral e vou sentido Guaianases. São Paulo é uma grande quebrada. É a típica morfologia de periferia que impera em todo o trajeto do trem. São quilômetros e quilômetros de ruazinhas e casas empilhadas, com ou sem reboco, à beira da linha férrea. A exceção, definitivamente, é a cidade do metrô, não o contrário. (Cadernos de campo, adaptado)

Todas essas informações foram obtidas etnograficamente nas minhas andanças por São Paulo. Como era necessário um longo tempo de viagem entre minha casa e o meu local de pesquisa, trocando de linhas várias vezes, desde o primeiro dia, sempre me ative ao trem como um campo de observação, fazendo parte dos meus diários de campo. Assim, desde as aglomerações nos trens nos horários de pico até os modos como se vestem os marreteiros são dados empíricos, gerados a partir da pesquisa etnográfica.

#### **2.4 Motivos e Destinos: a circulação**

Em praticamente todas as vezes que fui à Guaianases, sempre tomei os trens vazios, tanto na ida, quanto na volta. Isso indica que a maior parte das pessoas tomam os trens mais ou menos nos mesmos horários. Isso quer dizer que inúmeras pessoas saem de casa para trabalhar e estudar e, para isso, precisam tomar o trem rumo ao centro da cidade. A principal forma de circulação de pessoas é, portanto, para cumprir obrigações, isto é, para trabalhar.

Mas este não é o caso dos meninos do salão. Eles já trabalham em Guaianases, portanto sua circulação pela cidade tem outras motivações. Como venho dizendo, este trabalho é sobre homens, portanto a cidade que enfoco é a cidade dos homens. Os modos e motivos para circular na cidade tem a ver, muitas vezes, com cristalizações diferentes entre os gêneros.

Sair de Guaianases e ir para uma balada em pinheiros. Sair de Guaianases e ir para um baile de favela na zona sul. Ir para Mogi visitar a avó. Ir ao Brás comprar calça. Ir ao shopping comer no McDonald's. A lógica da circulação, para os meninos do salão, está amarrada junto com a ideia de evento: é o momento de quebra da rotina. E por quebrar a rotina, também rompe com o automático. Nesta perspectiva, ao andar pela cidade, tem de se ficar ligado e manter a humildade.

João Antonio, escritor brasileiro, sempre trabalhou com a cidade como plano de

referência. Em seus textos, livros e contos, sejam falando de São Paulo ou do Rio de Janeiro, seus personagens e suas descrições sempre pareceram quadros reais da vida cotidiana. Na década de 1960, já descrevia a cidade de São Paulo com bastante nitidez. Um dos seus personagens mais marcantes, Perus, nome do bairro onde residia, é retratado tomando os trens urbanos para chegar ao centro de São Paulo e ganhar algum dinheiro, por exemplo. Depois que se mudou para o Rio de Janeiro, João Antonio ficou quase uma década para publicar o seu próximo livro<sup>25</sup>, intitulado *Leão de Chácara*. Para ele, a explicação era simples: como escrever sobre algo que não se conhece?

Essa perspectiva é endossada, mesmo que de maneira involuntária, pelos indivíduos que conheci em Guaianases: saber agir em Guaianases não te dá o arcabouço necessário para agir em qualquer lugar. Ao circular pela cidade, tem-se que tem sempre na cabeça a ideia de que as coisas não são iguais em todos os lugares.

Quando Candinho chegou em São Paulo, a cidade era outra. O metrô ainda estava sendo construído, apesar de São Paulo já ser, à época, a maior cidade da América. Junto com a cidade, Candinho se mudou, os trens mudaram, as ruas mudaram. Estabelecido em Guaianases há muitos anos, Candinho não vê necessidade de sair da região para praticamente nada. Tudo que vai fazer é na Zona Leste ou nas cidades próximas a Guaianases.

Neste sentido, vale dizer que a centralidade de Guaianases no chamado “fundão” da Zona Leste é importante. O distrito tem boa oferta de escolas e lojas. Comparativamente à Cidade Tiradentes, por exemplo, possui infraestrutura e aparelhos urbanos de grande porte, como CEUs<sup>26</sup>, um grande hospital, uma ETEC, além de boa aparelhagem de ruas e avenidas na sua região mais central. Ali também se concentra grande número de empregos, muito pela grande quantidade de comércio, que atrai habitantes de outras localidades para trabalhar e passear. Não obstante, o fato da estação de trem ser um ponto de baldeação também abre uma brecha para uma maior concentração de pessoas.

De todas as conversas que tive com Candinho, em nenhuma ele se mostrou animado com a ideia de ir a “São Paulo”. A própria forma de tratar o centro, chamando-o pelo nome da própria cidade, já é um modo de nos mostrar como a realidade de cada território<sup>27</sup> são distantes umas das outras. Ir até São Paulo, longe, praticamente outra localidade, é uma tarefa que não apetece Candinho em praticamente nenhuma situação. Geralmente suas necessidades são

---

<sup>25</sup>O primeiro livro é “Malagueta, Perus e Bacanaço”, de 1963. Este livro tem uma adaptação para o cinema chamado “O Jogo da Vida”, de 1977, com Lima Duarte, Gianfrancesco Guarnieri e Mauricio do Valle.

<sup>26</sup> Cidade Tiradentes também possui um CEU, chama “Água Azul”. Guaianases possui dois, o CEU Jambeiro e o CEU Lajeado.

<sup>27</sup> Território entendido como Burgos (2005)

supridas ali mesmo ou nas redondezas, em cidade como Ferraz de Vasconcelos ou Poá.

### **2.4.1 Vinheta 3: Comprando Roupa**

Já se aproximava das 5 da tarde quando Candinho resolveu me chamar para ir até uma loja para ajudá-lo a comprar calça jeans. Caio e Juca geralmente não o ajudavam a resolver estas pequenas situações. Aparentemente, Candinho queria comprar as calças, mas gostaria do aval de alguém em quem confiasse. Eu, que àquela altura já estava pensando em ir embora, aceitei o convite.

Sáimos do salão, atravessamos a linha do trem pela antiga estação e caminhamos seguindo a avenida principal, até chegar a uma rua mais estreita, mas com bom número de lojas. Uma delas já chamou atenção pelo tamanho. Era uma típica loja popular, com gôndolas lotadas de roupas empilhadas a preços módicos, além de uma vasta parede, onde toda a sorte de calças ficavam penduradas.

“É aqui”, disse Candinho, entrando timidamente na loja. Apontou a parede de calças, todas custando 30 reais, e me pediu que lhe ajudasse a escolher umas três. As calças iam do jeans mais claro ao mais escuro, passando por calças com riscos ou “manchas”, além das com mais ou menos bolsos.

Nesse momento, ao notar preço tão atraente, eu mesmo comecei a ver com bons olhos a ideia de comprar uma calça jeans para mim. Mais para o lado esquerdo, uma fileira de calças se destacava pelo seu corte diferenciado. Cheguei perto e vi que eram calças da marca Hering, Estas custavam 40 reais. Candinho também notou a diferença e qualidade, mas logo se desapontou, pois estas só tinham tamanho 40. Acabei provando a calça, mas não levei, mesmo com a forte campanha a favor de Candinho.

Depois de pelo menos meia hora escolhendo e provando calças, Candinho se decidiu por levar três delas, além de mais um par de camisas polo, de boa qualidade. Na hora de pagar, uma tentativa frustrada de conseguir desconto, o que fez Candinho quase desistir da compra. Fui eu quem o convenceu a confirmar o pedido, já ponderando que o tempo gasto ali tinha sido muito grande para ter sido em vão. Candinho comprou, mas deixou pra trás uma camisa e uma calça como represália.

Sáimos da loja e voltamos ao salão. No caminho, perguntei a Candinho se não era melhor ir até o Brás comprar as calças, as vezes mais baratas e de melhor qualidade. Para Candinho, de comprar as coisas por ali tinham um custo-benefício melhor do que o deslocamento até o centro.

## 2.4.2 Síntese 1

Como venho argumentando, o motivo principal que faz com que as pessoas circulem em direção ao centro é o trabalho. É certo que em Guaianases existe certa oferta de emprego, mas esta não dá conta do grande número de pessoas que moram na região. Ademais, os trabalhos disponíveis no distrito tem um recorte marcado: comércio. Profissões como cabeleireiro/a, salões dentro de casa, cursos profissionalizantes e empregos de vendedor em toda sorte de lojas é o que mais se vê.

A fixidez se concentra na residência. Não é certo dizer que as pessoas moram na periferia apenas por uma questão econômica. A cidade foi estruturada, nas periferias, mediante relações marcadamente estreitas, em grande parte das vezes, relações familiares. Ali está a vida das pessoas. Ali se encontra a cidade que é a cidade que se conhece.

Caio roda a cidade quase todos os dias. Como um expoente do novo momento que o Brasil veio vivendo, desde o segundo mandato do presidente Lula, Caio faz faculdade em uma faculdade particular no bairro da Barra Funda, a oeste do centro de São Paulo. Como trabalha durante o dia, seu curso é noturno.

Mesmo enquadrando-se em um momento em que se tornou comum jovens de periferia cursarem faculdades – inclusive há uma explosão de faculdades particulares com o público alvo em pessoas de renda mais baixa, com mensalidade bem mais acessíveis –, Caio não tem qualquer tipo de ajuda de programas do governo, seja ProUni, FIES ou outro.

Neste sentido, ir ao centro de São Paulo, para Caio, é uma rotina. No entanto, sua circulação se limita ao trem e ao prédio onde estuda, muito perto da estação Palmeiras-Barra-Funda do metrô e CPTM. Para chegar ao seu destino, na ida, Caio vai até a luz pela linha 11, aonde troca para a linha 7, na plataforma vizinha, até chegar ao destino. Na volta, os 35 quilômetros da Barra Funda até Guaianases são feitos de metrô e ônibus. Caio anda toda a linha vermelha do metrô e, em Itaquera, pega o ônibus que passa perto de sua casa.

Caio é um caso à parte no salão. O fluxo dele pelas regiões mais centrais da cidade é mais comum do que o dos outros rapazes, mesmo que não seja regular. Dessa forma Caio não somente vai ao centro para estudar, mas vai ao Brás comprar roupa, vai à subprefeitura trabalhar, vai a uma balda em Pinheiros, vai ao clube no Itaim Paulista.

Mas ao mesmo tempo em que Caio foge da normalidade do salão nestes aspectos, ele parece ser um tipo consolidado em Guaianases, que tem a ver com o aumento de pessoas fazendo faculdade. Mesmo que não tenha tido acesso aos programas do governo, como dito, a popularização do ensino superior particular pode ser encarado como um fator importante na sua

decisão pelo terceiro grau.

### **2.4.3 Vinheta: Contando a Balada**

Era meio de novembro e eu, passando por São Paulo, resolvi ir visitar os meninos no salão, principalmente o Candinho, que sempre me cobra visitas em menores intervalos. Cheguei no salão, apenas Candinho e Caio. Cumprimentei os dois com alegria e me sentei.

Caio, com uma voz alegre e cheio de entusiasmo, desfere repentinamente um “Greg!!! Você não sabe onde eu fui sábado!! Numa balada em Pinheiros!!”. Antes que eu pudesse falar qualquer coisa, ele começa a contar detalhadamente como foi aquele dia, que parecia ter sido único. Para todos os indivíduos mais conhecidos que entraram ali, o Caio repetiu a história.

“Greg, 250 conto, mas vale muito a pena!”. Foi assim que Caio começou a falar da boate que tinha ido. Com uma riqueza de detalhes impressionante, contava como eram os ambientes do lugar, o tamanho da casa, o tipo das pessoas, os carros que paravam na entrada, as bebidas que eles vendiam.

Rapidamente pegou o celular e começou a me mostrar alguns vídeos que houvera feito na festa. Vídeos dele e dos amigos curtindo no lugar.

“Greg. Só mina gata. Não tinha mina feia lá, mano. E os carro? Só carrão parando na porta. E na hora que você entra, você acha que não ta tendo nada, porque o primeiro ambiente só tem uns sofás, mas depois você entra e olha só esse vídeo aqui. É muita gente. Eu era o único preto lá.”

O Gabriel chega e Caio perde mais um bom tempo falando da festa, dos caras e das mulheres enquanto corta o cabelo de alguém. Sem dúvida, aquilo não acontecia sempre, pensei comigo mesmo.

### **2.4.4 Síntese 2**

Se hoje Caio circula pela cidade com destreza, não foi sempre assim que as coisas aconteceram. No passado, ele me contava, desde sua infância mais remota até o final da sua adolescência, ele diz contar nos dedos às vezes que foi ao centro de São Paulo. “Eu não ia muito, não tinha o que fazer lá. Eu era um cara que ficava mais em casa.”

Ao mesmo tempo em que o centro e as outras regiões da cidade sempre foram locais de pouco contato, a sua vizinhança passou a ser muito conhecida por ele. Dessa forma, desde cedo Caio saía para os fluxos de ruas, para encontrar os amigos pela região, para ir estudar. Como

morou praticamente toda a vida na região, Caio conhece boa parte dos modos de agir, das pessoas e dos lugares de Guaianases. Por outro lado, também conhece “quebradas” da Zona norte, pelo seu irmão, que mora lá, em Perus.

A mesma lógica não se aplica a Juca. Aliás, olhando sob certo ângulo, é uma lógica inversa. Quando moleque, Juca frequentava o centro de São Paulo. De alguma maneira, pode-se dizer que era um lazer. Ia para o centro junto com seus amigos para pedir dinheiro na rua, guardar carros e depois gastar no fliperama. A própria ação de pedir dinheiro era tida por Juca como uma diversão, pois estava com seus amigos e o seu fim era o fliper.

Se no passado, essa era uma prática tangível e oportuna, com o passar do tempo, sua vida passou a se voltar para o fundão da Zona Leste e as cidades da RMSP por onde passa o trem da linha 11. Por muitos motivos, assentou por Suzano e Mogi das Cruzes uma série de relações, familiares ou não, que não lhe permitiram, na vida prática, se desassociar destes lugares.

Assim, depois de morar, numa rotina quase pendular, entre Guaianases, Mogi e Suzano, seja sozinho, com a mãe, com a avó e, agora, na casa do sogro, a vida de Juca mantém uma transversalidade, marcada em tomar os trens da linha 11 no “sentido bairro”.

Por mais que, em outros tempos, Juca afirme ter andando – e até morado – em lugares como Francisco Morato, Franco da Rocha e a periferia da Zona Norte, hoje sua movimentação pela cidade se resume à parte leste, a não ser nas situações ocasionais – nos eventos – de ir ao centro ver roupa e materiais para o salão.

Em todo o tempo que passei no salão com os meninos, eu nunca os ouvi dizendo algo sobre ir até a Avenida Paulista ou o Ibirapuera nos finais de semana, ir até o Parque do Carmo ou ao SESC, ir a um show ou ver algum filme no cinema. Provavelmente, se perguntar ao Candinho, ele não vai se lembrar da última vez que foi a um cinema assistir a um filme. No entanto, nas horas vagas, os agenciamentos tinham a ver com visitar os parentes, comer um lanche e empinar pipa, que se configuram como práticas de lazer importante da vida dos meninos.

Não lembro exatamente como o Juca começou a trocar ideia comigo. Foi uma coisa mais natural. Já tinha observado a sua excelente oratória. Acho que foi o que disse pra ele, que ele tinha que escrever e tal e ele me falou que já escrevia. Fazia letra de rap em louvor a Jesus. Nesses assuntos que começam e a gente não sabe bem como, Juca, quando me dei conta, estava me contando da vez que foi na Zona norte pra gravar em um estúdio numa quebrada. Descreveu o lugar, uma favela, com suas escadarias e tal, num lugar muito pobre mesmo. Ele contava isso como algo totalmente alheio da sua realidade, como se nunca tivesse ido a um lugar semelhante àquele antes. Falou das pessoas, que não tentavam passar a perna igual me Guaianases. Falou disso usando o exemplo do preço que o cara do estúdio cobrou em cada lugar. Descrevia aquele lugar

na Zona Norte como um lugar de gente muito boa, apesar das dificuldades extremas pelas quais passam. Na hora pensei que não deveria ser difícil encontrar um cenário parecido com esse que acabara de me descrever ao andar pelas ruas de Guaianases. Ele passou muito tempo falando disso, mas não lembro detalhadamente. (Cadernos de Campo)

Posso dizer que o ponto de referência que se instala nos discursos dos meninos do salão em relação a uma área de gente mais rica e frequentada por eles é o Tatuapé. Parece que esta região é um polo mais ou menos inteligível e reproduzido por todos em se tratando de “centro”. A Zona Sul, o vetor sudoeste, Vila Olímpia, Santo Amaro, Moema, etc, nunca apareceram em suas falas, mesmo sendo os lugares mais ricos da cidade. A lógica do centro tem a ver com o tangível e com o vivido, com o palpável e com o utilizável.

Não obstante, a territorialização da cidade e as suas diversas facetas, a depender do lugar, não dialogam em seus mais diversos códigos. Portanto, via de regra, é quem vem da periferia que está circulando em um lugar aprioristicamente estranho. E se o lugar é estranho, o sujeito, de outra parte da cidade, com outro plano de referências e outro arcabouço de inteligibilidade simbólica é que, sumariamente, é desgarrado do bando como estrangeiro. Dito de outra forma, ao circular por lugares outros, principalmente em certos horários e estabelecimentos, um sujeito da periferia pode ser reconhecido por quem não é da periferia.

#### **2.4.5 Vinheta: Quem é quem?**

Tinha ido a um bar, na esquina da Consolação com a Santos a fim de encontrar um amigo com o qual morei em São Carlos no ano de 2014. Ficamos por lá até mais tarde, tomando cerveja e jogando conversa fora. Lá pelas tantas, um rapaz e uma moça se juntam a nós, que estávamos em pé perto da rua, e começam a conversar. A moça chegou pedindo um isqueiro emprestado e acabou ficando por ali.

A moça era negra e o rapaz branco. Ambos eram cabeleireiros de um salão em Pinheiros. Ficaram por ali durante mais de uma hora, conversando e tomando cerveja, em pé, conosco. Eu estava de boné, o que não lhes permitiu antever meu corte de cabelo. No momento em que retirei o boné, o rapaz logo elogiou o meu corte. Eu havia acabado de fazer um corte degradê no salão do Candinho. “Nossa, ficou muito bom seu corte. Olha, lá no salão que eu corto é 100 reais esse corte, mas conheço um lugar super legal aqui na Paulista, baratinho. Você vai gastar uns 60 reais. Nossa! Tá muito bom.” Enquanto ele falava isso, eu imaginava a cara do Caio – que foi quem cortara meu cabelo naquela feita, e sobre o que ele ia achar desse comentário.

Passado o tempo, meu amigo perguntou onde Graça e Rodrigo moravam. Graça falou

que morava em Santo Amaro. Eu, que até então havia me mantido calado, enfatizei se ela morava mesmo em Santo Amaro. “Ué, por que!”, me respondeu com um olhar de quem gostaria de saber como eu sabia que ela não era de lá.

Já muito mais tarde, em algum momento que eu e a Graça ficamos a sós, ela me voltou a palavra, que eu mesmo nem me lembrava, e me perguntou como eu sabia que ela não era de Santo Amaro. Respondi que não sabia, que fora apenas um palpite.

Ela me olhou agora com um olhar mais enigmático e explicou que era do Capão Redondo, tinha um filho com um cara filho da puta e que não pegava bem falar que era de lá no salão que ela trabalhava, pras pessoas que frequentavam aquele salão. No final, terminamos a noite com Racionais MCs: “moro no Vaz de Lima (onde ela mora). Conhece Maracá, então, ali pra cima”<sup>28</sup>

\*\*

Esta passagem é interessante, por alguns motivos. Se naquele momento o julgamento por mim feito era de Graça não era de Santo Amaro, numa combinação e processamento de informações por ela me passadas, mas também por experiência e conhecimento localizado da cidade, o oposto também era construído, fazendo da figuração uma via de mão dupla.

Ao mesmo tempo que o território marcava não somente nas nossas ideias e, pelo menos de maneira geral, os tipos que por ali circulavam, é também o horário e o dia são marcadores importantes. Não fosse sexta-feira e o adiantado da hora, por ali estariam circulando outras pessoas, fazendo outras coisas.

Dessa forma, se eu estava certo na minha suposição de que Graça não era de Santo Amaro, seja pela cor, pelo jeito de falar, pelas roupas ou pelas discontinuidades de sua narrativa, o contrário não foi verdadeiro. Estando eu, naquele local, fui tomado como um rapaz da região, que pagaria 60 reais para cortar o cabelo. O ápice da surpresa foi quando eu saquei o telefone do bolso para ver as horas. Era um aparelho muito antigo e com tecnologia notadamente superada, que foi automaticamente desmerecido por Graça e Rodrigo.

Posso dizer que ali, Graça e eu éramos estrangeiros, que é

antes, a pessoa chegada hoje e que ficará amanhã, o viajante potencial, de alguma forma: embora não tenha prosseguido o seu caminho, não abandonou completamente a liberdade de ir e vir. Está ligado a um grupo espacialmente determinado, ou a um grupo cujos limites evocam limites espaciais, mas a sua posição no grupo é essencialmente determinada pelo facto de ele não fazer parte desse grupo desde o início, de ele lhe ter introduzido características que não lhe são próprias e que não podem sê-lo. (SIMMEL, 1983, p. 182)

---

<sup>28</sup> Trecho da música “Estilho Cachorro”, dos Racionais MCs, do álbum “Nada como um Dia Após o Outro” 72

## 3 Dinheiro, Valor e Ontologia

### 3.1 Quanto vale um aluguel?

Depois de lavarmos todo o salão, me despedi um tanto emocionado do Candinho e do Gabriel e segui. Com Juca, rumo a sua casa, na rua da biquinha, lá do outro lado. 15 Quinze minutos de caminhada que, no sol à pino daquele domingo de partidas, tornaram a caminhada bastante desconfortável. Enquanto caminhava, por volta das 14h30, e suava em bicas, pensava apenas que tomaria o ônibus para Três Rios sem nem ao menos passar em casa. Chegamos em frente a um portão de ferro, vazado. No interior da propriedade, uma escadaria bastante estreita e uma laje com um Escort velho estacionado. Juca avisa que é ali que mora. Descemos as escadas e, lá embaixo, um cortiço com cerca de cinco casinhas coladas umas nas outras, com telhado de Eternit e sem laje do lado esquerdo. Do lado direito, uma grande parede que também servia de varal. As casas bastante irregulares. No interior da casa do Juca, dois cômodos, com não mais que 30 m<sup>2</sup>: quarto e cozinha, além do banheiro. Não faltava nada. Tinha máquina de lavar, TV de LCD, fogão e geladeira. Conheci sua *mulher*, que o esperava para irem para Mogi das Cruzes. Ele já havia me falado quanto pagava ali: 500 reais. (Trecho dos cadernos de campo com modificações)

O que são 500 reais? Quanto vale 500 reais? O que compramos com esse dinheiro? Aonde, em São Paulo, podemos morar com esta quantia? Estas são perguntas que, a uma primeira vista, parecem ter um caráter objetivista, ao menos para um grande número de indivíduos. No entanto, a sociologia nos mostra, já há muito tempo, as relacionalidades e subjetividades de coisas que parecem, ao senso comum, universais<sup>29</sup>.

Ao tomar como referência pontos específicos da cidade de São Paulo, aventa-se que os lugares mais pobres e mais periféricos são também mais baratos. De fato, ao analisarmos as medições dos valores por m<sup>2</sup> da cidade, constatamos, por exemplo, que o distrito de Guaianases tem um custo relativamente baixo para se morar. No entanto, é necessário ressaltar justamente essa relatividade.

Em primeiro lugar, esse custo é baixo em relação ao lugar que lhe configura um território. Isto quer dizer que o custo de vida é baixo em relação à cidade de São Paulo e sua complexa trama cidadina. Em relação a outros estados, outras cidades, o custo de vida de Guaianases é alto, até mesmo para outros estados do sul e sudeste. Isso é importante de ser desvelado, uma vez que tive parâmetros totalmente diversos por morar em capitais e cidades

---

<sup>29</sup> Essa ideia me parece central na sociologia e vai desde Marx (1982) e Simmel (1973), com a noção de ideologia e uma universalização do ideário burguês, passando por Marcuse () e o pensamento unidimensional, até chegar em autores contemporâneos, como Bourdieu (2009) e Elias(1994). Ademais, em se tratando de estudos urbanos, podemos encontrar referências em relação à objetivação das periferias (ou uma perspectiva de não as objetiva-las) em autores como: Postigo, Santos, Feltran, Hirata, Rizek, Kowarick, Marques, Telles, Rosa, Vianna, Farias, Mendonça e muitos outros

do interior. Em uma cidade do interior do Rio de Janeiro, por exemplo, podemos comprar uma casa de 10 cômodos, no centro da cidade, com um vasto terreno por cerca de 150 mil reais. Este pressuposto está alicerçado em minha trajetória de vida, que foi forjada no Rio e em Brasília.

Esta façanha – de valores entre casas em diferentes cidades – não admite trânsitos, uma vez que as teias de relação em suas várias facetas – relações de mercado, de trabalho e de localização – não são transponíveis de uma cidade para outra. Desse modo, mesmo que Juca, que ganha 1500 reais como cabeleireiro em São Paulo e mora em Guaianases, tivesse condição de, em São Carlos, morar em regiões mais centrais, o próprio ofício não lhe garantiria rendimentos tão elevados.

Obviamente, trato esta relação de maneira mais ou menos simplista, sem me aprofundar nas análises, porque o que nos interessa, a priori, neste capítulo, é apenas notabilizar a própria relatividade dos locais. Neste sentido, em primeiro lugar, é justamente por Guaianases compor um território numa metrópole que suas relações se diferenciam tanto das de uma cidade média do interior, como São Carlos, com mais ou menos a mesma população do distrito.

Em segundo lugar, vejo uma relação desproporcional entre os valores de aluguel praticados nas periferias das cidades em relação aos locais cujos metros quadrados são mais caros, notadamente o quadrante sul/sudoeste da capital paulista. Esta constatação também se referencia mais empiricamente do que propriamente em estudos objetivos e bibliografia especializada, apesar destes darem sinais de concordância com as ideias que esboço aqui (ABRAMO, 2008, 2012)

A questão central, nesta perspectiva, é que ao analisar o preço do metro quadrado nas regiões de São Paulo, não se atribui a perspectiva subjetiva do *padrão* de moradia. Isto quer dizer que o preço tem a ver com a região, mas não com a qualidade da moradia. Neste sentido, cria-se uma forma defasada de aventarem-se valores entre uma região e outra e, no limite, entre um bairro e outro, uma vez que paga-se mais barato na periferia, mas mora-se em residências com qualidade muito piores.

A ideia do padrão merece destaque, justamente porque seu impacto na periferia é menos relevante que nas áreas mais ricas. Isto quer dizer que os valores da Vila Mariana, por exemplo, sofrem variações importantes de acordo com a qualidade dos prédios e residências, bem como sua localização no bairro, vagas na garagem, etc. Nos lugares mais ricos e centrais, as variantes que motivam os valores dos imóveis são mais numerosas.

Além disso, mesmo que as variações de acordo com o padrão se dessem de maneira percentualmente igual entre as regiões, o fato de certas localidades terem valores mais elevados que outros já provocaria discrepâncias cada vez maiores em termos absolutos entre as regiões.

No entanto, vale a pena tomar a passagem citada no começo deste capítulo. Se Juca mora em um cortiço de 30 metros quadrados, a 20 minutos da estação de trem, e paga 500 reais por mês, a ideia de que, em relação, este valor é baixo não se configura, na minha leitura, verdadeira, pois se relativiza apenas o preço, não a própria moradia, como os valores médios de metragem quadrada fazem. Para analisar o preço dos aluguéis, da moradia, da reprodução da vida nas periferias, não devemos objetivar os valores. Em perspectiva, Juca paga caro para viver e institui a precariedade como norma de vida das periferias, atualizando também a fronteira que separa simbolicamente esses territórios daqueles mais centrais.

Desse modo, um apartamento de padrão elevado, como o que morei algum tempo, a cinco minutos do metrô Vila Mariana, um dos bairros de metragem mais cara da cidade, com portaria 24h, piscina, churrasqueira, vaga na garagem, de quase 90m<sup>2</sup>, custava 2300 reais, incluso o condomínio. É fácil aí, ver um abismo de valor objetivo entre as localidades, mas não é tão simples subjetivar estes valores.

O ponto central é que, no final das contas, se tomarmos os valores em relação aos ganhos, moradores da periferia praticam valores de aluguel maiores do que o de regiões mais ricas da cidade

Ainda que não relativizemos *valor de aluguel e ganho*, o preço dos imóveis nas periferias não condizem com sua qualidade em relação às outras partes da cidade. Um prédio de frente para o outro na Vila Mariana, podem ter variações grandes de preço. O que me parece é que isto não se aplica, via de regra, em Guaianases. E isso tem a ver com mercado, mas também com a história do bairro, das suas construções e localização e, em última instância, com o valor da terra. Nesta perspectiva, a lógica centro periferia enquanto marcador importante de preço em relação à imóveis também se acaba no distrito. Morar mais perto da estação de trem, morar mais perto do centro de Guaianases, morar mais perto da *radialzinha*, influi positivamente no preço, independentemente do padrão do domicílio.

### **3.2 Quanto vale um carro?**

O progresso da cultura é o aprofundamento do conhecimento dos fins e de suas causas, numa construção que Simmel chama teleológica. Nessa perspectiva de causa e efeito, o progresso pode ser entendido como processo, que está atrelado consistentemente na consciência. Desse modo, dito de outra forma, o progresso cultural ganharia forma quanto mais o indivíduo tomasse consciência dos fins que quer atingir e dos meios pelos quais busca atingi-

los. Assim sendo, quanto mais adiante no processo cultural, mais os indivíduos conseguem obter suas finalidades através de meios indiretos, onde as finalidades que não podem ser conquistadas imediatamente ganha novos meios na cadeia teleológica. Assim sendo, a cultura seria o número de ferramentas que um indivíduo dispões para conquistar seus fins, tendo consciência de toda a cadeia. Tudo isso só é possível, para Simmel, em sociedade, onde a marca da diferenciação é a base do que chama indivíduo cultivado.

Ora, qual seria, na sociedade moderna, o principal meio para atingir os fins de que se necessita? É exatamente o dinheiro que entra na cadeia teleológica montada por Simmel como o intermediário de um fim determinado. O dinheiro é um “processo de mediação que perpassa o agir humano e é condição para este agir” (WAIZBORT, 2013, p.137). Para Simmel, esta é a autonomização dos meios em relação aos fins que lhe davam sentido. Passando, eles mesmos – neste caso, marcadamente o dinheiro – a serem os objetivos visados.

Se no tocante à cidade – ou pelo menos à ideia de cidade – não temos uma correspondência específica entre diferentes territórios, alguns signos, como os carros, ou símbolos, como marcas de tênis, roupas e acessórios, tem correspondência direta entre diversos territórios urbanos, enquadrado numa ideia simeliana de cadeia teleológica. Neste sentido, no limite, se “as quebradas não são iguais”, se existe também uma diferença de práticas e representações importante entre locais mais centrais e mais periféricos, a inteligibilidade do valor e representação dos carros e roupas tem uma coerência maior.

Ora, podemos tomar como base a ideia da moradia. A distância entre uma casa de periferia em São Paulo de casas no centro expandido, por exemplo, mostra um distanciamento importante na arquitetura, procedimentos de construção, acabamento, etc. No entanto, na garagem, existe uma possibilidade importante das duas residências terem o mesmo carro. A cadeia de inteligibilidade do carro, de suas marcas e variações, de suas hierarquias e qualidade, é compartilhada pela maioria das pessoas. O carro é, portanto, um signo compartilhado, sendo, também, projeto de vida. O que varia são as representações que os territórios dão para cada tipo ou marca de carro.

Toda essa estrutura tem a ver com a padronização dos bens pela moeda. Em outras palavras, é o que Simmel chamaria de reduzir a quanto vale, onde um meio para se conseguir um fim vira, ele próprio, um fim em si mesmo. Como os carros são fabricados e distribuídos de maneira uniforme, com preços mais ou menos iguais e de conhecimento público, e como o dinheiro, na teoria (e nunca socialmente), tem o mesmo valor imanente para todos, o compartilhamento é mais fácil. Dessa forma, o carro como signo compartilhado tem a ver com o fato dele ser, no Brasil, projeto de vida, mas também por poder ser reduzido a quanto vale. 76

seja, monetarizado, padronizado indiferentemente. Em última instância, o carro tem a ver com ascensão.

O carro é um signo compartilhado, mas também é projeto de vida. Essa perspectiva pode ser contatada empiricamente em meus cadernos de campo, mas também em produções culturaisêmicas e de grande sucesso entre os jovens, como o funk ostentação. Ali, as figuras mais importantes são as mulheres e os carros e motos, que são prova de sucesso daqueles que saíram das periferias para conquistar bens materiais antes somente compartilhados pelas classes médias e ricas.

Ainda neste sentido, além dos esforços empreendidos para adquirir algum veículo, é importante, também, que ele fique a gosto, sendo necessário, ainda, modificar partes do carro para que fique mais atrativo para si e para quem vê de fora. Carros rebaixados, com rodas especiais e sons potentes são parte importante destas modificações.

Quando fui a primeira vez ao salão do Candinho, não pude ver se ele tinha ou não um veículo, mas o certo é que pessoas que vem de outros lugares não imaginam que trabalhadores da periferia, com profissões como empregada doméstica, cabeleireiros, pedreiros, etc, possam ter carros de categorias mais elevadas. Na verdade, Candinho tinha uma Ford Ecosport modelo 2011 prateada, que ficava parada na frente do salão.

Não obstante, ainda sem ter tirado carta de motorista, Caio tinha um Gol vinho de meados dos anos 1990, facilmente reconhecido pelas grandes rodas que colocou no lugar das originais. Muito tempo depois, já com a pesquisa encerrada, Gabriel comprou um carro e me contou alegre em uma das vezes que fui lá cortar o cabelo. Um Uno azul metálico do início dos anos 90, também facilmente reconhecido pelas rodas e por ser rebaixado.

Se ter um carro é indício de estar caminhando na vida e ter conseguido juntar algum trocado para investir, trocar o carro por um melhor é também melhorar de vida. Neste sentido, primeiro compra-se um carro e, quando puder, vai melhorando sua categoria.

Uma primeira diferença importante entre os pontos de vista se dá no caráter geracional destes modos de entender o carro. De um modo geral – e como venho defendendo – carro é projeto de vida, para Calinhos ou para o Gabriel. No entanto a relação que cada um tem com o carro varia de geração para geração. O que motiva Candinho a optar por um carro e não outro não é o que motiva Gabriel, Caio ou Juca na escolha de seus veículos. Marcas, estilos, cores e valores influenciam de modos diferentes cada um, mas algumas características geracionais marcam certa semelhança.

Sentado nos bancos de espera do salão, Caio pega uma revista e começa a folhear. De repente, com um grito entusiasmado, mostra a Candinho a foto de uma BMW branca, de algum modelo que desconheço, talvez pela minha inabilidade com carros, ~~que~~

sempre chama atenção. “Aqui, Candinho! Essa que você devia ter comprado”. Eu não entendi muito bem, mas com a resposta de Candinho pude notar que ele havia trocado de carro. [...]. Todos ali concordaram que Candinho devia ter comprado a BMW, não o Corolla, mesmo que um tenha sido zero quilômetro e, por preço equivalente, o outro teria que ser 2013. Fiquei do lado do Candinho e pedi para ver o carro[...]. (Cadernos de campo, 2015)

O carro que Candinho comprou foi um Toyota Corolla 2015 branco, completo. Apesar de ser um carro caro, o Corolla não representa a mesma coisa que uma BMW. Para os meninos do salão, não há um olhar para gastos com manutenção, seguro, IPVA, etc. A BMW representa uma conquista sem tamanho, e era ela que Candinho deveria ter comprado.

A própria compra do carro segue uma lógica própria, que tem a ver com a melhoria de vida refletida na melhoria do carro. Candinho, quando comprou a Ecosport, parcelou seu valor, aparentemente, 48 vezes. Isso quer dizer que ele comprou o carro em 2011, zero quilômetro, e acabou de pagar apenas em 2015. Depois de quitado, Candinho deu o carro como entrada em uma concessionária, parcelando o restante e, assim, ficando com o Corolla novo e completo. Neste sentido, é importante reparar que o carro passa a ser uma dívida fixa, uma conta a ser paga todo mês, como se fosse um aluguel. Quando essa dívida é quitada, o carro é trocado e se assume nova dívida.

No entanto, quem tem potencial de compra para adquirir carros desta estirpe, dentro deste círculo que acabei criando laços, é apenas Candinho. Juca, apesar de gostar de carro, nem mesmo a carta tirou. Caio e Gabriel, como mencionei, são donos de possantes mais ou menos antigos, mas impreterivelmente bem cuidados. A vontade de ter um automóvel perpassa diálogos correntes, no dia a dia, sobre bólidos caros e baratos, tunados ou não, frequentemente incrementados com acessórios que não são de série, como bancos de couro ou câmbio automático.

Mas é importante vislumbrar certa dimensão que influencia profundamente as formas de utilização do carro. A própria mobilidade urbana complicada na cidade sucumbe à necessidade do carro para movimentações locais, mas não quando há rompimento da região. Isso quer dizer que o carro é vastamente utilizado localmente, de casa para o trabalho. No entanto, se há necessidade de ir ao centro de São Paulo ou à localizações mais distantes, o transporte coletivo sobre trilhos é uma regra.

O carro, para Candinho, é um meio de transporte que permite rapidez e custo relativamente baixo quando utilizado para curtas distâncias. Para Gabriel e Caio, também. Mesmo assim, se a ideia for a de sair para alguma festa, balada ou diversão em geral, o carro é a opção flagrante, quando é o caso.

### 3.3 Quanto vale um Tênis?

Os modos de se vestir tem uma certa regularidade por geração, mas amplamente diversificado conforme o abismo entre uma geração e outra aumenta. Dessa forma, os 40 anos que separam Candinho de seus sobrinhos o mantém distante de certos signos e símbolos que margeiam toda a vida destes indivíduos. As roupas e acessórios marcam de maneira flagrante este abismo. Neste sentido, o que certas marcas e tipos de roupa, tênis, e bonés representam para Gabriel, Juca e Caio, tem outro sentido para Candinho. De um modo geral, isso é representativo também em relação àqueles que frequentam o salão. Via de regra, os jovens tem uma vestimenta mais ou menos parecida, enquanto os mais velhos também.

Vale destacar que, possivelmente, certas diferenças de se vestir, que a mim passam despercebida, podem revelar muita coisa entre os indivíduos. Um segundo ponto a ser destacado também tem a ver com o fato de os mais jovens cortarem cabelo com os mais jovens, e os mais velhos cortarem o cabelo apenas com Candinho.

Mas existe, no mundo das vestimentas, um acessório que parece sofrer poucas alterações, sendo mais universalizados, a saber, o tênis. O boot ou pisante tem uma regularidade mais abrangente, principalmente em relação às marcas e estilos. Por ser o acessório mais caro, parece que o tênis tem um poder de representação maior do que as outras parte que compõem as vestimentas. Neste sentido, os marreteiros dos trens, os meninos do salão, os moleques do prédio onde eu morava, grande parte das pessoas que circulam na Paulista numa sexta-feira à noite, a torcida do Corinthians no estádio, enfim, grande parte da juventude compartilha mais ou menos as mesmas marcas e estilos de tênis.

Neste caso, o tênis é um signo compartilhado, que também serve como um marcador social. Algumas vezes os meninos do salão, em conversas descontraídas, acabavam por desferir galhofas em relação ao meu tênis. Note-se, no entanto, que apesar da marca do tênis ser a mesma em relação aos deles, o tipo ou o estilo era destoante. Portanto, o simbolismo da marca tem uma influência importante, mas limitada.

Claramente, também, se ouve, aqui ou ali, algo como “isso é tênis de playboy”. Obviamente, todas estas variáveis devem ser levadas em consideração em um estudo sobre consumo, por exemplo. Aqui, atento, apenas, para o fato de que as marcas tradicionais de tênis encontraram um mercado consumidor atrativo também nas periferias. Dito de outra forma, moradores de regiões territorializadas também querem ter “tênis nike no pé”<sup>30</sup>. E assim sendo, compartilha-se, entre toda a sociedade, certos símbolos.

---

<sup>30</sup> Referência à música Negro Drama, dos Racionais MCs.

O que pude perceber é um vasto conhecimento do mercado popular por parte destes indivíduos, o que, possivelmente, marca uma diferença e tanto em relação a, pelos menos, as classes medias. Neste sentido, um indivíduo como eu, por exemplo, opta por comprar um tênis “de marca”, possivelmente minha primeira opção será ir a uma loja especializada. No caso dos meninos do salão, o domínio que tem de certos lugares evidenciam uma melhor sorte em comprar relativamente parecidas. Tênis muito parecidos saem com diferenças altas de preço, a depender do lugar que se compra. Então, mesmo que as roupas, tênis e acessórios em geral, sejam compartilhados por grande parte da sociedade, os locais de compra de cada um deles se diferencia de maneira importante. Dessa forma, os próprios lugares de compra de tênis, bem como o conhecimento específico destes lugares está ligado a um recorte que é, no limite, de classe.

### **3.4 Quanto vale um Boné**

Como a cena descrita assinala, e essa conformação é simples de ser feita a priori, o boné é um marcador masculino. Homens usam boné, mulheres, quase nunca. Uma rápida passada de olhos nas principais lojas do shopping de Itaquera evidencia que o público alvo para a venda de bonés é o masculino, sendo aqueles voltados para o público feminino, muito eventuais. Aqui fica nítida, também, as diferenças de bonés que seriam para homens e para mulheres, tanto no que diz respeito às cores, como a dizeres ou formas.

Mas não é exatamente aqui que gostaria de me ater. O ponto principal, e este não pode ser evidenciado numa correlação clara, reside no fato do boné ser, também, um marcador do trabalho. Desde o campo, com os chapéus ou até mesmo os bonés dos lavradores, até as áreas urbanas, metropolitanas ou não, o boné, seja ele qual for, é marcador específico do trabalhador, marcadamente o trabalhador braçal. Aqui reside uma pista importante da propagação dos bonés e seus diversos usos na periferia de São Paulo: lá os bonés são utilizados nas situações cotidianas, não somente nas especiais, sendo este o diferencial mais claro em relação às classes médias, que também assumiram os “bonés aba reta” como um signo.

Ao fim e ao cabo, o que antes dizia sobre uma cultura mais popular, já presente na conduta e dia-a-dia do trabalhador, mas insuflado como uma marca também da juventude sob o signo dos bonés aba reta propagados na cultura Hip-Hop, se transformou em um acessório pretendido pelas classes médias e, por isso, com preços inflamados. Mas se as classes médias usam os bonés na figura da juventude e em ocasiões calculadas, na periferia seu uso é cotidiano e masculino.

### 3.5 Os Tipos do Salão

São muitas as pessoas que frequentam o salão do Candinho, desde aqueles que vão lá há 30 anos até clientes esporádicos, que vão vez ou outra. Durante todo o tempo que passei com frequência por ali, foram muitos os tipos que vi e revi. No entanto, não me cabe aqui fazer generalizações ou padronizações de estilos, mas apenas ressaltar certos marcadores de Candinho, Caio Juca e Gabriel, que me parecem pertinentes para esta empreitada.

Dentre os quatro cabeleireiros, Candinho destoa, como disse, no estilo. Opta sempre por tênis mais discretos, mas também utiliza os chamados sapatênis, difundidos Brasil afora em algum momento da década de 2000. Candinho vai trabalhar quase sempre de camisa de botão e invariavelmente de calça jeans, provocando no resto dos meninos a ideia de “estilo tiozão”, o que demonstra um recorte geracional determinado.

Gabriele utiliza uma gama de tênis de marca, principalmente nike e adidas, com calças jeans ou moletoms com cortes diferenciados. Vai de camisas de botão ou camisetas, que podem ser de times de beisebol da liga estadunidense, ou camisetas estampadas tradicionais. Agasalhos de moletom também são comuns, bem como o uso de bonés e cintos. As calças de Gabriel são também mais apertadas, demarcando um pouco mais sua silhueta.

Este estilo mais justo de Gabriel destoa do jeito de Juca se vestir. Suas camisetas, que também podem ser de beisebol, são maiores e mais largas. Costuma usar uma camisa com a face do Che Guevara estampada na lateral. Suas calças de moletom ou jeans também conformam seus estilo, sendo grandes, assim como suas bermudas. Juca também costuma usar tênis de cano alto ou botas.

Caio pode estar de tênis, como de chinelo. Pode estar de calça jeans, de moletom ou saruel”<sup>31</sup>, mas também de bermuda. Suas camisetas eram estampadas, de times de basquete ou de marca, e sempre com o boné na cabeça. Depois que conseguiu um emprego na prefeitura de São Paulo, deixou de utilizar o boné e passou a vestir calça jeans, sapato e camisas de botão de manga comprida. Desse modo, fica claro os dias em que vai trabalhar fora do salão, pois as roupas mudam radicalmente.

Desse modo, posso dizer que Candinho e Juca tem estilos que privilegiam menos as marcas. Por outro lado, dificilmente se vê Gabriel e Caio com roupas que não tenham alguma marca conhecida.

---

<sup>31</sup> Saruel é a marca de uma calça que popularizou nas periferias de São Paulo por ter um coque quase na linha do joelho e ter sua marca escrita, via de regra, na parte de trás

### 3.6 A Periferia não Vê Miséria?

Eu peço a eles, me dê uma trégua  
Pra vivermos felizes em nossas favelas  
Porque aqui no morro  
também tem jogador Artistas famosos, empresário e doutor  
Gente inteligente e mulheres belas  
Você também encontra aqui na favela (Favela, MC Marcinho)

Cê disse que era bom E as favela ouviu, lá  
Também tem Whisky, Red Bull  
Tênis Nike e fuzil (Negro Drama, Racionais MCs)

Ao enxergar o quadro que venho pintando, a ideia de periferia miserável, tão presente no senso comum, acaba se perdendo. No entanto, ao navegarmos pela cidade, a “arquitetura de periferia” se faz presente em sua maioria. Pesquisas dão conta que em São Paulo, por exemplo, grande parte da população, ao ser perguntada se mora na periferia, tem resposta positiva<sup>32</sup>.

Esse “estilo periferia”, incorporado à ideia de um Brasil amplamente subdesenvolvido, onde pessoas morriam de fome até pouco tempo atrás, da margem para uma ideia de periferia ancorada na pobreza. Isto é uma meia verdade. A realidade é diferente, visto que, em grande parte das vezes, o que se vê por fora das casas contradiz o que se vê no seu interior<sup>33</sup>.

Tradicionalmente, os lugares mais afastados da cidade tem os serviços públicos essenciais, como iluminação pública, transporte, asfalto, esgoto, sinalização, etc, mais tardiamente que locais mais ricos e centrais, muitas vezes conseguidos à base de lutas da sociedade civil organizada. Ao fim e ao cabo, o que quero dizer é que a representação que se tem das periferias urbanas é enganosa, marcada na construção social dessa representação a partir de uma história de inadimplência do Estado e da sociedade como um todo que datam desde o período colonial.

São inúmeros fatores que viabilizam a negligência da realidade em detrimento da exaltação de uma representação que, se já foi verdadeira, não é mais. As periferias são lugares pobres, mas que compartilham signos e símbolos e tem possibilidades de obtenção destes bens em alguma medida. Em uma analogia simples, se em 1980 um indivíduo pobre não tinha acesso à uma TV de última geração, hoje tem. A questão perpassa o fato de que as classes médias e

---

<sup>32</sup> <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2016/06/1782867-mais-da-metade-dos-paulistanos-dizem-morar-na-periferia-segundo-datafolha.shtml>

<sup>33</sup> Isso está ligado, sob a ótica simmeliana, ao consumo, dinheiro e estilo de vida.

ricas, tendo uma TV por cômodo ou não, vão compartilhar de equipamentos muito semelhantes ao restante da população. Isso tem a ver, também, com roupas, carros, máquinas de lavar, celulares, etc.

Neste sentido, nos governos do presidente Lula (PT) é que o aumento do consumo pelas populações menos abastadas financeiramente aumenta. Isso tem a ver com uma série de políticas adotadas pelo então presidente, que vão desde o Bolsa Família até a facilitação e aumento do crédito, bem como ganhos reais do salário mínimo e isenções de impostos. Esse aumento no consumo e suas transformações foram analisados e debatidos, entre outros autores, por Marcelo Neri (2008), Jesse Souza (2013) ou Marcio Pochmann (2012).

Há, no entanto, um descompasso nas formas de adquirir e de usar, em suma, de valorar certos bens. Como falei em outro momento, os meninos do salão conseguem transitar em certas fissuras do legal-ilegal para obtenção de muitos bens. Na procura do melhor preço, ou de um preço acessível para bens aparentemente inacessíveis, circula-se por regiões de comércio popular, pratica-se trocas, bens de segunda mão, vendas de acessórios anteriormente comprados e, no limite, objetos e acessórios falsificados.

No segundo dia em que fui ao salão, ainda me enturmado com os meninos e todos aqueles que estavam por lá naquele dia, Gabriel estava empacotando um telefone que enviaria à Teresópolis – RJ, cujo destinatário era o comprador do aparelho. Nestas pequenas aventuras, angaria-se fundos para compras de outros objetos, que posteriormente podem ou não serem trocados.

Se a ideia é comprar um tênis ou roupas, vai-se ao Brás ou compra-se de terceiros, telefones e aparelhos tecnológicos, a mesma coisa. A cada dia que vou ao salão descubro um novo lugar em São Paulo onde posso obter bonés, celulares, roupas e tênis em ponta de estoque, com preços abaixo dos praticados em lojas de shopping, por exemplo.

A periferia já viu muita miséria – concebida como falta do básico de subsistência, ausência de capacidade de consumo - e isto está presente no discurso dos indivíduos, que mesmo sendo jovens, têm lembranças de uma infância muito mais complicada do que a infância de hoje. Postigo vem trabalhando a ideia das periferias e favelas estarem sendo tomadas, hoje, sob o signo do consumo, marcadamente pelo chamado crescimento da classe

C. Sem qualquer juízo de valor sobre este fato, o ponto central é que se antes se morava em casas com esgoto a céu aberto e estrada de terra, como relatou Juca, hoje certos signos que antes eram compartilhados, mas inatingíveis, hoje podem ser adquiridos.

### 3.7 O Que é Periferia?

Mas, ao fim e ao cabo, qual é a ideia de periferia que se difunde? O que pode ser chamado de periferia? O que os meninos entendem como periferia? Adianto que esse tema é embaraçoso e amplamente situacional, sendo ancoradouro de diversas discussões contemporâneas. O ponto central, aqui, é o que se entende por periferia a partir da visão dos meninos do salão.

Como ponto de partida, eu traria as conclusões analíticas um trabalho específico, ao qual acabei dedicando certo tempo, ainda em época de graduação na faculdade (ZAMBON, 2013). Ao ponderar, inicialmente, sobre a relacionalidade do termo periferia, principalmente em Brasília, me deparei, no trabalho de campo, com recortes específicos que marcavam boa parte das visões que se disseminavam. Neste sentido e de um modo geral, a ideia de periferia está atrelada, na Ceilândia, à pobreza ou à lugares mais pobres. A ideia de favela, por outro lado, carrega alguns outros adjetivos importantes de serem mensurados. Para grande parte das pessoas à época, fossem elas moradoras de favela ou não, a violência seria quem lhe marcaria o nome, não outra coisa. Isto quer dizer que, se um território favelizado não fosse violento, ele não era considerado, por grande parte dos moradores, favelas.

No entanto, e isso fica claro, a própria noção de violência é demasiada situacional marcadamente nas ideias de sociabilidade violenta (MACHADO DA SILVA, 2008b) e sujeição criminal (MISSE, 2010), o que, no limite, revela que a representação daquilo que chamamos favela se modifica, assim como as noções de violência, presentes em diversos espaços de modos também diversos. A depender do lugar, ele pode ser considerado uma favela por quem está de fora, mas não por quem lá reside, bem como ele pode ser considerado uma favela por ser violento pra quem ve de fora, mas não para quem vive no cotidiano.

O assunto, então, vira. “O Rio é perigoso, né?”, me pergunta em tom retórico. Faço que vou dizer alguma coisa, falando mais com a fisionomia de quem quer dizer “não é bem assim”. Ele já emenda um “lá eles devem pensar a mesma coisa daqui, né?”. Mais uma vez tento não falar nada e deixar com que termine o raciocínio sem eu ter que participar com a fala. Mesmo assim, já pensei que Gabriel tinha uma boa percepção de realidade. Candinho ouve a conversa e antecipa que lá é perigoso, mas no nordeste também é. E termina com um “todo lugar é perigoso”.

Nesses assuntos que começam e a gente não sabe bem como, Juca, quando me dei conta, estava me contando da vez que foi na Zona norte pra gravar em um estúdio numa quebrada. Descreveu o lugar, uma favela, com suas escadarias e tal, num lugar muito pobre mesmo. Ele contava isso como algo totalmente alheio da sua realidade, como se nunca tivesse ido a um lugar semelhante àquele antes.

Os dois trechos acima são partes dos cadernos de campo, retiradas de anotações feitas no mesmo dia. Estas cenas se passaram logo no começo da pesquisa e por esse simbolismo, as

trago de início. A ideia do perigo e a ideia da pobreza como alheias às suas realidades são marcantes nesta trajetória que tive em São Paulo. As descrições sobre estes dois marcadores importantes são geralmente contadas como não ordinárias, excepcionais, pelo menos nos dias de hoje.

### **3.8 Aonde entra a religião?**<sup>34</sup>

Em várias ocasiões, observei a ideia do trabalhador vencedor presente nos discursos dos rapazes do salão. Não obstante, essa ideia ecoa, de um modo ou de outro, por inúmeros clientes que frequentam o salão do Candinho. A ideia de vencer pelo trabalho, amplamente difundida, principalmente pelos defensores da meritocracia, encontra espaço decisivo nos projetos de vida dos sujeitos que conheci em meados de 2015.

Essa concordância com a premissa de que quem se dedica triunfa ou, no limite, uma perspectiva de “quem acredita sempre alcança”, se ancora, em grande parte das vezes, na percepção da regra pela exceção, em que aqueles que angariaram melhor sorte durante a vida se transformam em modelo a ser seguido e exemplo de possibilidades daqueles que tentam triunfar no dia a dia.

A própria ideia de triunfo é relativa, onde, para muitos, salários ou ganhos que ressoariam baixos podem ser considerados altos, e ideais como carteira assinada ou direitos trabalhistas garantidos podem perder vez para o dinheiro obtido a priori e passível de ser consumido também rapidamente, sem uma preocupação inicial com elementos como aposentadoria, INSS ou FGTS.

De todo modo, e importante de ser marcado, é justamente a ideia de vencer pelo trabalho calcada em exemplos aleatórios, de pessoas conhecidas que, ainda assim, estão longe de ser representativas em um campo amostral amplo. No entanto, estes exemplos bastam para que esta perspectiva seja difundida.

Ora, é evidente que o meu lugar de fala, dentro do campo de pesquisa, presume que estes indivíduos tenham seguido uma carreira de trabalhador. Não pude conferir especificamente o passo a passo que os levou a estarem onde estão, apesar de, em algumas trajetórias de vida, ficar evidente a ideia de já ser um vencedor apenas por não estar no crime. No entanto, essa não é uma característica ou categoria generalizável a priori. A ideia de trabalhador é um conceito êmico, que ainda merece estudos específicos. O importante de ser

---

<sup>34</sup>Estudos como de Ronaldo Almeida (2002, 2003, 2004) ajudam a compreender os trânsitos e os papéis de religião na periferia de São Paulo, por exemplo

ressaltado é que, se um sujeito é um trabalhador, ele quer ser reconhecido como tal, pois dentro de uma cadeia de inteligibilidade específica, que circunda um sem número de possibilidades, ser trabalhador é sim uma atitude importante de ser compreendida e, principalmente, de ser tomada.

### **3.9 A Religião como força motora da ideia de trabalhador**

A ideia de uma força transcendental, criacionista e que merece devoção, é matriz ontológica da maior parte da população brasileira. O catolicismo, apesar de perder seguidores nas últimas décadas, ainda é a religião com maior percentual de seguidores no país. No entanto, as religiões evangélicas avançam fortemente, principalmente nas periferias das grandes cidades. Na periferia de São Paulo, por exemplo, já se desenha um universo onde os evangélicos serão, a longo prazo, maioria.

De todos os indivíduos que conheci, posso dizer que a maioria reproduz um discurso de matriz evangélica, mesmo que não seja frequentador da igreja. Vejo isso como um importante avanço das igrejas pentecostais e neo pentecostais, pois se anteriormente, a matriz discursiva era católica, mesmo que não houvesse uma dimensão exata do que é realmente a igreja, hoje essa matriz tem um viés evangélico. Isso quer dizer que a ideia do “crente” apenas como uma pessoa que frequenta assiduamente a sua respectiva igreja se modificou, a ponto de sua matriz discursiva ser amplamente difundida até para aqueles que não vão aos cultos, criando uma estrutura ontológica importante na periferia de São Paulo. Assim, mesmo à revelia de frequentar a igreja, o discurso destas é propagado.

Isso tem a ver com um proselitismo evangélico. Como Almeida avalia,

Em resumo, pode-se afirmar que, ao contrário dos evangélicos, as ações de católicos e kardecistas são mais universalistas, na medida em que o pertencimento a uma ou a outra religião não é um filtro de seleção na distribuição de benefícios. A atividade católica é menos proselitista e mais voltada para uma ação social que procura atingir as causas sociais da pobreza; a filantropia kardecista tem um perfil mais assistencialista sem enfatizar as transformações sociais; e, por fim, os evangélicos compreendem as dificuldades materiais como decorrência das ordens moral e espiritual, mas cujos efeitos indiretos do regramento do comportamento e da solidariedade interna entre os “irmãos de fé” atenuam a vulnerabilidade social. (ALMEIDA, 2004, P. 21)

Estar a margem da lei não é um discurso que contempla as religiões. Via de regra, estar em sintonia com a igreja é ser cumpridor de suas funções sociais, como trabalhador e chefe de família, cujas ações presumem retidão perante a sociedade e às leis de deus. Mas a força discursiva e ontológica das igrejas, evangélicas ou não, reside justamente na medida em que

indivíduos fora de suas “leis” e dogmas não as repudiam. Dito de outra forma, a igreja pode condenar o “bandido”, mas este ainda mantém sua fé. A mesma coisa para os homossexuais, divorciados e pecadores de um modo geral. Os discursos religiosos são predominantes.

E se a religião se coloca como importante matriz discursiva, ela, automaticamente, se vê numa situação favorável de enfraquecer a ideia de ser um fora da lei, um bandido, um mercador do mundo do crime. Isso vai desde não comercializar drogas e não roubar, até mesmo não ser usuário de drogas e entorpecentes, em sua maioria, ilegais.

Nesse elã, e que figura totalmente destoante do que assistimos no meio acadêmico e nos meios progressistas, a ação de fumar maconha, por exemplo, amplamente aceita e difundida, é altamente repreendida pessoalmente pelos indivíduos que pude travar conversas. A ideia de usuário, tão habitualmente estampada para pessoas que usam cocaína e crack - que antigamente já foi de domínio da maconha – também é colada em indivíduos que fazem uso de maconha, haxixe e seus derivados.

Ainda nesta perspectiva, importa ressaltar que o uso da maconha é, como na maior parte das vezes, entendido ou diagnosticado como comum pelos indivíduos, sejam eles pessoas que condenam seu uso ou não.

Eu estava entrevistando o Juca no parquinho do escadão. O dia estava muito bonito. Fazia sol e nós tínhamos comprado um sorvete. Estávamos sentados na mureta e eu gravava sua entrevista com um gravador a partir de um aparelho celular. No meio de uma de suas respostas aparece um rapaz com um baseado na mão. “Vocês tem isqueiro”, perguntou. Eu tirei o meu isqueiro de dentro do maço de cigarros e dei para ele. Juca ficou observando. O rapaz não conseguia ascender o baseado. Juca, de repente, interferiu: “tem que passar a goma aí se não não ascende”. O rapaz fez o que Juca pediu, me devolveu o isqueiro, agradeceu, deu dois tragos ainda por ali e, enquanto saía, falou: “tem que da uns dois pra segurar o resto do dia”. O cara foi embora, Juca olhou pra mim balançando a cabeça negativamente, mas rindo, e continuamos a entrevista. (Trecho dos cadernos de campo, adaptado)

Nenhum dos indivíduos da minha pesquisa frequentam a igreja, mas os discursos que propagavam ao longo do tempo em que frequentei com assiduidade o salão eram, a primeira vista, discursos de indivíduos frequentadores de igreja. Somente o tempo me fez constatar que esses discursos são difundidos e difusores de ideias. E essa constatação da base para esta hipótese, já lançada anteriormente: a matriz discursiva da religião é base ontológica do pensamento. Assim sendo, não há necessidade imediata de se frequentar a igreja para se tratar como verdade que “deus é fiel”, que “deus está por nós”, que “jesus vai nos salvar dos pecados”, que “a vida tem de ser guiada pelo salvador”.

Tudo isso abre um precedente importante, que é sustentado por todas estas ideias, a

saber: a perspectiva de que o trabalho dignifica o homem e, neste sentido, se estiver no caminho certo, do trabalho, deus vai ajudar. É neste sentido que a religião é força motriz da exceção como regra no mundo daqueles que tomam a exceção do triunfo como exemplo de vida e espelho para continuar seguindo os passos que vêm trilhando há algum tempo.

## 4 Construindo a Cidade dos Homens

### 4.1 Trabalhador X Bandido

Não somente nas periferias, mas, de um modo geral, em toda a sociedade, o mundo é frequentemente dividido, cindido, entre trabalhadores e não trabalhadores. Gabriel Feltran já alertara, em outra feita, para esta assertiva, marcando contundentemente a ideia de, na verdade, uma cisão entre trabalhadores e bandidos.

De fato, a inspiração para esta assertiva é evidente, no entanto, sou um pouco mais precavido, acreditando que, na verdade, há uma tendência a entender o mundo como dividido entre trabalhador e uma categoria um pouco mais geral, enquadrada na figura do vagabundo. O vagabundo pode ser desde um gatuno até um trabalhador do mundo do crime. Tendo a compreender o trabalhador do mundo do crime ou, comumente reconhecido como bandido, como a saída masculina da miséria por vias outras que não trabalhos e profissões compreendidas pelo senso comum como aceitáveis. Do lado feminino, acredito que esta saída seja a prostituição e similares<sup>35</sup>.

Neste sentido, no mundo cindido em que vivemos, ou se vive como trabalhador, ou se vive como bandido/vagabundo. Essa confecção estruturante indica as formas de um ser humano homem sobreviver, visto que a percepção social, seja de regiões territorializadas ou não, presume aceitável a mulher dona de casa, mas não o oposto. Sendo assim, para que sua vida tenha valor, mesmo que localmente, mesmo que somente em determinados territórios, ele tem de ser trabalhador, do contrário, é um ser humano “matável”<sup>36</sup>.

Esta explanações encontram base empírica, mas não são verdades absolutas. A ideia geral desta cisão do mundo é obviamente analítica. A expressão matável, alerta, soa aqui como uma perspectiva de entendimento do porquê uma determinada pessoa morreu, mesmo que não se concorde com a determinada morte. Se um indivíduo é morto em uma biqueira pela polícia, assimilamos a morte, concordando ou não com a ação policial, por exemplo.

Toda essa rápida discussão inicial é apenas pano de fundo para que o leitor tenha em mente que os sujeitos da minha pesquisa são indivíduos que se enquadram como trabalhadores. Todos são cabeleireiros do mesmo salão no fundão da zona leste de São Paulo. Todos conhecem bandidos, todos conversam com bandidos, podem ter, inclusive, parentes no mundo do crime, mas isto não os faz deixar a categoria trabalhador. As suas perspectivas, vivência e opiniões

---

<sup>35</sup> Uma bela descrição desta discussão pode ser encontrada no trabalho de Tássia Mendonça (2014)

<sup>36</sup> Pensando a ideia de indivíduo matável junto com Agambem (2002).

são potencialmente destoantes umas das outras, mas a ideia de trabalhar e vencer pelo trabalho em contraponto à vida no crime são correlatas.

## 4.2 A Normalidade do Crime

### 4.2.1 Trocando Tiro

Segunda-feira, amanhece frio em São Paulo. Havia combinado com um amigo que iria com ele até a estação Engenheiro Manoel Feio, em Itaquaquetuba, onde ele trabalha. Fomos de carro. Acordei por volta das 6 da manhã, mas saímos já passava das 7 horas. O itinerário: avenida do Estado, Radial, Salim, Marginal Tietê, Ayrton Sena, Itaquaquetuba. São Paulo é tudo uma coisa só. E é imenso. Taqua, como é chamada, parece mais um pedaço da Zona Leste. A cidade inteira parece uma grande periferia.

Chegando na estação, que nada lembra as modernas estações do metrô, passei na catraca quando a porta do trem estava se fechando. Saí correndo e consegui entrar, com certo estardalhaço. Todo o vagão, de gente não branca, me olhava com estranhamento. Não sei se foi apenas pela maneira como entrei, mas parecia ser também pela pessoa totalmente desenquadrada do perfil que estava ali, em pé, em um vagão onde todos estavam sentados. Os marreteiros começaram o seu trabalho normalmente. Mal vestidos, com roupas já mais surradas do que aquelas que frequentemente vejo os marreteiros do trem da linha 11. Vendiam principalmente balas.

Percebo que tomei o trem pro sentido errado quando chego no Jardim Romano. Desço e troco de trem. Paro em Calmon Viana, em Poá, onde integro com a linha Coral e vou sentido Guaianases. São Paulo é uma grande quebrada. É a típica morfologia de periferia que impera em todo o trajeto do trem. São quilômetros e quilômetros de ruazinhas e casas empilhadas, com ou sem reboco, à beira da linha férrea. Do ponto de vista urbanístico, a periferia não é a exceção da cidade, é a regra.

Chego em Guaianases por volta das nove horas. Nove e quinze estava no salão. Lá encontro apenas o Candinho, cortando o cabelo de um cliente já mais velho. Nenhum dos meninos havia chegado ainda. Sento ali e fiquei observando o movimento. O sol começou a bater mais forte e a temperatura a aumentar. O céu estava azul, sem nenhuma nuvem. Amplitude térmica enorme. Quando saí de casa tava frio ainda.

Chegou o Caio, me cumprimentou e já começou a cortar o cabelo de alguém. Candinho sentou ao meu lado e começamos a conversar sobre o movimento. Nessa hora chegou um rapaz. Tinha uma fala esquisita, um pouco arrastada. Cumprimentou o Caio e também chamou

Candinho de tio. Veio e me cumprimentou também. Saiu do salão, acendeu um cigarro e em nenhum momento a partir daquele instante, parou de falar.

Do lado de fora, puxava assunto com o pessoal dentro do salão ao mesmo tempo que gritava com quem passava na rua. Parecia conhecer muita gente por ali. Quem seria este rapaz? Chinelo no pé, algumas tatuagens, camisa e bermuda. Enquanto esperava o corte, andava de um lado para o outro. Não conseguia ficar muito tempo parado em um lugar. Falava de como a sua ex-namorada era chave, dos problemas com a família dela, dos problemas com a família da atual namorada, de como seu sogro não prestava.

E nessa de nunca parar de falar, ao mesmo tempo falava que tinha mudado e quem não prestava mesmo era seu sogro. Contou que tinha sido preso e tava na condicional. Começou a falar um pouco da prisão e eu comecei a olhá-lo mais atentamente. Ele, ainda em pé do lado de fora, começava a se entusiasmar com a história. Foram muitos minutos que passou narrando a sua trajetória, do roubo à cadeia. Longos momentos de reflexão fizeram parte de todo o seu percurso narrativo: a mudança, virar trabalhador, o nascimento dos filhos, as ofertas pra voltar pro crime, o medo de morrer.

A desventura deste rapaz, Mateus, se passou na Zona Leste da capital, mas não em Guaianases. Segundo ele, um “irmão”<sup>37</sup> conhecido o chamou e “deu a letra” de um movimento que tava acontecendo. Passou pra ele que em uma determinada agência bancária, um senhor mais velho saía sempre com um pequeno malote contendo nove mil reais. Ele contava a história e, a essa altura, já estava sentando para Caio cortar o seu cabelo. Mateus contava sua história para quem quisesse ouvir, mas toda aquela cena causava pouco estranhamento por parte daqueles que ali estavam.

Segundo Mateus, fizeram tudo certo. Ele mais dois amigos alugaram uma casa nas redondezas de onde aconteceria o crime para acompanhar o senhor do malote durante alguns dias. Fizeram amizade com a senhora dona do lugar, que ficava de frente pra rua e de costas para um descampado. Analisaram a situação com cuidado e, ao terem certeza que seria tranquilo, resolveram praticar o assalto.

Combinaram de um esperar no carro para a “fuga”, um chegar “dando a voz” e o outro chegar mostrando a “peça”. Eu já o olhava fixamente, pelo espelho, e, a essa altura, parecia que ele já contava a história diretamente pra mim. Caio continuava cortando o cabelo dele, mas também prestava atenção. Quem daria a voz era um de seus companheiros e ele chegaria com a peça.

---

<sup>37</sup> Como são chamados os membros do PCC.

O plano desanda quando avistam uma viatura da polícia fazendo ronda pela rua. Ele e seu companheiro já estavam cercando o senhor quando avistaram a viatura, passando bem devagar. Quem era pra dar a voz de assalto não deu, pelo susto de ver a polícia, “aí eu mesmo dei a voz, porque era melhor o senhor ficar quieto ali. Ele passou o malote e não falou nada. Falei pra ele nem olhar pros polícias. Só que nessa, os polícias ganharam a situação, daí a gente saiu correndo”.

Todo o planejamento foi por água abaixo. Mateus agora fugia da polícia a pé, com nove mil reais dentro de um malote, um revólver e prestes a assinar um 157. Vale salientar que o amigo que ficara no carro também correu com eles, portanto os três estavam em fuga. Correram pra casa que tinham alugado, na perspectiva de conseguirem escapar pulando o muro e fugindo pelo mato por trás da residência.

Chegando perto da casa, a troca de tiros começou. Eles conseguiram chegar até em casa, mas Mateus foi atingido no tornozelo por um tiro. Conseguiu chegar até um lugar protegido. Essa parte da história ele contou com grande comoção. Seus parceiros queriam ficar ali com ele, para todo mundo ser preso junto. Mateus os obrigou a fugir, levando o dinheiro e sua arma que, ao que tudo indicava, também havia acertado um policial. O orgulho de Mateus por segurar o B.O. sozinho e, ao mesmo tempo, de ter sido protegido pelos seus parceiros, ficou escancarado enquanto narrava essa história. Repetiu isso várias vezes.

Os outros conseguiram fugir. Mateus ficou no chão, sangrando, esperando a polícia chegar. “Quando eles chegaram, um já meteu aquele fuzil quente no meu peito. Tava muito quente. Eles iam me matar ali mesmo. Aí a senhora que a gente alugou a casa, vendo aquilo do outro lado, saiu de lá e veio me salvar. Ela chegou gritando e não deixou que eles me matassem”. Também disse que, dentro do camburão, foi um pesadelo. Perguntei a ele do medo que sentiu. A combinação da falta de palavras e as suas expressões corporais deram conta do momento desesperador.

Mateus era menor, mas a pouco tempo de concluir 18 anos. Ele disse que foi julgado como maior de idade. Disse que o defensor público parecia estar contra ele. Em sua cabeça, quem o ajudou foi ele mesmo. Ele foi o seu próprio advogado. No tribunal, estava sendo acusado de roubo, mas também de tentativa de homicídio e porte ilegal de armas. “A sorte foi que o juiz, já no final, me perguntou se eu queria falar alguma coisa, e eu disse que queria”.

Quando o juiz perguntou, Mateus se levantou e, prontamente, confessou que roubou o senhor (o senhor, além da senhora, também estavam no tribunal). Mas pediu pro juiz reavaliar as outras acusações. Perspicaz, Mateus questionou ao juiz o fato de não terem encontrado nenhuma arma com ele, tampouco terem feito qualquer tipo de exame que comprovasse ~~que~~

havia pólvora em sua mão. Segundo Mateus, nessa hora o juiz começou a folhear as páginas do processo e realmente não encontrar nada. Foi esse o momento determinante. Foi condenado apenas pelo roubo.

Depois de ficar preso durante mais de um ano, foi solto em condicional. Contou com emoção do reencontro com a família, mas também do reencontro com seus parceiros da função. “Eu amo aqueles caras. Quando eu voltei, os caras trouxeram o dinheiro todo. Não gastaram um centavo. Daí falaram que era pra eu ficar com a maior parte, mas eu não aceitei. Não é o certo. O certo é dividir igual pra todo mundo”. O andar pelo certo, fazer o que é certo, tangenciou boa parte do seu discurso.

Acabou de contar a história no exato momento em que acabou o seu corte. Caio afirmava que isso, o crime, era passado, ao mesmo tempo que cobrava, pela entonação da voz, uma confirmação de Mateus sobre os seus novos rumos. E Mateus dizia ter saído dessa vida. Revelou as propostas pra gerenciar biqueira, pra voltar pra ativa, mas sempre negou. Agora estava trabalhando, tinha uma filha pra criar e não podia vacilar com a condicional. Sua namorada chega com sua filha e els partem. Foi a única vez que encontrei Mateus.

De toda a história, tem muita coisa que desperta interesse. Mas daquela hora inteira em que Mateus falou um pouco da sua trajetória no crime, o que chamou muita atenção na cena como um todo foi a normalidade como situações como essa são encaradas no salão. Isso parece ser corriqueiro. A existência do crime e as negociações com ele fazem parte da vida dos jovens da periferia (FELTRAN, 2010; HIRATA, 2006; SANTOS, 2014). Uma história de um conhecido preso é apenas mais uma história de um conhecido preso. Não há alarde. O que Caio e Candinho, por exemplo, querem saber, é se mudou de vida, se saiu do crime. No limite, o que importa é ter virado “trabalhador”.

Esta passagem é imperativa. Primeiro, porque a ouvi em um salão, sentado no banco de espera, sem conhecer o Mateus. Ele apenas sentou para cortar o cabelo, depois de esperar sua vez em frente o salão fumando um cigarro, e contou para todos uma passagem que marcou sua vida. Essa parente falta de propósito, para mim, aparentou um tentativa de repercutir positivamente sua carreira, que foi do crime à vida de trabalhador e pai de família.

A ideia de crime, que para tantos é tratada como algo distante, ao ser encarada com normalidade, quer dizer que faz parte de um cotidiano de vida. Em outros termos, se para um grupo de pessoas, conhecer alguém que foi preso é a exceção, para outros é a regra. A maior parte dos indivíduos que conheci em São Paulo conhece alguém que já foi preso. Mas isso não tem a ver, exatamente, com aceitação. Se, por um lado, os indivíduos conhecem muitas pessoas que praticaram atos passíveis de prisão e, por ventura, indivíduos que foram presos, por outro

lado estes também sabem elencar os atos e dissuadir qualquer forma de corroboração com os mesmos, quando é o caso.

Dessa forma, e é algo que soa um paradoxo a priori, um indivíduo é contra o “mundo do crime”, contra o roubo de carro, contra o tráfico de drogas, contra o sequestro de pessoas, pode acionar estes mesmos indivíduos para raver um bem roubado ou para denunciar algo que está fugindo do controle nestes territórios. É neste intervalo que conseguimos entender uma outra dimensão do que chamo de normalidade do crime, a saber: para além do normal, ele também é normativo.

### 4.3 Sendo Assaltado

A normalidade do crime que falava anteriormente tem a ver com muitas esferas da vida cotidiana e perpassa, também, a normatividade do crime, isto é, o crime enquanto instância normativa de poder. Portanto a normalidade vai desde ser conhecido de indivíduos do “mundo do crime”, mas também mobilizar recursos neste mesmo espaço. Ademais, ser assaltado, roubado ou furtado também faz parte da vida. Assim sendo, quando Candinho teve seu carro roubado, procedeu de uma forma específica, que poderia ter sido diferente a depender de inúmeros fatores, que narro na sequência.

Vale, de início, algumas informações importantes sobre o roubo e furto de carro no Brasil. No ano de 2014, foram roubados ou furtados, de acordo com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP)<sup>38</sup>, 213.472 carros no país. A cidade de São Paulo, com quase 100 mil carros roubados ou furtados, tem a maior incidência do país em números absolutos. Isso quer dizer que um carro desaparece a cada 5 minutos somente no município.

O Primeiro Comando da Capital (PCC) estabeleceu na periferia de São Paulo uma série de normas a serem seguidas e, em tese, invioláveis, chamadas de “proceder”. Dito de outra forma, o proceder seria o comportamento esperado de alguém no mundo do crime. Essa ideia será retomada mais adiante. Muitos autores trabalham com a ideia de proceder como um conceito êmico e importante para o entendimento do mundo do crime, notadamente Adalton Marques (2006, 2007, 2009), Karina Biondi (2008) e Vagner Marques (2011).

Pelo que pude constatar, não é usual entre os presos tomar a palavra proceder para indicar uma ação. Utilizam-na, antes, como um atributo do sujeito, ou ainda, como um substantivo. No primeiro caso se diz que um sujeito tem proceder ou que não tem proceder. No segundo caso se diz o proceder. Ao atribuírem ou não o proceder a um sujeito, as considerações dos prisioneiros referem-se à sua disposição quanto a um respeito específico [...], quanto a uma conduta específica [...] e, enfim, quanto a uma

---

<sup>38</sup> [noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2015/10/02/a-cada-2-minutos-e-meio-1-carro-e-roubado-nas-27-capitais-do-pais.htm](http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2015/10/02/a-cada-2-minutos-e-meio-1-carro-e-roubado-nas-27-capitais-do-pais.htm)

atitude específica [...]. Já o proceder enquanto atributo, de modo diverso, se refere a essa consonância de um sujeito com o proceder substantivo (MARQUES, Adalton, 2009, p. 26-27)

Normativamente, a ideia de que não se pode roubar dentro das favelas e quebradas em São Paulo, estritamente atrelada ao proceder do mundo do crime, nos últimos tempos, vem perdendo efetividade. As explicações para isso ainda estão no âmbito da teoria, mas as constatações desta realidade são empíricas, presentes nas minhas pesquisas, mas também na bibliografia<sup>39</sup>. A ideia de quebrada largada ou quebrada bagunçada é relativamente recorrente no dia a dia dos territórios<sup>62</sup>.

Lá pras seis da tarde a tia do suco chegou. Ela sempre passa por lá nesse horário. Como ninguém quis comprar nada, ela ficou por ali e puxou conversa com um dos homens à beira da porta. “E tão roubando de novo, né? Entraram na casa de um vizinho lá na vila. Tão entrando tudo de novo. Ta ficando bagunçado <sup>63</sup>” (Trecho de um diário de campo)

“Greg, eu só mudaria de Guaianases porque eu queria ter uma moto. Eu adoro moto, mas não da pra ter moto em Guaianases. Não dá! Não ura dois meses os caras já roubam.” (Trecho de uma entrevista com Caio, morador do distrito)

Mas se a disciplina que regia o seguimento das regras não é mais a mesma, roubar nas periferias de São Paulo continua sendo um ato ilegal. Destaco aqui que a palavra ilegal surge como redundância à primeira vista. Seria ilegal roubar em qualquer lugar. No entanto, o caráter ilegal do roubo preenche qualquer instância normativa que rege as cidades dentro das cidades (ZAMBON, 2013). Dito de outra forma, roubar não é aceito pelo Estado, pelo mundo do crime e, tampouco, pela via religiosa, o que faz do “roubo na quebrada” um ilegalismo normativo em si. Roubar na quebrada não pode, pra ninguém.

Isso tem a ver com as instâncias normativas de manutenção da ordem que se *instalaram* nos territórios. São essas estruturas que admitem ou não legalidade nas ações, a depender dos contextos, mas também das ações. Feltran indica os discursos normativos que disputam espaço na periferia de São Paulo como modelo de ação em si. Desta forma, se existe o Estado, também existe a igreja e o “mundo do crime”, que complexificam as relações sociais, pois enquanto discurso normativo, se propõem estrutura.

Ora, mas é evidente que o crime existe em todo canto que se possa dar uma olhadela. Não é diferente na periferia. Carolina Grillo (2013) mostra em sua tese, uma etnografia com ladrões na cidade do Rio de Janeiro, como todos os protagonistas de sua pesquisa ou estão presos ou morreram. Ladrão que rouba nas favelas e quebradas não tem vez. A sua sorte

---

<sup>39</sup> Também com Biondi, Marques, mas também Silva (2013)

geralmente não é boa. Para o ladrão, não se pode nem ao menos preferir viver pouco como um rei<sup>40</sup>, pois sua passagem pela vida – ou pela vida livre – é extremamente fugaz.

É neste contexto que trarei uma cena etnográfica principal para entendermos os procedimentos de um cidadão comum, morador da periferia, ao ter seu carro roubado. Neste sentido, o texto traz os repertórios mobilizados por este cidadão na tentativa de reaver seu carro.

Ao falar em cidadão comum, estou tentando combater justamente a ideia de que um morador de periferia é alguém diferente, maltratado, infeliz, desacreditado. A princípio, o maior problema reside no estigma criado, que gera uma representação pública da periferia que não reflete a realidade destes lugares<sup>41</sup>. No entanto, os moradores das regiões territorializadas conseguem acessar um grande número de repertórios para a convivência nas cidades, estando eles, também, atrelados às instâncias normativas que condicionam, em grande medida, suas ações. Assim, tento compreender os modos como os indivíduos transitam pelas estruturas condicionantes e produzem suas vidas, o seu cotidiano (DAS, 2011).

Desse modo, cabe ressaltar de maneira contundente, que estes saberes não são universalmente compartilhados nos territórios, o que provocaria um erro grave na concepção prematura sobre o que são as periferias. Saber agir no Jardim São Carlos não lhe dá, necessariamente, fundamentação para agir em Heliópolis, por exemplo. Em estabelecidos e Outsiders (ELIAS, 1994), para lembrar de um livro mais antigo, Elias já nos mostrava as complexidades e heterogeneidades dentro de um bairro operário de uma cidade inglesa, revelando como o saber agir na comunidade era importante para a coesão e para o estabelecimento de relações de vizinhança.

Neste sentido, quando nós temos um bem material roubado, agimos de formas diversas, mobilizando repertórios vastos, que variam por muitos fatores. Obviamente, isso também varia de acordo com o valor do objeto, seja ele simbólico ou pecuniário. Quando temos um carro roubado, por exemplo, a prática limita grande parte da população a operar na lógica estatal, de controle policial e suas burocracias. Mas não é em todo lugar que isto acontece e esta maneira cristalizada de proceder não é universal. Feltran (2010) indica os discursos normativos que disputam espaço na periferia de São Paulo como modelo de ação em si. Desta forma, se existe o Estado, também existe a igreja e o “mundo do crime”, que complexificam as relações sociais, pois enquanto discurso normativo, se propõem estrutura.

Dessa forma, se um indivíduo tem um carro roubado em uma periferia de São Paulo, ele

---

<sup>40</sup> Referência à passagem “Tempo pra pensar, quer parar. Que cê quer: viver pouco como um rei ou muito, como um Zé?”, da música Vida Loka parte 2, dos Racionais MCs

<sup>41</sup> Postigo (2013) trata das representações de favela e periferia.

tem outras formas além do arcabouço do Estado para atingir o seu objetivo final: se há necessidade de que encontrem o seu carro, o indivíduo pode lançar mão das estruturas que balizam a vida e que lhe permitam ter a melhor sorte possível na consolidação da sua empreitada. Dito de outra forma, na periferia a polícia pode achar o seu carro, mas o “mundo do crime” também.

Vale ressaltar, no entanto, que tudo isso são possibilidades que não necessariamente serão ou poderão ser acessadas por todos os moradores de determinado lugar. De um outro prisma, outras localidades e outras pessoas podem ter acessos bastante diferentes, como contatos no meio estatal – seja na polícia ou em círculos de influência política -, acesso à informações em círculos comunitários, etc.

#### **4.3.1 O Assalto a Mão Armada**

Tomei o trem rumo à Zona Leste, depois de ter recebido a mensagem de um Juca. Ele tinha sido assaltado, juntamente com o Candinho e Gabriel. Levaram o carro. Como eu já ia a campo com menos frequência e estava comprometido com certas burocracias, fiquei sabendo do ocorrido relativamente tarde, alguns dias depois. No entanto, a notícia me fez ir até lá e verificar o que tinha acontecido com mais detalhes

Fiz o mesmo caminho de sempre, da saída de casa até o extremo leste da capital. Um bom trajeto a pé, metrô, troca de linha, troca de linha de novo, toma o trem na luz e depois uma pequena caminhada. Mais ou menos uma hora e meia o tempo entre a minha casa e o destino final.

Cheguei ao salão com um sorriso no rosto, afinal, fazia algum tempo que não via os meninos. Cumprimentei todo mundo e me sentei em uma das cadeiras de espera. O clima estava alegre. Começamos conversando amenidades cotidianas como “como você tá? E a família? Ta em São Paulo ainda? Ta sumido, mano!”. Juca estava sem cliente, sentado ao meu lado. Foi aí que começamos a dialogar sobre o ocorrido.

A história se passou em um dia na saída do salão. Geralmente, como já expliquei em outro momento, o salão é fechado por volta das 8 da noite, com Candinho. Com ele, pelo menos mais um ficava incumbido de trancar a grade da porta de ferro ao anoitecer. Neste dia, porém, calhou, por motivos que não me souberam explicar, de estarem Juca e Gabriel junto com ele. Ao que parece, Candinho daria carona para casa aos dois.

Quando comecei a fazer pesquisa no salão do Tio Candinho<sup>42</sup>, o seu carro era um

---

<sup>42</sup> O salão, como a maioria dos salões do bairro, não tem nome.

Ecosport prateado modelo 2011, que ficava sempre estacionado o mais próximo possível do salão. Antes do final do ano de 2015, ao quitar os parcelamentos referentes a este carro, Candinho decidiu trocá-lo, dando-o como entrada e tomando novo parcelamento para o carro novo. Aliás, a compra do novo carro, um Toyota Corolla branco, 0 km, foi motivo de intensos debates entre os garotos do salão, que tentavam estabelecer qual seria a melhor compra<sup>43</sup>. Estes empreendimentos são cercados de simbologias e signos que afetam muito mais os indivíduos mais jovens. Se dependesse de Caio, sobrinho de Candinho e também cabeleireiro no salão, o carro a ser comprado, pelo mesmo valor, deveria ter sido uma BMW modelo 2012.

Um leitor desavisado pode achar surpreendente um morador da periferia de São Paulo ter um carro de alto valor. No entanto, é importante informar que, apesar de não ser a regra, também não é a exceção. O carro, além de importante marcador social, é um signo compartilhado pela maioria das pessoas, independentemente de local de moradia ou salário. O lugar do carro na vida do brasileiro é de destaque, sendo ele parte importante do projeto de vida das famílias e imprescindível na sua relação com o modelo de desenvolvimento econômico brasileiro<sup>44</sup>. Sendo assim, não é difícil pensar que as pessoas empenham esforço para terem carros confortáveis.

Saindo do salão, os três foram em direção ao carro, que não distava mais que 20 metros. Ao entrarem no automóvel, Candinho no volante, Jarbas na frente e Gabriel atrás, foram interpelados por três elementos descapuzados e armados, que lhes renderam e levaram o carro em disparada.

Enquanto Jarbas ia me contando esta história, os outros envolvidos, mas também Fernando, que já sabia do ocorrido e participou dos procedimentos pós-roubo, também encaixavam algumas falas. De início, a primeira coisa que me chamou atenção foi a hora do roubo. Já transitei pelas ruas do bairro até mais tarde que 20 horas, e os espaços públicos ainda tem movimento considerável. No entanto, isto não foi empecilho para a “fita” ter sido feita.

O relato é simples. Enquanto entravam no carro, dois homens e uma mulher, dois deles armados, esperaram Candinho entrar. Nesse momento, colocaram a “peça” na sua cabeça e mandaram-no descer. Os outros dois foram pelo lado direito do carro, rendendo Jarbas e Gabriel. Candinho me contava, também, como era desesperadora a sensação de ter uma arma

---

<sup>43</sup> Estas duas situações, a do endividamento constante pelo carro e a simbologia da escolha deste, principalmente pelos indivíduos homens mais jovens, é interessante e certamente estará presente em trabalhos vindouros

<sup>44</sup> A indústria automobilística é importante para o modelo de desenvolvimento brasileiro por ter uma cadeia produtiva bastante ampla, e impulsiona grandes ganhos também para terceiros, sejam seguradoras, seja todo o mercado ilegal que envolve os carros, como roubos, furtos, desmanches, autopeças, golpes, etc, movimentando bilhões de reais todos os anos.

apontada para sua face. Com todos rendidos e fora do carro, os assaltantes fugiram pelas ruas de São Paulo.

Enquanto a história se desenrolava, surgiu uma discussão, que me pareceu já ter sido debatida muitas vezes antes, sobre o caráter do roubo. Alguns defendiam que era algo que vinha sendo estudado, outros estabeleciam que foi no calor do momento que tomaram a decisão. Ao que tudo indica, e parece que esta foi uma conclusão mais ou menos aceita, os assaltantes passaram pelo menos alguns dias entendendo o movimento, para então concluírem o roubo.

Desde as primeiras vezes que fui à campo neste bairro de São Paulo, sempre ouvi que não se podia ter moto, pois elas eram inevitavelmente roubadas. O tom destes discursos era exatamente o de um destino traçado, que não poderia ser mudado por ninguém: ter moto na quebrada não dá. Até o carro do Candinho ser roubado, eu não tinha tido nenhuma notícia de roubo de carro pelas redondezas.

### 4.3.2 A Reação

A ideia de reação assumida por mim não tem a ver com o assalto em si, mas com a tentativa de reaver o carro. Neste sentido, qual seria o procedimento a ser seguido? Na verdade, como disse, são vários, agravados ou atenuados por diversos fatores. A ideia de um modo de proceder geral, normativo, neste caso não se aplica.

Então, neste caso, fujo da ideia de proceder, mesmo que, de alguma maneira, ela esteja intrincada dentro da ação dos meus interlocutores, pois se relaciona intimamente com uma das instâncias normativas de poder que estas populações estão inseridas. Neste sentido, prefiro ficar com a palavra genérica *agenciar* para estabelecer os procedimentos de Candinho, mas tendo a noção exata de que este agir está intimamente influenciado pela disseminação discursiva do crime e, portanto, do proceder<sup>45</sup>.

De fato, eu estava muito interessado em saber como haviam agido os rapazes depois do assalto. Quais teriam sido as atitudes a serem tomadas para tentar recuperar o carro? E essa curiosidade está marcada justamente no conhecimento teórico sobre os modos de agir nas periferias. A interpelação sobre o pós-roubo só me foi referenciada pelo conhecimento prévio do que poderia ter acontecido, ou seja, por eu saber que certas ações são possíveis e até mesmo prováveis.

Eu estava de pé enquanto ouvia todos falando do acontecido. Primeiro ouvi a versão geral no meio do burburinho que havia se instaurado com a narrativa. Depois do assalto, parece,

---

<sup>45</sup> A ideia de agência está intimamente ligada com uma ação reflexiva influenciada, mas não determinada pela estrutura

Gabriel foi para sua casa, onde morava com sua esposa e sua filha, e Candinho e Jarbas, tio e sobrinho, foram para a casa de Candinho. Lá chegando, Fernando já tinha tomado conhecimento do fato e também tinha ido para lá. Candinho subiu com um dos seus irmãos até a delegacia mais próxima para dar queixa, enquanto o resto da família ficou em sua casa.

A primeira versão do acontecimento que assimilei foi esta, absolutamente resumida e cheia de omissões. No entanto, com o passar do tempo, ao fazer algumas perguntas e, depois, ao conseguir conversar com cada um individualmente, pude tomar ciência com uma riqueza maior de detalhes sobre todo o processo de tentativa de recuperação do carro.

Avisar a polícia que o carro foi roubado, isto é, fazer um boletim de ocorrência, foi a primeira atitude de Candinho. Talvez ele não saiba, mas a taxa de recuperação pela polícia de veículos roubados em São Paulo é de quase 50%, portanto parece uma boa ideia contatá-los<sup>46</sup>. No entanto, essa taxa representa o número de carros encontrados, estejam abandonados ou não, mas não representa o número dos roubos, assaltos ou furtos resolvidos.

Contatar a polícia caso o carro seja roubado aumenta o leque de chances para atingir o objetivo final. E isto foi feito. Candinho tinha um carro 0 km, em dia e segurado, portanto não havia qualquer empecilho prático/burocrático para não lançar mão do Estado, ou seja, da norma institucional, como um dos braços do movimento de recuperação do bem.

Perguntei a Candinho sobre a família, como foi dar a notícia, mas as suas preocupações e reações foram muito evasivas, assim como as de todos os outros. De fato, sua esposa quis ir com ele tentar resolver este problema, mas foi prontamente impedida de prosseguir. Segundo Candinho e os meninos, não é para mulher resolver este tipo de problema. Aí reside uma representação bastante difundida de masculinidade, que tem a ver com regulação das emoções e uma cisão do mundo entre “coisa de homem” e “coisas de mulher”. No limite, se a esposa de Candinho tivesse sido assaltada, o agenciamento das práticas para a recuperação do veículo teriam sido feitos por Candinho.

Já chegava perto das 22 horas quando Candinho, sem a companhia de nenhuma mulher, conseguiu sair da delegacia. Era este o momento de continuar pondo em prática os procedimentos para tentar recuperar o carro. Uma vez acionado o Estado, ele e seu irmão buscariam auxílio em outra instância. Fernando, do outro lado, falou que eles tinham ido ao escadão. Entendi a situação e pedi detalhes ao Candinho.

Geralmente, quando o assunto é o escadão, as conversas são um pouco evasivas.

---

<sup>46</sup> <https://epocanegocios.globo.com/Informacao/Resultados/noticia/2013/08/os-estados-com-maiores-taxas-de-roubo-e-recuperacao-de-veiculos.html>

Fernando disse que “no escadão tem um pessoal que fica parado lá e que conhece os irmãos”. Uma conversa que lembra muito o ditado “eu conheço alguém que conhece alguém”. E assim, não se sabe ao certo quem é ou não irmão, mas ali é um ponto de interlocução e acesso ao “mundo do crime”

Toda essa conversas se passava em um dia de bom movimento no salão. E eu estava conversando com o Candinho na beira da entrada, de pé, encostado na vidraça, ao lado do Fernando, que terminava um corte. Boné vermelho dos Canadiens, tim de hóquei no gelo, chinelo e calça Saruel, que virou moda de uns tempos pra cá.

“É, Greg, eu fui lá no escadão falar com os caras, passar a caminhada<sup>73</sup>”. Candinho e seu irmão seguiram até o escadão para informar ao “movimento” o que havia ocorrido. Estes indivíduos tomaram o telefone e ligaram para a sua rede, passando a caminhada. Depois de informarem as características do carro e todos os detalhes que Candinho lhes havia passado, um dos indivíduos frisou: “vamos ficar atentos que é o carro de um dinossauro aqui”. Desta forma, Candinho, ao ir até o escadão, mobilizou uma rede de pessoas que agora ficariam de olho pelas ruas, becos e vielas das quebradas, na expectativa de encontrar o carro roubado.

É importante salientar que Candinho mudou-se para o bairro há muitos anos. Apesar de ter família baiana, veio migrante do Paraná. Chegou a São Paulo em meados dos anos 70 e voltou para terra natal. Tornou a vir para São Paulo, ainda na década de 1970 e está instalado no bairro há pelo menos 35 anos. Candinho não tem ligação com o mundo do crime, mas é conhecido pelas redondezas. Ele é, portanto, um “dinossauro” na região, e tem o respeito de muita gente. Dessa forma, não é necessário ser “do crime” pra ter respeito, tampouco se deixa de mobilizar certas instâncias por ser ou não da igreja. Todas estas afirmações são mutáveis e situacionais, e isso parece estar claro. No entanto, a ideia de instância normativa se aplica de modo contumaz no universo empírico, estando relacionadas, também, à normalidade com que essas ações são assimiladas por todas as pessoas.

Fernando, ao meu lado, já da risada e fala que Candinho é um dinossauro mesmo. Todo mundo sorri, inclusive os clientes. Fernando finaliza o corte de cabelo do cliente, recebe o dinheiro, ainda com um sorriso no rosto.

Fernando, você tem carro. Não tá em dia, não tem seguro. Se te roubam, o que você faz?, perguntei a ele.  
Vou na polícia, respondeu sem pestanejar. (Trecho dos diários de campo, adaptado)

Esta passagem explica bem a ideia dos vários modos de agir dentro de determinada

situação<sup>47</sup>. Fernando falou que preferiria não envolver o “mundo do crime” nesta situação, que sempre procura não depender disso. Com certeza, falar sem que a situação se dê de maneira concreta é mais simples. Talvez se o seu carro fosse realmente roubado, Fernando acabaria se valendo dos recursos que tem ao seu alcance. Mas, a priori, esta prerrogativa não seria utilizada. Esta passagem também exemplifica a normalidade e a normatividade destas situações, como dito anteriormente.

Mas cadê o carro, Candinho, perguntei sorrindo. Não estou vendo ele daqui. Candinho, meio cabreiro, disse que agora deixa o carro em um estacionamento ali perto, que é gratuito e tem muita gente olhando. E como foi que encontraram, perguntei curioso, atentando para compreensão de quem teria localizado. (Trecho dos cadernos de campo)

Essa parte da história é mais obscura, porque, por certo, não há como termos confirmação factual de quais foram as forças que levaram o carro a ser encontrado. Pode ter sido qualquer uma das instâncias mobilizadas. No entanto, quem ligou para Candinho foi a polícia, que contabilizara mais uma recuperação de carro sem resolução do crime. O carro foi encontrado em uma ruela pros lados do Itaim, por volta de uma hora da manhã, intacto, sem nenhum arranhão e nada roubado.

- É, tio Candinho. Graças a deus achou sem maiores problemas
- É, Greg. Mas eu to com medo de eles voltarem, porque tão com a chave.

O medo de Candinho se concretizou. Algum tempo depois, seu carro foi furtado e, quando recuperado, não tinha nenhuma marca de arrombamento. Tudo indica que foram os mesmo ladrões que roubaram seu carro pela segunda vez. Depois de tê-lo achado novamente, Candinho passou a ir trabalhar a pé até trocar a fechadura do automóvel.

Ao acessar o mundo do crime para tentar desvelar um crime, algo que soa como um paradoxo à primeira vista, Candinho está pactuando com a ideia do proceder, já descrita muito bem por Marques. Um ladrão que rouba na quebrada está faltando com o proceder. Desta forma, a atitude de Candinho pode ser lida como uma busca de ajuda nos “bandidos com proceder” para solucionar seu problema. Essa atitude não é necessariamente compartilhada por todos os moradores, tampouco aprovada, mas parece ter um caráter de normalidade, justamente pela normatividade das práticas.

#### 4.4 O Fluxo no Helipa

Sexta-feira, por volta das sete da noite. Estava na barbearia fazia algum tempo e já me

---

<sup>47</sup> Hirata (2006) também mostra as diferenças de modos de agir em diferente locais

preparava pra ir embora. Mais cedo tinha conversado com Caio e Juca sobre como é morar na periferia e como as relações mudam de periferia pra periferia. Caio sempre frisa isso: andar na quebrada não é tudo igual. De repente chegou um rapaz, aparentando uns 20 anos, pra cortar com o Caio, que já fala: “Aí, Greg, esse aqui vai lá no fluxo”.

No salão, apenas Gabriel não estava. Juca estava de férias do colégio, por isso conseguir ficar até o final do expediente. Em pé, do lado da cadeira do menino, começamos a conversar enquanto Caio cortava seu cabelo. Perguntei pra qual fluxo que ele ia e ele respondeu Heliópolis. Depois que ele me contou, busquei saber um pouco mais sobre os fluxos de rua na “Cidade Nova Heliópolis”, ou apenas Helipa, favela localizada já na divisa entre São Paulo e São Caetano do Sul. São inúmeras páginas e vídeos na internet que dão conta de que esse é o maior fluxo de São Paulo, contando, geralmente, com milhares de pessoas.

O rapaz, que chamarei de Leto, cortava o cabelo justamente porque ia ao fluxo mais a noite. Perguntei como eles faziam pra chegar. Heliópolis não fica muito distante do metrô Sacomã, o que torna o deslocamento até lá, por alguém que mora em Guaianases, facilitado. Como vão sempre em muita gente, só pagam a passagem de volta, quando já estão mais “chapados” e dispersos entre si. Na ida, pulam a catraca na estação. Ele me diz que todo mundo deixa os três reais e cinquenta separados, para não ter problema na hora de voltar.

Mas o “ir em bando” não é simplesmente uma tática para não pagar passagem, e sim uma estratégia de circulação pela cidade. Heliópolis, segundo Leto e Caio, não é como Guaianases. Isso quer dizer que não entra quem quer. “Você, alemão desse jeito, chega lá, os cara já vão tirar satisfação”. Mas não é apenas isso. Também está atrelado ao que Leto chamou de “não se sentir seguro fora da própria quebrada”. O que ele quer dizer é que o “proceder” é diferente. Como não se conhecem as pessoas para, em gíria carioca, desenrolar, não se tem domínio das práticas do local e, principalmente, não se é conhecido, a ideia de ir em bando para afastar possíveis problemas pareceu, aos meninos, a melhor saída.

Isso fica evidente também em suas falas. O “saber conversar”, o desenrolo, é importantíssimo em qualquer lugar. “Tem lugar que se não souber conversar não sai”, diz Leto. Mas isso vale também para que ganha com o fluxo. Leto conta incrédulo que dificilmente vê qualquer viatura de polícia por lá. Ao mesmo tempo, Caio conta que os fluxos em Guaianases acabaram há algum tempo justamente pela ação policial, que, como diz Caio, “chegava, quebrava tudo, batia em todo e mandava embora”. Conseguir negociar, “nas tramas da cidade”, nas “dobras entre o legal e o ilegal”, de tal modo que seja permitido o funcionamento de um evento que, sem dúvida, movimenta muito o mercado ilícito, é uma tarefa árdua, que exige muita articulação, conversa e conhecimento de diversas “áreas”, dos dois lados da “fronteira”<sup>103</sup>

Mas o que é um fluxo de rua? Segundo Leto e Caio contam, na falta de lugares para se frequentar nas periferias, os jovens se reúnem nas ruas, de carro, com um som alto, e ficam tomando bebida alcoólica. No caso de Heliópolis, são várias as ruas onde o fluxo acontece. A ideia é tomar vodca e uísque com energético. Segundo Leto, nas ruas os ambulantes vendem até gelo de água de coco.

É de se reparar que Leto não parou de falar um segundo do fluxo. Estava extremamente animado com o que aconteceria à noite. Caio perguntou o que ele estava fazendo e ele respondeu que estava trabalhando. Leto ficou pensativo, abaixou a cabeça e disse: “o que eu sinto falta mesmo é da escola, do clima da escola, do pessoal. Vou entrar na faculdade. Quero ser alguém na vida”. Caio concordou e eu também. A ideia de estudar e ser alguém na vida está muito enraizada na mente das pessoas que conversei. Não somente isso, a ideia do esforço, de conquistar os sonhos dedicação, de que tudo é possível, parece ser um norte na vida de muitos meninos ali.

Acabou o corte, Leto cumprimentou todo mundo e foi embora. Já era quase oito horas da noite, também me despedi de todos, peguei minhas coisas e subi pra aula de boxe.

#### **4.5 Uma Ideia de Cidade dos Homens: gênero, masculinidade e visão de mundo**

Partindo de tudo que foi colocado neste e em outros capítulos, a primeira coisa que ressalto é a conformação de que a cidade que eu interpreto é uma das muitas cidades dos homens possíveis. Esta cidade é situacional, podendo ter aproximações e distanciamentos em relação a outros homens, outros lugares, outras pessoas. E nessa cidade eu também estou posicionado, tenho um lugar, também tenho cor e moro em um lugar. Eu também tomava os trens e também tinha minhas motivações.

A ideia de gênero é compreendida por mim como as relações de gênero e as subjetividades masculinas e femininas como resultantes de construções sociais, forjadas tanto a partir de interações – de homens/mulheres, homens/homens e mulheres/mulheres – quanto por dispositivos institucionais – discursos, leis, enunciados científicos, proposições filosóficas e morais –, que interferem nas subjetividades e nos atos cotidianos, corporais, sexuais e reprodutivos dos sujeitos (MEDRADO & LYRA, 2008).

Nessa perspectiva, a masculinidade não pode ser vista como formulação cultural de um dado natural, mas como fruto de interações e de dispositivos institucionais para a conduta humana que, ao longo da história, nomearam diferenças corpóreas e forjaram assimetrias e hierarquias. A masculinidade é um conjunto de atributos que significam o masculino e, ao mesmo tempo, serve para marcar oposição e diferença ao feminino.

Trata-se de uma posição nas relações de gênero que influencia as práticas e a forma como o sujeito se relaciona com experiências físicas, pessoais e culturais. Entretanto, é preciso cuidado para pensar sobre a diferença sem cair imediatamente em dualismos feminino/masculino. (SOUZA, 2010, p. 113)<sup>48</sup>

Portanto, neste trabalho não vou me aprofundar na discussão das masculinidades, tampouco no que seriam as feminilidades, mas notabilizar a base epistemológica que endossa este trabalho. Neste sentido, e fazendo um esforço para não reificar práticas e ações divididas por gêneros, é na construção dos sujeitos que veiculo a ideia fundamental de que a masculinidade é uma construção social, que reflete, configura e reconfigura as práticas e estruturas sociais.

Ainda neste sentido,

O conceito permite uma concepção mais dinâmica de masculinidade, entendida como estrutura de relações sociais, em que várias masculinidades não-hegemônicas subsistem, ainda que reprimidas por um consenso sustentado pelos significados simbólicos incorporados. Assim, hegemônico e subalterno se conformam em uma ordem social e econômica desigual e dividida em gêneros. Aos homens, cuja ordem de gênero é mais privilegiada, as relações de poder que permeiam a construção da masculinidade podem parecer pouco visíveis, mas isso é diferente para aqueles que estão em situação de menor vantagem. No contexto brasileiro, por exemplo, podemos aventar sobre as implicações decorrentes dos intercruzamentos entre gênero, raça e classe social para entendermos as relações que permeiam a constituição de masculinidades. Essa perspectiva, todavia, não implica numa “super simplificação” na qual os estudos sobre masculinidade acabariam por tipificar uma masculinidade negra e uma branca ou a existência de uma masculinidade trabalhadora e outra do empregador. (SOUZA, 2010, p. 115)

Nesta perspectiva, ressalto novamente que não pretendo aqui desvelar um tipo de masculinidade que seria desta ou daquela cor, deste ou daquele lugar, mas compreender a masculinidade como algo múltiplo e que, aqui, irradiaria através da conformação de cada sujeito de minha pesquisa, não o contrário.

Sendo assim, os lugares por onde circulam, as práticas e os modos de agir, as perspectivas situacionais, se não revelam o que é a masculinidade, não pode ser negada como uma perspectiva de mundo masculina, que se diferem, mas que muitas vezes se agrupam, que são estruturas que agem no indivíduo, mas que também são modificadas por ele. Dessa forma, por eu ser homem, são muitas as coisas que a mim tinham sentido semelhante ao dos meus interlocutores *a priori*, mas existem mais inúmeras outras que são diferentes. Neste trabalho, tentei desvelar as duas.

---

<sup>48</sup> Para um aprofundamento da questão, olhar Connell (1995, 1997) e Almeida (2000).

## **Considerações Finais**

Dando cabo a esta dissertação, trago aqui algumas considerações finais, à guisa de conclusão do trabalho. Este é um movimento importante, em que tento, de alguma forma, resumir as principais assertivas e os principais imperativos deste trabalho, mas também precipitar uma discussão para estudos vindouros.

Dessa forma, amarrei este último tópico do trabalho como uma espécie de resumo dos capítulos que foram aqui apresentados. É neste momento que tento mostrar todo o entrelaçamento das argumentações e trazer à tona a “cidade dos homens”, pois é no trabalho, na sua circulação, nas suas valorações e no agir que essa cidade se desvenda como produção de práticas, representações e espaços, e que tem na sua importância não a representatividade de estudos estatísticos, mas a profundidade de um estudo marcado na longa duração, na sistematização, na interpretação e, por fim, no próprio texto. Desse modo, ressalto de antemão o valor da etnografia enquanto metodologia de pesquisa, pois ela não é outra coisa senão rigor metodológico e honestidade intelectual.

As linhas de conclusão deste trabalho margeiam, justamente, os pontos ressaltados essencialmente nos três últimos capítulos, que são também os eixos argumentativos deste trabalho. Nesse sentido, finalizo a dissertação com breves análises sobre a circulação, sobre o dinheiro e valores e, por fim, sobre as possibilidades de construção de um universo masculino de cidade montado acerca do cotidiano e agência dos indivíduos nas mais diversas situações.

Por fim, cabe ressaltar que sempre que me refiro aos indivíduos, ou aos sujeitos da pesquisa, estou falando de um universo masculino, de práticas e representações, de ações e agências masculinas. Por isso o termo cidade dos homens, que reflete a incapacidade de generalização desta pesquisa.

### *Sobre Fluxo e Circulação*

Não é distante de nós imaginarmos um mundo onde pudéssemos conhecer os lugares que queremos. Tampouco nos é perto conhecê-los. Essas distâncias são sempre relativas, condicionadas por uma série de fatores, sendo o primeiro deles, o querer ir a algum lugar. Essa conformação hipotética de se querer ir para algum lugar está amplamente entrelaçada com os processos de construção de nós mesmos, seja pela estrutura da sociedade dos indivíduos, seja pelo curso da vida e o cotidiano reflexivo, que nos permitem, somados, a

experiência das coisas. Desse modo, vamos para algum lugar trabalhar, mas também vamos para algum lugar comprar roupa; vamos visitar parentes, mas vamos visitar clientes. Ademais, a relatividade da circulação tem a ver com dinheiro, com cor, com gênero, com oferta de transporte, etc. Dessa forma, nos seus áureos tempos, Eike Batista poderia sair do Rio de Janeiro e chegar na avenida paulista em tempo similar a alguém que saísse de Guaianases no mesmo horário para chegar ao mesmo destino.

O imperativo que ascende e insta é a necessidade de circular das populações periféricas. A narrativa da periferia conhecer o centro, mas o centro não conhecer a periferia, contempla boa parte destas questões. E a circulação produz, também, o espaço urbano, tornando o centro comercial de São Paulo um lugar mais plural do que outras regiões. Como já disse em outro momento, dinheiro não é determinante de onde se pode morar, mas de onde não se pode. E se o dinheiro limita a moradia nas regiões centrais, ele promove, de alguma maneira, a própria circulação de pessoas pela cidade.

Não é a maioria dos moradores de Guaianases que pode trabalhar em Guaianases. Sendo assim, o principal motivo de circulação é o trabalho. E isso é importante, além de tudo, porque tem a ver com a concentração de indivíduos nos transportes coletivos em determinados horários, originando o que chamamos de “fluxo” ou “horário de pico”. Estes horários são de pico pela concentração de pessoas indo trabalhar, não indo ao parque ou ao cinema. Devido a distância, os horários de concentração de pessoas nos transportes coletivos podem começar mais cedo ou mais tarde. E é por isso também que os trens abrem antes do metrô.

Como ficou claro na pesquisa etnográfica, a maior parte das pessoas que precisam sair de Guaianases e ir para regiões mais distantes que o Tatuapé, fazem isso pelo transporte público. O carro acaba sendo um utensílio – quando pensado na perspectiva do transporte – de deslocamento regional, utilizado, no dia a dia, para movimentos de menor duração e distância.

Desse modo, o papel do transporte público coletivo, para além da sustentabilidade<sup>49</sup>, pode ser entendido como uma importante engrenagem da cidade, que faz com que as pessoas consigam alcançar seus destinos com maior facilidade e praticidade. No entanto, esta engrenagem valiosa não funciona como deveria, tornando a vida das pessoas um pouco mais complicada. A sua importância não é acompanhada eficientemente, a despeito dos investimentos feitos.

O transporte público de São Paulo, dividido entre trens do METRÔ, trens da CPTM,

---

<sup>49</sup> Digo para além da sustentabilidade pelo fato, creio eu, das pessoas andarem de trem por ser mais barato e grande parte das vezes mais rápido que o carro, não sendo este agenciamento proveniente de uma pretensa valorização do planeta e perspectiva de redução de poluição

ônibus da SPTRANS normais e suplementares e ônibus da EMTU, funciona de maneira a camuflar a deficiência do metrô. É sabido que o metrô de São Paulo, apesar de manter um padrão referencial, tem poucos quilômetros. E os ônibus contribuem para aumentar o número de passageiros, pois distribuem boa parte deles para o sistema ferroviário. Como disse anteriormente, o metrô foi pensado para desanuiar o centro da cidade, não para atender e facilitar a vida de toda a cidade. Dessa forma, cabe ao morador da periferia pegar um ônibus suplementar, o trem, o metrô e, muitas vezes, mais um ônibus. E é justamente a necessidade do ônibus – e a conseqüente sujeição ao trânsito – que torna as viagens ainda mais demoradas.

Mas é de no transporte coletivo que as pessoas que as pessoas se movimentam, seja para ir trabalhar no centro, mas também para circular nas cidades a leste na RMSP. É de trem que Juca vai visitar os parentes em Suzano e Mogi das Cruzes, é de Trem que Candinho vai resolver algo em Poá e Gabriel vai até Ferraz. Se nos governos do presidente Lula (PT), o carro se tornou um bem mais acessível se se consumir, a sua utilização ainda é restrita devido ao seu alto gasto e, eventualmente, a pendências documentais.

Os indivíduos de minha pesquisa, tanto os cabeleireiros, quanto os clientes, circulam, para além do trabalho e coisas relativas a ele, pelas suas respectivas localidades. O lazer é sempre muito restrito e sua circulação aparenta tocar apenas as próprias regiões de moradia. Nunca ouvi uma história de alguém indo até o parque do Ibirapuera para um momento de diversão, ou indo até o Teatro Municipal. Muito provavelmente, o circuito turístico de São Paulo é pouco conhecido por estes indivíduos<sup>50</sup>.

A circulação está atrelada com o tipo de necessidade, e isso parece claro. Desse modo, se Caio estuda na Barra Funda e, eventualmente, vai a festas em Pinheiros, ele, dentro do salão, é um ponto fora da curva. Ao seguir um projeto de vida amplamente difundido pelas classes médias e Estado, isto também aumenta suas chances em fugir das premissas em diversas matérias. E este é um dos momentos em que se materializa a importância das trajetórias de vida.

### *Sobre Dinheiro e Valores*<sup>51</sup>

A minha argumentação perpassa a ideia de que mesmo o dinheiro reduzindo tudo a

---

<sup>50</sup> Não estou falando que isso é um determinante espacial ou econômico, apenas constatando. A explicação para isso é variada. Lembro que depois de 7 anos morando em Brasília, fui conhecer o Congresso Nacional quando fazia uma pesquisa com deputados federais. O que estou querendo dizer, portanto, é que o fato de serem de Guaianases contribui, mas não determina um conhecimento das localidades centrais no que tange o lazer

<sup>51</sup> O termo valores é utilizado em referências aos seus vários significados, como o valor pecuniário, os valores morais, e as próprias valorações sobre o mundo.

“quanto”, esta monetarização é relativa e tem a ver, também, com estética. Se os valores dos alugueis em Guaianases são mais baratos que na Vila Mariana, por exemplo, essa relação custo *versus* moradia não pode, pois, ser tomada a priori. E isso está relacionado com a ideia de padrão –ou, no limite, estética –, que nos territórios ganha uma amplitude menor do que em áreas mais ricas da cidade.

Este ponto argumentativo é importante, pois acaba desconstruindo uma possível ideia de cidade mais cara para os ricos e mais barata para os pobres. Na verdade, os números absolutos dizem menos do que a relação qualitativa que vislumbra a qualidade das moradias, seus modos de construção, seus materiais, qualidade de vida, custos de deslocamento, etc<sup>52</sup>.

Dentro da ideia de projeto de vida<sup>53</sup>, o que o configura e lhe dá sentido é a aquisição, pelo trabalho, de uma casa e de um carro. No entanto, enquanto as moradias não são compartilhadas esteticamente, ou seja, apesar de ser um signo compartilhado pelos cidadãos, as formas de simbolizar estes signos são diferentes. Só que as casas não tem “marca”, não tem um símbolo exato que a represente. E essa diferença é crucial em relação ao carro, que consegue reunir uma coesão maior justamente por ser um signo compartilhado, mas também girar em torno dos seus símbolos, dos seus significados, uma pretensa valoração mais horizontal na sociedade.

Isso quer dizer que, no projeto de vida, além de se querer um carro, as pessoas querem um carro bom, de certa marca. As simbologias das marcas também podem ser significadas de formas diferentes, em lugares diferentes, mas, como já ouvi, “uma BMW é uma BMW”. Isto quer dizer que o símbolo da hélice no céu azul, presente nos carros, que são signos compartilhados, podem ter diferenças enormes de significado, de entendimento sobre o carro, mas o fato de ser um carro caro, luxuoso, vai ser compartilhado. Em outras palavras, é no fato de ser entendido sob a égide pecuniária que lhe garante uma coesão simbólica. No caso das moradias, sua simbologia está ligada mais à localidade, como “casa de periferia”, sem ter, necessariamente, uma coesão.

Relacionado ao projeto de vida e dos indivíduos, me pareceu, desde os primeiros dias de pesquisa, que este está intimamente ligado com as bases religiosas. Dito de outra forma, a ideia de trabalhar e conquistar seus bens por esforço, superando as adversidades que vida lhes confere – e que todos estão cientes disso, justamente por saber que ser negro e da periferia

---

<sup>52</sup> A ideia não é homogeneizar as periferias ou os territórios como um local de moradia dos pobres, esquecendo de sua heterogeneidade. Na verdade, o caráter comparativo, que constrói dois polos diferentes, aqui, é apenas elucidativo de uma cidade muito mais complexa

<sup>53</sup> Sempre lembrando que estas são afirmações referentes a trajetórias e planejamentos masculinos

coloca vários obstáculos – tem a ver com um projeto evangélico que vem se tornando, nos territórios das grandes cidades, a base ontológica de constituição do pensamento.

Desse modo, surge uma questão que julgo ser imprescindível para a discussão: se antes o Brasil se constituía como um país de maioria católica, abrindo as portas do mundo através de uma lente cristã específica, agora, parece, que a lente do catolicismo vem sendo trocada pelas lentes pentecostais e neopentecostais, que tendem a ser mais conservadoras.

Assim sendo, uma pessoa não precisa ir na igreja para ser evangélica. Assim como o Brasil criou uma legião de “católicos não praticantes”, me parece haver uma pista para que esta lógica se estenda às religiões evangélicas, que expandem suas lógicas pelo meio social, pelas figurações, na interdependência.

Há algo de importância neste trabalho, que julgo fundamental, que são as valorações, ou as representações de periferia. A ideia de periferia, que como argumentei no trabalho, do ponto de vista analítico e conceitual, mais nos atrapalha que nos ajuda a entender estes territórios. Mas ela também paira pelo imaginário de suas populações.

Pra mim, Guaianases é um distrito periférico da cidade de São Paulo. A visão de periferia pra mim hoje é essa. Antigamente, quando eu era mais criança, periferia pra mim era mais favela, era tudo essas coisas. Hoje em dia eu vejo que periferia é um bairro periférico. É algo que pertence à periferia, ao limite de um determinado local. Então minha visão hoje é diferente da visão de quando eu era mais novo. Então quando eu era mais novo falava a periferia do estado de São paulo, eu falava favela, esgoto, rua sem pavimentação, mas a minha visão hoje de periferia é essa: periférico. (Caio, em trecho da entrevista)

Favela pra mim é um lugar onde tem uma sociedade, um grupo de pessoas, e que não tem uma estrutura boa de casa, de alimento, de educação, de tudo isso. Todas essas coisas. (E o que é periferia?). Periferia? É como se fosse a mesma coisa, só que com uma estrutura um pouco melhor. Como se fosse a própria favela, mas com uma estruturinha melhor. Por exemplo, a favela la (Jardim Vista Alegre) não tinha asfalto, não tinha rua, era só escada, Tá ligado? As casas eram de madeira, o telhado era uma lona, o esgoto assava na cozinha da mulher [...]. Periferia pra mim, pelo menos, era um lugar de pobre, mas que tinha asfalto, que tinha um mercadinho ali na esquina, as pessoas se vestiam com roupa limpa, pelo menos. Guaianases é periferia. Tem suas invasões, seus lugares piores de se viver, mas eu não convivo lá, não sei. (Juca, em trecho de entrevista)

Destaco estes trechos das falas de Juca e Caio em suas entrevistas para evidenciar um fator importante: independentemente da proximidade de avaliação do que seria periferia, do que seria favela ou de como, antigamente, as coisas eram muito piores, a ideia própria ideia de periferia e favela foge do escopo da ação, da agência e da prática. Dito de outra forma, periferia e favela seriam conceituações espaciais e materiais, mas não morais a princípio.

Independentemente disto, nas minhas idas para a Zona Leste, na vida cotidiana do bairro em geral, mas do salão mais especificamente, essa concepção moral de ser da periferia é

constantemente acionada. Isso tem a ver com coisas que só aconteceriam nestes territórios, mas também nas formas de agir dos indivíduos destes lugares.

### *Sobre Agir na Cidade dos Homens*

O agir em determinadas situações tem a ver com as próprias situações. O fato de ser situacional em muitos casos acaba quebrando o paradigma estruturalista: há sim uma reflexividade dos indivíduos para agenciar uma determinada situação. Saber proceder em diversas localidades é uma destas formas de saber agir, vinculada amplamente na própria ideia de circulação pela cidade. Se existe circulação, se nós circulamos, aprendemos novas práticas.

Neste caso, os meninos que reúnem para um fluxo na favela de Heliópolis, apesar de não saberem as práticas locais, as formas exatas de agir nas situações, sabem que o valor da humildade é imprescindível. Neste caso, se você não conhece uma determinada localidade, o mínimo que se espera de você é a humildade na chegada e na partida. Para além da humildade, é necessária a atenção, para que as coisas não percam seus rumos.

Neste sentido, é imprescindível evidenciar o caráter relacional e situacional das relações nesta teia de indivíduos que chamamos sociedade. As práticas e representações sociais não são as mesmas nos territórios. Isso seria mais simples de ser constatado caso não tivéssemos, em algum momento, colocado tudo na batuta da periferia, dos pobres, dos que muitos ainda chamam de “excluídos”.

Caio, que há pouco tempo começou a trabalhar na prefeitura de São Paulo, se veste com camisa de botão calça jeans e sapato. Ao chegar no salão, coloca o boné, camisa, bermuda e um chinelo ou tênis nike. Quando vai, eventualmente, em uma balada, a roupa muda novamente, bem como as formas de agir. O jeito como fala de igual pra igual com todosse encerra na hora em que a situação requer outra postura. E isso, os próprios meninos do salão encaram como um conhecimento de periferia: “Se alguém vier e meter o louco<sup>54</sup> comigo, eu vou meter o louco também. Tem que saber agir”

E é claro que esse saber agir que estou discutindo é, na essência, masculino. Meter o louco tem a ver com prática masculina, bem como não aceitar que façam isso consigo. Em diversas vezes pude acompanhar, em jogos do Corinthians no estádio, princípios de discussão, que eram apartadas, mediadas por indivíduos para ver se havia a necessidade do enfrentamento e, caso houvesse, este mesmo enfrentamento antes mediado, acabava por ser impulsionado

---

<sup>54</sup> Termo utilizado pra quem chega em uma determinada situação sem o diálogo, na cobrança, na predisposição de brigar

pelos presentes.

Ademais, saliento que se a normalidade do crime é para todos, os “criminosos” são via de regra, homens. Neste sentido, o conhecimento de certas práticas de homens do mundo do crime por aqueles que não são, está ancorado na própria rotina cotidiana de se encontrar com colegas, amigos e clientes que são ou já foram do crime. O julgamento de valor que divide o certo e o errado, me parece assumir um papel na conduta, não nas relações em si. E esta constatação ainda encontra nuances, como os tipos de crime. Gerente de biqueira é uma coisa, ladrão que rouba mulher é outra.

### *Concluindo a Conclusão*

A pesquisa etnográfica deste trabalho transcorreu essencialmente no ano de 2015. De lá pra cá, algumas coisas mudaram. Os meninos saíram do salão do Candinho, o Juca virou pai de um menino e eu virei padrinho do filho dele, o Gabriel se mudou de casa, o Brasil sofreu um golpe jurídico-parlamentar, etc. A vida continuou.

Para concluir esta dissertação, gostaria que ficassem marcados alguns pontos. O primeiro deles é a entrada em campo, amplamente descrita. Gosto de frisar que é possível entrar em campo pelo cotidiano, pela vida do dia a dia, pelas figurações. Claro que essa premissa não se encaixa em todos os casos, mas considero importante maturar sempre a ideia de proceder na pesquisa desta forma.

A segunda coisa tem a ver com as trajetórias dos indivíduos, marcada pela ascendência nordestina, de uma periferia criada por populações migrantes. A trajetória de vida de cada um deles nos ajuda a entender suas perspectivas sobre o passado, o presente e o futuro, suas bases ontológicas e os processos que os levaram a chegar aonde estão.

Por fim, salientar a complexidade de uma cidade como São Paulo, complexidade essa traduzida em suas ruas e vielas, nos seus sistemas de transportes, nas suas favelas e mansões, mas também nas suas figurações e teias de interdependência. Com este trabalho, espero ter contribuído um pouco nesta direção, a saber: complexificar as relações das pessoas nas relações, nas práticas, nas suas relações com a cidade, com aquilo que é material, mas também com o que não é.

## **Bibliografia**

ABRAMO, Pedro .A Cidade COM-FUSA: a mão inoxidável do mercado e a produção da estrutura urbana nas grandes metrópoles latino-americanas. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais (ANPUR), v. 5, p. 12-32, 2008.

\_\_\_\_\_. La ciudad COM-FUSA. Mercado y la producción de la estructura urbana en las grandes metropolis latinoamericanas. EURE (Santiago. En línea) JCR, v. 38, p. 43-59, 2012.

AGAMBEN, Giorgio. Homo Sacer: O Poder Soberano e a Vida Nua. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002

ALMEIDA, Ronaldo. Religião na Metrópole Paulista. RBCS Vol. 19 nº. 56 outubro/2004.

\_\_\_\_\_, Ronaldo de. Traduções do fundamentalismo evangélico, FFLCH-USP, São Paulo, doutorado em Antropologia, 2002.

\_\_\_\_\_. “Guerra de possessões” In: ORO, Ari P.; CORTEN, André; DOZON, Jean-Pierre (orgs.). Igreja Universal do reino de Deus: os novos conquistadores da fé, São Paulo, Paulinas, 2003.

BAENINGER, Rosana. Tendências das Migrações Internas no Brasil. Ciência Hoje, v. 37, p. 34-39, 2005.

BIONDI, Karina. Junto e Misturado: uma etnografia do PCC. São Paulo. Editora Terceiro Nome. 2010.

BOURDIEU, Pierre. O senso prático. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009

BURGOS, Marcelo Baumann. Cidade, Territórios e Cidadania. Dados, v. 48, n. 1, 2005

CAMPOS, Marcos Vinicius Lopes. Ferramentas de governo: Instrumentação e governança urbana nos serviços de ônibus em São Paulo. Dissertação. FFLCH/USP, 2016.

CABANES, Robert. Qual dialética é possível entre o espaço público e o privado? In CABANES, Robert; GEORGES, Isabel; RIZEK, Cibele; TELLES, Vera da S., Saídas de emergência, São Paulo, Boitempo, 2011, p. 437-459.

CONNEL, Robert. La organización social de la masculinidad. In: VALDES, Teresa; OLAVARRÍA, José. (orgs.) Masculinidades: poder y crisis. Santiago, ISIS-FLACSO/Ediciones de las Mujeres, 1997, pp.31-48.

\_\_\_\_\_. Políticas da masculinidade. Educação & Realidade, nº 20, Porto Alegre, 1995, pp.185-206.

CUNHA, José Marcos. Migração e urbanização no Brasil: alguns desafios metodológicos para análise. São Paulo Perspec. Vol.19 no.4 São Paulo Oct./Dec.2005

DAS, Veena. O Ato de Testemunhar: Violências, Gênero e Subjetividade. Cadernos Pagu, Campinas-SP, n. 37, 2011. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n37/a02n37.pdf>

DAS, Veena & POOLE, Deborah. Anthropology in the Margins of the State. Oxford: School of American Research Press/ James Currey: Santa Fé. 2004.

D'ANDREA, Tiarajú. A Formação dos Sujeitos Periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo. Tese de doutorado, Dpto. de Sociologia, USP, 2013.

DE CERTEAU, Michel. A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. Os Estabelecidos e os Outsiders. Jorge Zahar: Rio de Janeiro, 2000.

ELIAS, Norbert. O processo civilizador: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

\_\_\_\_\_. A Sociedade dos Indivíduos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FARIAS, Edson. Apresentação: Dossiê Norbert Elias: Releituras. Sociedade e Estado (UnB. Impresso), v. 27, p. 10, 2012.

\_\_\_\_\_. Memória, Saber Incorporado e Linguagem no Esquema de Norbert Elias. Estudos de Sociologia (Recife), v. 15, p. 167-216, 2009.

FELTRAN, Gabriel. Crime e castigo na cidade: Os repertórios da justiça e a questão do homicídio nas periferias de São Paulo. Caderno CRH.Salvador, v.23,p. 59-74,jan/abr. 2010.

\_\_\_\_\_. Desvelar a política na periferia: histórias de movimentos sociais em São Paulo. Campinas: UNICAMP, 2003. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas- SP, 2003.

\_\_\_\_\_. Governo que produz crime, crime que produz governo: o dispositivo de gestão do homicídio em São Paulo (1992-2011). Revista Brasileira de Segurança Pública. v. 6, n. 2, p. 232-255, ago/set 2012.

FONTES, Paulo. Um Nordeste em São Paulo: trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista. Rio de Janeiro, FGV, 2008.

GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. LTC: Rio de Janeiro, 1989.

GRILLO, Carolina. Coisas da Vida no Crime: tráfico e roubo em favelas cariocas. Tese de Doutorado em Sociologia e Antropologia. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

HIRATA, D. No meio do campo: o que está em jogo no futebol de várzea. In: TELLES, V.S.;

- CABANES, R. Nas tramas da cidade. Trajetórias urbanas e seus territórios. São Paulo: Humanitas, 2006. p.243-90
- HIRATA, Daniel. Produção da Desordem e Gestão da Ordem: notas para uma história recente do transporte clandestino em São Paulo. Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social, v. 4, n. 3, p. 441-465, 2011.
- MACHADO da SILVA, Luiz Antônio. Vida Sob Cerco: Violência e rotina nas favelas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- MACHADO DA SILVA, Luiz Antônio. Violência urbana, sociabilidade violenta e agenda pública (in) Vida sob cerco: violência e rotina nas favelas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. Editora Nova Fronteira. 2008b.
- MALLART, Fábio. Cadeias Dominadas: a fundação CASA, suas dinâmicas e as trajetórias de jovens internos. São Paulo, Terceiro Nome, 2014.
- MARCUSE, Hebert. A ideologia da sociedade industrial. O homem unidimensional. Rio de Janeiro: Zahar Ed. 1973.
- MARQUES, Adalton.. Crime, proceder, convívio-seguro: um experimento antropológico a partir das relações entre ladrões. Dissertação de mestrado em Antropologia Social. Universidade de São Paulo.2009.
- MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. A Ideologia Alemã. 3a edição, São Paulo, Ciências Humanas, 1982.
- MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. Revista Estudos Feministas, vol. 16, nº 3, Florianópolis, 2008, pp.809-840
- MENDONÇA, Tássia. Batan: Tráfico, Milícia e “Pacificação” na Zona Oeste do Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado em Antropologia, MN, Rio de Janeiro, 2014.
- MILLS, Wright Do Artesanato Intelectual. In: A imaginação sociológica. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975. P. 211-243.
- MISSE, Michel. Crime, sujeito e sujeição criminal1 : aspectos de uma contribuição analítica sobre a categoria “bandido”. Lua Nova, São Paulo, 79: 15-38, 2010.
- Neri, Marcelo. A nova classe média. Rio de Janeiro: FGV/IBRE/CPS, 2008.
- PADOVANI, Natália. Sobre casos e casamentos: Afetos e amores através de penitenciárias femininas em São Paulo e Barcelona. Tese de Doutorado em Antropologia, UNICAMP, 2015.
- Pochmann, Márcio. Nova Classe Média? O trabalho na base da pirâmide social brasileira. São Paulo: Boitempo, 2012.

POSTIGO, Evelyn. A BOLA DA VEZ: gestão e resistência no cotidiano de uma favela carioca em contexto de pacificação. Dissertação de Mestrado em Sociologia, São Carlos, 2014

RIBEIRO, Luci. Processo e Figuração: Um estudo sobre a Sociologia de Norbert Elias. Tese de doutorado em Sociologia. Unicamp, 2010.

RIZEK, Cibele. Práticas sociais e culturais: Novas Tessituras? Trabalho apresentado na ANPOCS, 2009.

\_\_\_\_\_. Etnografias Urbanas: cultura e cidade de dentro e de perto. Revista Redobra, no 12 . ano 4 . 2013. RIZEK, Cibele; GEORGES, Isabel. FREIRE, Carlos.

ROSA, Thais. Cidades Outras: pobreza, moradia e mediações em trajetórias urbanas liminares. Tese de Mestrado, IAU-USP, 2014.

SANTOS, José Douglas. Políticas de quebrada e políticas estatais referentes aos homicídios em Luzia, São Paulo. Dissertação de Mestrado, UFSCar, 2014.

SARAIVA, Camila. Periferia Consolidada como Categoria e Realidade em Construção, 2008.

SILVA, José Douglas. Políticas de quebrada e políticas estatais referentes aos homicídios em Luzia, São Paulo. Dissertação de Mestrado em Sociologia, São Carlos, 2014.

SIMMEL, Georg. 1973 [1903]. "A metrópole e a vida mental". In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). O fenômeno urbano. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

Souza, Jesse . A invisibilidade da luta de classes ou a cegueira do economicismo in: Bartelt, Dawid Danilo (org.). A "nova classe média" no Brasil como conceito e projeto político. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll, 2013.

SOUZA, Raquel. Rapazes negros e socialização de gênero: sentidos e significados de "ser homem". Cad. Pagu no.34 Campinas Jan./June 2010.

TELLES, Vera & CABANES, Robert. Nas Tramas da Cidade: trajetórias Urbanas e seus Territórios. São Paulo: Associação Editoria Humanitas, 2006.

TORRES, Haroldo G. et al. Pobreza e espaço: padrões de segregação em São Paulo. Estud. av. Vol.17 no.47 São Paulo Jan./Apr. 2003.

TORRES, H. A Fronteira Paulistana. In: Marques, E.; Torres, H. (Org.). São Paulo: segregação, pobreza e desigualdade. São Paulo: Editora Senac, 2005.

\_\_\_\_\_. Políticas Sociais e Território: uma abordagem metropolitana. SÃO PAULO EM PERSPECTIVA, 18(4): 28-38, 2004.

VILLAÇA, Flávio. Efeito do Espaço Sobre o Social na Metrópole Brasileira. VII Encontro Nacional da ANPUR. Recife, 1997.

WACQUANT, Loïc. Corpo e Alma. Notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Rio de Janeiro:

Relume Dumará, 2002.

WAIZBORT, Leopoldo. 2013. As aventuras de Georg Simmel. São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Sociologia da FFLCH-USP/ Editora 34.

WEBER, Max. Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva. Volume II. São Paulo: UNB, 2004.

WHYTE, William Foote. Sociedade de Esquina. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2005b.

ZAMBON, Gregório. A Cidade é Muita Cidade Dentro: Brasília, Ceilândia e a territorialização do Distrito Federal. Monografia de conclusão de graduação, UnB, 2013.



## Anexo 1

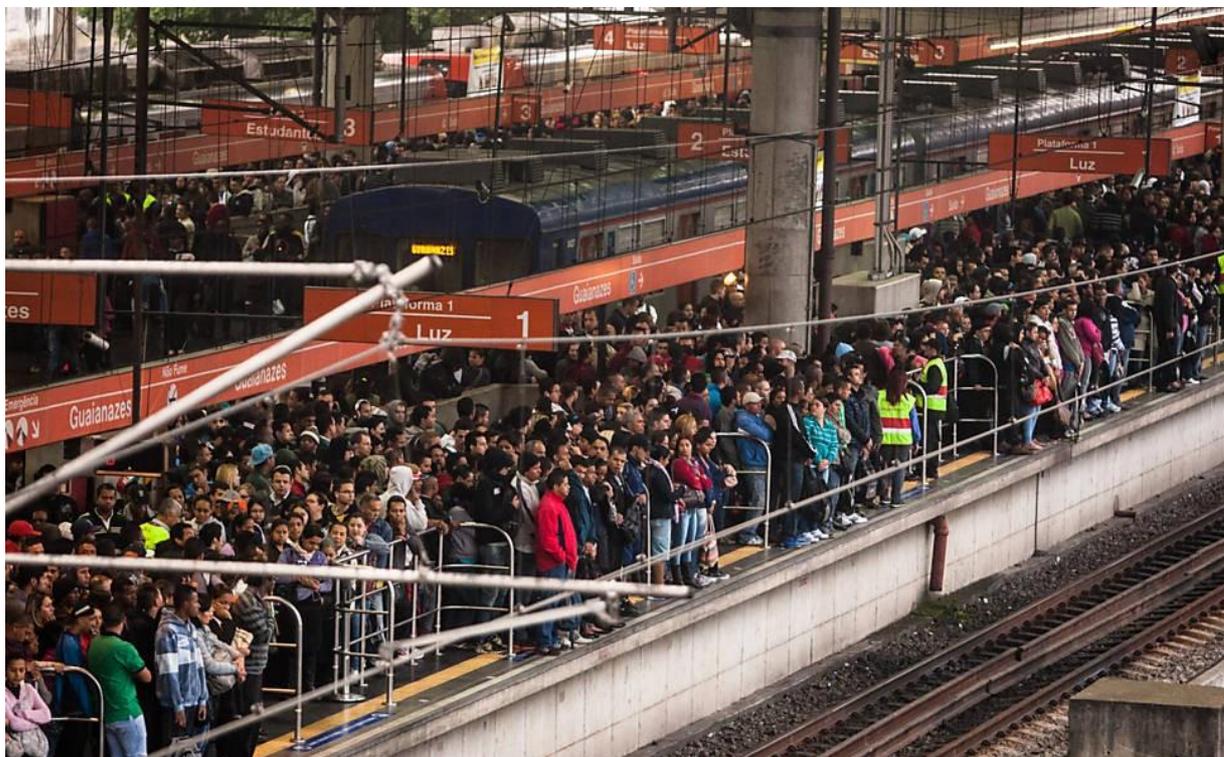


Foto: Eduardo Anizelli, Folha de São Paulo/Uol.

Nesta imagem é possível observar o grande número de pessoas esperando o trem para o centro. O maior problema, no entanto, é que a plataforma de desembarque do trem que chegará é a mesma que está tomada pelas pessoas para o embarque, tornando a operação ainda mais difícil. Ao fundo, um trem antigo com destino à estação Estudantes, em Mogi das Cruzes.